

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

EM TORNO DO NOSSO LAR:

UMA ANÁLISE DAS CONTROVÉRSIAS PRODUZIDAS NO MOVIMENTO ESPÍRITA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões por FABIANO CESAR DE MENDONÇA VIDAL.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dilaine Soares Sampaio

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Iracilda Cavalcante de Freitas Gonçalves.

JOÃO PESSOA-PB

2014

V648e Vidal, Fabiano Cesar de Mendonça.

Em torno do Nosso Lar: uma análise das
controvérsias produzidas no movimento espírita /
Fabiano Cesar de Mendonça Vidal.-- João Pessoa, 2014.

99f. : il.

Orientadora: Dilaine Soares Sampaio

Coorientadora: Iracilda Cavalcante de Freitas
Gonçalves

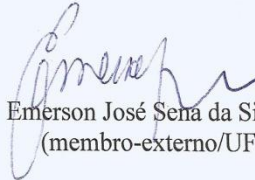
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

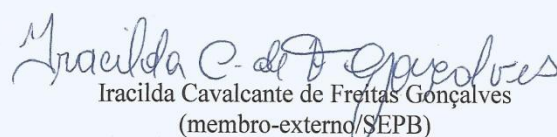
*“EM TORNO DO NOSSO LAR: UMA ANÁLISE DAS CONTROVERSAS
PRODUZIDAS NO MOVIMENTO ESPIRITA”*

Fabiano Cesar de Mendonça

Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:


Dilaine Soares Sampaio de Franca
(Orientadora/PPGCR/UFPB)


Emerson José Sena da Silveira
(membro-externo/UFJF)


Iracilda Cavalcante de Fretas Gonçalves
(membro-externo/SEPBB)


Fabrício Possebon
(membro-interno/PPGCR/UFPB)

Dedico este trabalho à minha família, em especial aos meus “desencarnados” queridos: Vicente Ferrer de Mendonça, Dalva Pessoa de Mendonça, Francisco de Assis Vidal e Julieta Pinto Vidal (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

À Clara Betania de Souza e Maria do Carmo F. Beleza, do arquivo de obras raras da Federação Espírita Brasileira (FEB), que gentilmente disponibilizaram, em formato digital, edições raras de *Reformador*, além da *Resenha Histórica Cronológica do livro Nosso Lar*.

À CAPES pela bolsa de estudos obtida durante todo o período do Mestrado, e sem a qual não teria sido possível a concretização deste trabalho, que implicou em diversas leituras de variadas fontes de pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba e toda sua equipe de professores, em especial Maria Lúcia Abaurre, Iracilda Gonçalves e Dilaine Soares Sampaio, grandes incentivadoras do presente trabalho.

À LIHPE – Liga de Pesquisadores do Espiritismo, pela sugestão de leituras que em muito enriqueceram o conteúdo deste trabalho.

À Associação de Divulgadores do Espiritismo do Rio de Janeiro (ADE-RJ), cujo presidente Sergio Fernandes Aleixo foi de fundamental importância para uma melhor compreensão dos embates doutrinários que se fazem presentes no movimento espírita brasileiro.

Aos amigos Anderson Santiago, Artur Felipe Ferreira, Davidson Manguiera, Edileide Bezerra, João Arnaldo Nunes, Maria das Graças Cabral, Maria Ribeiro, Magali Fernandes Oliveira, Nívia Rosa, Rose Ribas, Sônia Cristina Pinto e Karla Sousa pelo interesse e apoio demonstrados.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1. CONTEXTUALIZANDO O “NOSSO LAR”: O ESPIRITISMO NO BRASIL.....	08
1.1 A imortalidade e o pós-morte no Espiritismo.....	17
1.2 Nosso Lar: da obra mediúnica às telas do cinema.....	22
1.3 Nosso Lar: o filme	38
2. NOSSO LAR E O MOVIMENTO ESPÍRITA: DISCURSOS TRANSVERSOS.....	42
2.1 O discurso de Jean Baptiste Roustaing.....	46
2.2 O discurso de Emanuel Swedenborg	63
2.3 O discurso de contemporâneos	68
2.4 As controvérsias em torno do Nosso Lar nos discursos de grupos espíritas no Facebook.....	73
3. O NOSSO LAR E O DISCURSO KARDEQUIANO: MAPEANDO AS CONTROVÉRSIAS	79
3.1 Considerações finais.....	87
REFERÊNCIAS.....	90

RESUMO

O presente trabalho possui um olhar histórico-antropológico, de caráter essencialmente bibliográfico, e tem por intenção abordar as controvérsias existentes no Movimento Espírita entre a obra de Allan Kardec e *Nosso Lar*, obra de Francisco Cândido Xavier cujo autor espiritual é André Luiz. Pretendendo recuperar as controvérsias que se estabeleceram no momento do surgimento da obra, foram utilizadas edições de *Reformador*, uma das principais e mais antigas publicações espíritas no Brasil. Para demonstrar a atualidade da temática, foram também analisadas as controvérsias presentes em grupos espíritas no Facebook que envolvem o *Nosso Lar*. O trabalho, ao tomar como inspiração as ideias de Bruno Latour acerca das controvérsias, rastreia os atores que possibilitaram, em nosso entendimento, uma reelaboração original do Espiritismo kardecista no Brasil. Embora as obras de Allan Kardec sejam utilizadas como base doutrinária, seus princípios serão revisitados por Bezerra de Menezes e Chico Xavier, cujos trabalhos serão fundamentais na origem de um espiritismo à brasileira conforme as ideias defendidas por Sandra Jacqueline Stoll.

Palavras chave: Espiritismo, controvérsias, *Nosso Lar*.

ABSTRACT

The present work has a historical-anthropological perspective, it is essentially bibliographical and intends to address the existing controversies in the Spiritist Movement between Allan Kardec's books and Francisco Cândido Xavier's book, "Nosso Lar" ("Our Home", in English), whose spiritual author is André Luiz. As we retrieved such controversies that were present since the time "Our Home" was published, many issues of the magazine "Reformador" were consulted once it is one of the oldest and most important Spiritist publications in Brazil. In order to demonstrate the relevance of the subject, we also analyzed the controversies within some spiritist groups on Facebook that involve the book "Nosso Lar" ("Our Home"). This study, when using some of Bruno Latour's ideas about controversies, investigates the actors that enabled, in our view, an original re-elaboration work of Kardecist Spiritism in Brazil. Although Allan Kardec's books are used as the doctrinal basis, their principles were revisited by Bezerra de Menezes and Chico Xavier, whose works were essential in the origin of a Brazilian Spiritism, according to the ideas defended by Sandra Jacqueline Stoll.

Keywords: Spiritism, controversies, Our Home.

1. INTRODUÇÃO

Há cerca de seis anos decidi conhecer mais profundamente a doutrina espírita elaborada por Allan Kardec, pois considerava seu conteúdo doutrinário divulgado pela mídia e imprensa escrita algo um tanto vago. A leitura das obras kardequianas despertou meu interesse pelo tema, e dei continuidade a estas com a obra *Nosso Lar*, romance mediúnico psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, de autoria atribuída ao espírito André Luiz.

Despertou-me a atenção em *Nosso Lar* teses que não se encontravam nas obras de Kardec. Decidi, então, me aprofundar ainda mais nas leituras acerca do Espiritismo, e encontrei, para minha surpresa, várias controvérsias a respeito de temas que poderiam, ou não, serem aceitas como *verdades doutrinárias espíritas*.

A partir dessa constatação, nasceu a ideia de estudar esse *jogo de vozes* existente no movimento espírita, com o objetivo de compreender suas razões e como essas controvérsias ajudaram a moldar o “espiritismo à brasileira” como o conhecemos hoje.

Com essa finalidade, este trabalho se propõe a discutir as controvérsias existentes entre a obra de Kardec e o *Nosso Lar*, de Francisco Cândido Xavier, tomando por inspiração o conceito de controvérsia de Bruno Latour (2012) e utilizando a metodologia de análise do discurso de Michel Foucault (2011) para compreender a produção do discurso da doutrina, seus modos de legitimação e rejeição.

Para atingir esse objetivo, foi realizada uma seleção de obras de autores espíritas e acadêmicos, a fim de nos aprofundarmos no discurso produzido pelos adeptos do Espiritismo e de seus autores espirituais, em nosso caso, André Luiz, sujeito-narrador da colônia espiritual *Nosso Lar*. Portanto, foi-nos necessário estudar, além das obras de Allan Kardec e André Luiz, autores reconhecidos como de *renome* no movimento espírita, a exemplo de José Herculano Pires, Sergio Fernandes Aleixo, Heigorina Cunha, Nazareno Tourinho, Krishnamurti Carvalho Dias, Marlene Nobre e Suely Caldas Schubert, que não só discutiram a temática das colônias espirituais, como demais assuntos a ela relacionados. Dentre os acadêmicos, destacamos Emerson Giumbelli, Célia da Graça Arribas, Fábio Luiz da Silva, Iracilda Cavalcanti de Freitas e Maria Ângela Vilhena.

Nesse levantamento, foi realizada pesquisa também na internet, com o intuito de perceber a vivacidade ou não da temática abordada, em função da necessidade de confirmar a hipótese de que a discussão em torno do *Nosso Lar* pelos espíritas encontrava-

se viva. Deparamo-nos, pois, com a realidade de que as controvérsias entre as obras de Allan Kardec e o *Nosso Lar*, de André Luiz, assim como a produção de discursos a ela relacionados, encontra-se quase que em *tempo real* na internet, onde a localizamos com relativa facilidade em redes sociais no *Facebook*, em *blogs* e até mesmo em vídeos no *Youtube*, fato que, em nossa visão, comprova a atualidade e a vivacidade do objeto de estudo desta pesquisa. Desse modo, entendo que ela pode dar sua parcela de contribuição no entendimento da produção destes discursos através das controvérsias produzidas pelo movimento espírita, geralmente dividida entre os adeptos mais tendentes ao movimento religioso (e que comumente são denominados de *místicos*) e aqueles mais identificados com a dita face científica da doutrina espírita (também identificados como *ortodoxos*).

No que se refere à estruturação do trabalho, no primeiro capítulo abordo a chegada do Espiritismo no Brasil, a perseguição à nova doutrina pela Igreja Católica e o esforço empreendido por adeptos como Luiz Olympio Telles de Menezes, Bezerra de Menezes e Chico Xavier para legitimar a doutrina kardecista em seu caráter religioso. Discuto ainda os conceitos de imortalidade e pós-morte conforme entendido pelo kardecismo e a trajetória de sucesso do livro *Nosso Lar*, lançado na década de 1940 até a sua versão cinematográfica na década de 2000.

No segundo capítulo abordo os discursos transversos do movimento espírita a partir do *Nosso Lar*, assim como a influência de autores como Emanuel Swedenborg e Jean Baptiste Roustaing, este último contemporâneo de Allan Kardec, nas teses apresentadas pelo autor espiritual André Luiz no *best seller* de Chico Xavier. Analiso ainda a construção de discursos empreendidos pela Federação Espírita Brasileira e adeptos favoráveis ou contrários às teses apresentadas na obra *Nosso Lar*.

No terceiro capítulo trato, com mais ênfase, das controvérsias existentes no movimento espírita brasileiro a partir do *Nosso Lar*, realizando a cartografia das controvérsias seguindo o modelo de Bruno Latour (2012). Com esse intuito, selecionamos duas temáticas causadoras de grandes debates entre os adeptos do Espiritismo: a existência das colônias espirituais e as necessidades e sofrimentos dos espíritos na vida pós-morte.

Em seguida tecemos as considerações finais buscando demonstrar que os atores envolvidos nas controvérsias que permeiam o movimento espírita brasileiro ajudaram a moldar um *Espiritismo à brasileira* conforme as ideias de Sandra Jacqueline Stoll (2003).

1. CONTEXTUALIZANDO O “NOSSO LAR”: O ESPIRITISMO NO BRASIL

Não pretendo, neste trabalho, reapresentar a história do Espiritismo em seus pormenores, pois considero que esta temática já foi devidamente abordada tanto por autores acadêmicos como Aubrée & Laplantine (1990) e Emerson Giumbelli (1997) quanto por adeptos como Arthur Conan Doyle (1995) e Dalmo Duque dos Santos (2010)¹. Desta forma, abordarei aqui apenas o que é concernente ao objeto de estudo.

Prandi (2012) ressalta que, anterior a Allan Kardec, a possibilidade de comunicação com os espíritos prosperavam mundo afora durante o decorrer do século XIX, fato este que atraiu o interesse de variados grupos de pessoas, interessadas na experimentação científica desses fenômenos e a comprovar a existência de vida após a morte (PRANDI, 2012, p.21). Um dos fatos mais importantes ocorridos neste período foram as experiências vividas pela família Fox em Hydesville, Estados Unidos, no ano de 1848. As filhas do casal John D. Fox e Margareth Fox, Katherine, de onze anos, e Margaret, de catorze, se tornaram protagonistas de um episódio tido por Prandi como “o início do espiritismo” (PRANDI, 2012, p.21), embora ainda estivesse distante deste ter um corpo doutrinário constituído. Os fenômenos presenciados pela família Fox consistiam de vibrações, pancadas no assoalho, coisas que deslizavam e raspavam, sem nenhum motivo aparente (COELHO, 1982, p.81).

De acordo com o relato de Conan Doyle (1995), foi na noite de 31 de março de 1848 que “Kate Fox desafiou a força invisível a repetir as batidas que ela dava com os dedos” (DOYLE, 1995, p.75), tendo sua provocação imediatamente respondida na forma de golpes. Não tardou para que a notícia se espalhasse e uma comissão de investigação foi organizada para um jogo de perguntas e respostas com a inteligência invisível. Obtiveram as informações de que a inteligência que se manifestava era um espírito de alguém assassinado naquela residência, aos trinta e um anos de idade por motivos relacionados a dinheiro, e cujo corpo fora enterrado numa adega. O alegado espírito comunicante também revelara o nome de seu assassino (DOYLE, 1995, p.76).

Na concepção de Dalmo Duque dos Santos (2010),

Os seres de Hydesville eram espíritos, seres inteligentes que estavam invadindo a Terra com a clara intenção de causar espanto e curiosidade. A estratégia deles era mexer com a imaginação popular, causar um choque no senso comum das

¹AUBRÉE, Marion. **A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil.** GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo;** DOYLE, Arthur Conan. **A História do Espiritismo;** SANTOS, Dalmo Duque. **Nova História do Espiritismo – Dos precursores de Kardec a Chico Xavier.**

peessoas e sacudir toda a estrutura de conhecimentos teológicos e científicos dominantes no mundo contemporâneo (SANTOS, D., 2010, p.14).

Ainda de acordo com este autor, os “seres de outro mundo” que se comunicavam através do fenômeno das mesas girantes, que teve como consequência a elaboração da doutrina espírita ou Espiritismo na França, buscavam “chamar a atenção para diversos assuntos pendentes há séculos, no campo do conhecimento filosófico e religioso” (SANTOS, D., 2010, p.18). Este fenômeno é o fato impulsionador para que Allan Kardec desse início às suas pesquisas a respeito deste acontecimento, muito comum no país, no ano de 1853, e que era considerado por grande parte da sociedade da época como um entretenimento:

O fenômeno ocorria quando pessoas se colocavam ao redor de uma mesa, em cima da qual punham as mãos. Levantando um dos pés, a mesa dava uma pancada equivalente a uma determinada letra que servia ao espírito comunicante para formar palavras (VIDAL, 2013, p.12).

Porém, é apenas em 1854 que o pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail terá seu primeiro contato com as mesas girantes, através de um colega da Sociedade de Magnetistas, de nome Fortier, ocasião em que inicia seus estudos acerca do fenômeno (KARDEC, 2003, p.15). Sua conclusão é de que as comunicações recebidas através das mesas estavam muito além do conhecimento social e cultural dos participantes das sessões. Foi neste período que afirma ter recebido, através de um espírito denominado *Verdade*, a revelação de que seria o responsável pela codificação de uma nova doutrina. Os espíritos ainda teriam lhe revelado seu nome - Allan Kardec - em uma encarnação anterior como druida, assinatura que, mais tarde, utilizou como pseudônimo no lançamento de *O Livro dos Espíritos*, ocorrido em 18 de abril de 1857.

A chegada da doutrina espírita no Brasil se dá em consequência das estreitas ligações entre intelectuais de ambos os países. Órgãos da imprensa brasileira, a exemplo de o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro e o *Diário de Pernambuco* de Recife, além de *O Cearense*, de Fortaleza, dão destaque sobre os fenômenos mediúnicos que ocorriam nos Estados Unidos e na Europa (ARRIBAS, 2010, p.53).

Santos destaca que “por muitas décadas, desde sua chegada ao Brasil, o Espiritismo cresceu num ambiente maciçamente católico”. Nesta época, segunda metade do século XIX, a Igreja Católica, que possuía o *status* de religião oficial do país, conforme estabelecido no artigo 5º da Constituição Brasileira, encontrava-se em um momento conflituoso com o Império (SANTOS, 2004, p. 15).

Todavia, o mesmo artigo que dava à religião católica esse *status* permitia, com algumas restrições, a possibilidade de instalação de outras religiões em solo brasileiro. Assim, seus adeptos praticavam a sua fé quase que na clandestinidade, de forma discreta, sem poder promovê-la, atrair novos adeptos e tampouco realizar suas práticas em lugares marcados por qualquer tipo de identificação externa.

Os primeiros grupos destinados ao estudo dos princípios espíritas no Brasil surgem no Rio de Janeiro (1865) e Salvador (1873), sendo constituídos por “membros da colônia francesa instalada na Corte, além de integrantes das elites e classes médias locais, dentre os quais se destacavam intelectuais, médicos, engenheiros e militares” (STOLL, 2003, p.49).

O principal modo de divulgação do Espiritismo, em solo brasileiro, ocorreu através da literatura: *Les temps sont arrivés*, de 1860 e autoria de Casimir Lieutaud, publicado em francês e *Echos de Além-Túmulo*, cujo lançamento ocorreu na Bahia em julho de 1869.

Segundo Stoll, à época do lançamento destas obras, Allan Kardec ainda estava envolvido com alguns dos seus principais títulos doutrinários, que não tardaram a chegar ao Brasil, traduzidos para o português² (STOLL, 2003, p.50). Reginaldo Prandi destaca que, à época da formação do Espiritismo,

A França era o país que mais servia ao Brasil como referência cultural, artística, filosófica e científica. As poucas livrarias brasileiras vendiam, sobretudo, livros publicados na França, e até obras escritas por brasileiros eram editadas naquele país (PRANDI, 2012, p.47).

De acordo com este autor, o sucesso das ideias de Allan Kardec apresentadas em *O Livro dos Espíritos* foi imediato, fato que chamou a atenção do jornalista Paulo Barreto, mais conhecido por João do Rio, que mais tarde publicou, em livro, uma série de reportagens sobre as religiões praticadas na então capital federal, *As religiões do Rio* (1904), obra compreendida por Prandi como “um repositório de preconceito e intolerância contra as crenças que surgiam em um Brasil em que o Catolicismo reinava como religião oficial e era a única tolerada” (PRANDI, 2012, p.47). No caso do Espiritismo, João do Rio relata que havia, na “sociedade baixa” pessoas credulamente enganadas por traficantes que apresentavam uma mistura de feitiçaria com catolicismo e que, entre os adeptos de classes de “gente educada” havia os frívolos e tolos dos quais “o espiritismo científico deles se serve para triunfar...” (JOÃO, 2006, p.269). Porém, se faz interessante ressaltar que, em determinada passagem de seu texto acerca da temática espírita,

² Stoll se equivoca quanto à data de lançamento do *Echos de Além-Túmulo*. Para esta autora, seu lançamento ocorreu na Bahia em 1865, porém este periódico teve seu lançamento em julho de 1869, portanto, Allan Kardec, que havia falecido a 31 de março do mesmo ano, não conheceu o periódico brasileiro.

João do Rio oferece um amplo espaço para a reprodução de um discurso de Leopoldo Cirne³ sobre os princípios básicos do Espiritismo kardecista, deixando suas críticas mais pesadas às práticas do *baixo espiritismo*, que acompanhou durante oito dias ao lado do amigo e Marechal Ewerton Quadros, primeiro presidente da Federação Espírita Brasileira (JOÃO, 2006, p.282):

(...) Além dos raros grupos onde se procede com relativa honestidade, os desbriados e os velhacos são os seus agentes. Os médiuns exploram a credulidade, as sessões mascaram coisas torpes e de cada um desses viveiros de fetichismo a loucura brota e a histeria surge (...) (JOÃO, 2006, p.283).

O Espiritismo que desde sua chegada ao Brasil, em fase anterior à proclamação da República, foi perseguido pela religião oficial do Império, o Catolicismo, necessitou realizar um grande esforço na busca de sua legitimação em solo brasileiro. Considero a primeira tentativa nesse sentido a criação, no ano de 1869, em Salvador, do periódico *O Écho de Além-Túmulo*, primeira publicação espírita em solo brasileiro que apresentava por objetivo a divulgação dos princípios básicos da doutrina espírita, enfatizando sempre a necessidade de estudá-la para uma melhor compreensão. Seu idealizador, o jornalista Luiz Olympio Telles de Menezes, que reuniu seus companheiros do Grêmio de Estudos Espíritos da Bahia (ARRIBAS, 2010, p.63), defendia a tese de que para ser espírita seus adeptos não necessitavam abandonar o Catolicismo, religião oficial do país, uma vez que considerava o Espiritismo “uma filosofia de vida, uma conduta moral, que podia conviver, nesse momento, com o Catolicismo” (GOMES, 2012, p.155).

Ubiratan Machado destaca que Luiz Olympio fora criado em uma família católica e que, por isso, não admitia a possibilidade de separar-se da Igreja de Roma, fazendo sempre questão de declarar-se como espírita e católico, opção que “causava então espanto, revolta, indignação” (MACHADO, 2010, p.13).

De acordo com Fernandes, essa opção de Luiz Olympio em associar o Espiritismo Kardecista ao Catolicismo ocorreu, provavelmente, com a intenção de “proteger-se para não ser identificado como adversário da religião oficial do Estado” (FERNANDES, 2010, p.60).

Todavia, essa opção realizada por Telles de Menezes não parece ter encontrado ressonância em solo francês. Em correspondência enviada pela *Société Anonyme à parts*

³ Leopoldo Cirne nasceu na Paraíba em 13 de abril de 1870 e é considerado pela Federação Espírita Brasileira, instituição da qual foi presidente após a morte de Bezerra de Menezes em 11 de abril de 1900, um dos maiores vultos do Espiritismo brasileiro. Foi o responsável pela tradução dos livros *No Invisível* e *Cristianismo e Espiritismo*, ambos de autoria de Léon Denis. Faleceu no Rio de Janeiro em 31 de julho de 1941 (Adaptado da biografia disponível no site da Federação Espírita Brasileira. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Pesquisa/Textos/Leopoldo%20Cirne.pdf>>. Acesso em 26 nov.2013).

*d'intérêts à Capital Variable de la Caisse générale et centrale du Spiritisme*⁴, datada de 11 de outubro de 1869 e assinada por Armand Théodore Desliens⁵ ao periódico espírita brasileiro, havia elogios à iniciativa brasileira na difusão do Espiritismo, mas também críticas “acerca de certas passagens, umas relativas aos dogmas religiosos”(FERNANDES, 2010, p.64) e outra que considerava que

(...) O Espiritismo não deve adstringir-se a nenhuma forma religiosa determinada; é, e deve permanecer uma filosofia progressiva e tolerante, abrindo seus braços a todos os deserdados, qualquer que seja sua nacionalidade e a crença religiosa a que pertençam (FERNANDES, 2010, p.64).

Mesmo diante dessa declarada intenção de Telles de Menezes em conciliar Espiritismo e Catolicismo, a doutrina espírita não escapou dos ataques da Igreja Católica, que a 25 de julho de 1867, publica uma pastoral assinada pelo Arcebispo baiano D. Manuel Joaquim da Silveira, enfatizando a necessidade de censurar e combater o Espiritismo (GOMES, 2012, p.157). As causas que levaram ao Catolicismo combater enfaticamente a doutrina espírita foram:

(...) O Espiritismo se implantou no que era então o núcleo dominante da população católica; criou bases sólidas no período final do Império; beneficiou-se da retração que o Catolicismo vivia, uma vez que este ia perdendo a relação privilegiada que mantinha com o Estado, no Brasil. Ocorriam conflitos entre a administração do Império e a hierarquia católica, como na Questão Religiosa (1872-1875) que resultou na condenação de dois bispos. Ao mesmo tempo, as elites políticas do país debatiam a proposta de separar a Igreja do Estado (SANTOS, 2004, p.17).

Diante desse cenário, Santos considera que “no âmbito estritamente religioso das últimas décadas do século XIX, era o Espiritismo a ameaça religiosa mais visível para a hierarquia católica” (SANTOS, 2004, p.17). Em 24 de agosto de 1871, Olympio Telles de Menezes realiza, juntamente ao Vice-Presidente da Bahia, Dr. Francisco José da Rocha, a primeira tentativa de reconhecimento oficial do Espiritismo. O requerimento entregue pedia aprovação dos estatutos e autorização para o funcionamento do que seria a Sociedade Espírita Brasileira. Este não seria um empreendimento fácil, por duas razões: primeiro, a Constituição do Império que permitia a coexistência de outras religiões apenas para o culto doméstico ou particular; segundo, o decreto 2.711, de 19 de dezembro de 1860 que determinava que a aprovação por parte do governo de

⁴ Sociedade Anônima sem fins lucrativos de Capital Variável da Caixa Geral e Central do Espiritismo.

⁵ O conteúdo da missiva de A. Desliens para Luiz Olympio Telles de Menezes foi reproduzida na íntegra na *Revista Espírita* de novembro de 1869, ano décimo segundo. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005.

qualquer sociedade religiosa não-católica deveria ser submetida para a aprovação do Ordinário, D. Manoel Joaquim da Silveira, com quem Telles de Menezes polemizara alguns anos antes (MACHADO, 1983, p.98).

Tentando escapar da reprovação do Ordinário, a Sociedade Espírita do Brasil lançou mão de um subterfúgio ao apresentar-se, em seus estatutos, como “associação literária e beneficente”. A estratégia não obtém sucesso e sua aprovação é negada. Em seu parecer, o Arcebispo argumenta que o Espiritismo era “um atentado formal contra a fé católica”, e que uma doutrina que possuía por objetivo contrariar a religião do Estado, só poderia ser contra esse mesmo Estado (MACHADO, 1983, p.98).

Machado considera essa reprovação por parte do Arcebispo Dom Manoel Joaquim da Silveira à instalação da Sociedade Espírita do Brasil como a primeira grande vitória da Igreja Católica sobre o Espiritismo na Bahia. Com a derrota, houve um desânimo generalizado entre os espíritas. A partir deste acontecimento, a capital espírita do Brasil desloca-se de Salvador para o Rio de Janeiro, capital do Império, local de grandes agitações (MACHADO, 1983, p.98).

A doutrina espírita de Allan Kardec estabelece-se no Rio de Janeiro, na década de 1870, onde começa a organizar seu movimento. Novamente, a Igreja Católica realiza ataques ao Espiritismo através de seus sermões e documentos de oposição à nova religião (SANTOS, 2004, p.17).

O período de implantação do Espiritismo no Rio de Janeiro coincide com projetos políticos que buscavam construir a imagem do Brasil como um país moderno e civilizado, sendo a capital do Império vista como uma cidade de progresso onde ocorriam grandes acontecimentos históricos, ou seja, era a partir do Rio de Janeiro que se projetavam mudanças que depois ecoariam para o restante do país (GOMES, 2012, p. 158).

O interesse demonstrado pelo Espiritismo no Rio de Janeiro fez com que a doutrina kardecista adentrasse nas altas rodas imperiais. Como exemplo, Araia⁶ cita uma ocasião na qual a Princesa Isabel solicitou ao escritor Joaquim Manuel de Macedo, autor de *A Moreninha*, adepto e pesquisador do Espiritismo, que descobrisse quem era seu protetor espiritual. Todavia, apesar de haver conquistado espaços nas altas rodas, a doutrina kardecista ainda era praticada às escondidas, em virtude do aumento da perseguição realizada pela Igreja Católica. O Espiritismo em terras cariocas registrou seu maior avanço a partir de 1873, ano no qual é fundada a Sociedade de Estudos Espíritas – Grupo Confúcio, cujo nome é uma homenagem a um espírito que, anos antes, transmitira mensagens consideradas como de grande nível moral em reuniões

⁶ Eduardo Araia é jornalista, diretor de redação da Revista Planeta e autor do livro *Espiritismo, doutrina de fé e ciência*.

realizadas por Sequeira Dias, não havendo, portanto, nenhum tipo de alusão ao antigo filósofo chinês. Esse grupo é o responsável por traduzir as obras de Kardec para a língua portuguesa, possibilitando que mais pessoas tivessem acesso às teses defendidas pela doutrina espírita. Dentre as primeiras obras traduzidas estavam *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e *O Céu e o Inferno*. A importância dessas traduções na disseminação das teses espíritas pode ser medida pela conversão do médico Adolfo Bezerra de Menezes, então católico, ao Espiritismo, após tomar contato com a doutrina através de uma dessas publicações. (ARAIA, 1996, p.101-102).

Em 1884 é fundada, no Rio de Janeiro, a Federação Espírita Brasileira – FEB, que em seu princípio, possuía como premissa inicial “ser uma referência nacional para o movimento espírita, que se dissertinava (sic) em várias partes do país. (...) A Federação pretendia ser a representante do Espiritismo no Brasil” (SANTOS, 2004, p.23). Contudo, Giumbelli contesta essa função de representação do Espiritismo, tomando por base edições do jornal *Reformador*⁷ da época. Para ele, “a entidade não se propunha a representar grupos, mas a ser um instrumento de divulgação da doutrina espírita, congregando esforços de indivíduos que eram convidados a ela se associar” (GIUMBELLI, 1997, p.63). De acordo com este autor, a FEB só viria a assumir este papel de representação de grupos “a partir de determinado momento”, no qual obtém certo reconhecimento que torna possível desempenhá-lo (GIUMBELLI, 1997, p.63). Segundo Giumbelli, será a partir de 1895, em função da repressão ao Espiritismo instituído pelo código penal de 1890, que a FEB assumirá “a dupla missão, diante do conjunto dos grupos e dos adeptos espíritas do Rio de Janeiro e mesmo do Brasil, de orientá-los doutrinariamente e representá-los institucionalmente” (GIUMBELLI, 1997, p.40).

Com a proclamação da República, em 1889, deu-se a instalação, no Brasil, de um Estado laico. Os espíritas, que durante o Império eram atacados e perseguidos por órgãos da imprensa e eram acusados por médicos pela prática ilegal da medicina e, até mesmo, de charlatanismo, defrontaram-se com um cenário ainda mais rigoroso em relação ao Espiritismo, uma vez que o Código Penal de 1890 estabelecia, através dos artigos 156, 157 e 158, severas punições àqueles que praticassem curandeirismo, charlatanismo e espiritismo (ARRIBAS, 2010, p.119-120):

Art. 156. Exercer a medicina em qualquer de seus ramos, a arte dentária ou a farmácia: praticar a homeopatia, a dosimetria, o hipnotismo ou magnetismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos.

⁷ *Reformador* é o órgão oficial de imprensa da Federação Espírita Brasileira, tratando de assuntos dedicados ao Espiritismo, atuando em defesa e pela propaganda da doutrina espírita, com artigos escritos por colaboradores locais, contendo notícias sobre o movimento espírita no Brasil e em outros países (Adaptado de GIUMBELLI, 1997, p.63).

Art. 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancia, para despertar sentimento de ódio ou amor, inculcar curas de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública. Pena: de prisão celular de 1 a 6 meses e multa de 100\$000 a 500\$000

Art. 158. Ministras ou simplesmente prescrever, como meio curativo, para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo, assim, o ofício do denominado curandeiro (ARRIBAS, 2010, p.120-121).

Nesta nova conjuntura, os adeptos do kardecismo estavam sujeitos a sofrer judicialmente processos condenatórios, como de fato, ocorreu. A respeito desses artigos do Código Penal, afirma Giumbelli:

Como um crime contra a ‘tranquilidade pública’, o ‘espiritismo’ distingue-se de outros crimes em função da entidade que se considera lesada pela sua prática. Não se trata, assim, de um crime contra a pessoa (...) Não é um crime contra o Estado (...) Nem, enfim, um crime contra o que podemos nos referir como instituições (família, moralidade, casamento) (...) O ‘espiritismo’ é um crime de consequências públicas, como o são as falsificações de documentos (...), os incêndios provocados e os atentados envolvendo os meios de transporte (...) o uso de substâncias venenosas, a alteração de medicamentos e a falsificação de comestíveis (...). (...) Ou seja, o que está em foco é menos a precisão da entidade lesada e mais *um ato em suas virtualidades*. Nesse sentido, esses crimes, por sua definição, aproximam-se das contravenções, que ocupam um lugar específico no código penal e abrangem disposições sobre as loterias, os jogos de azar, o porte de armas, a constituição de sociedades secretas, a mendicância e a vadiagem, entre outras coisas. Diferentemente do crime – um delito, um fato consumado – a contravenção era definida como prática perigosa pelos danos que tinha a possibilidade de causar. (GIUMBELLI, 1997, p.81) (Grifo original do autor).

Cabe aqui uma ressalva. A palavra *espiritismo* citada no Código Penal de 1890 não se referia exclusivamente à doutrina elaborada por Allan Kardec, mas também a outros tipos de práticas e crenças assim entendidas como *espiritismo*, a exemplo das religiões afro-brasileiras, das quais a doutrina kardecista sempre esforçou-se em diferenciar-se em busca de definir uma identidade própria, ao enfatizar sua origem europeia e, portanto, superior (SILVA, F., 2005, p.88-89).

Vilhena afirma que nesse período pós-abolicionista, fazia-se fundamental para os homens brancos e cultos estabelecerem diferenciações de tudo aquilo que pudesse ser relacionado ao mundo da

(...) negritude, então vinculado ao que dissesse respeito à falta de cultura, à irracionalidade, ao desregramento dos costumes, à incapacidade para o trabalho,

às superstições, ao charlatanismo, ao politeísmo, à invocação de entidades espirituais ligadas ao mal e demoníaco (VILHENA, 2008, p.85).

Assim, adeptos do Espiritismo kardecista reúnem-se posteriormente com o Ministro da Justiça, Campos Sales, a quem reivindicaram mudanças no novo Código Penal, em uma tentativa que se mostrou frustrada. O relator do código, João Batista Pinheiro, explicou-se aos kardecistas, argumentando que o texto remetia às práticas do que era considerado por *baixo espiritismo*, termo que seria utilizado para referir-se às crenças afro-brasileiras (ARRIBAS, 2010, p.121).

A partir de então, o termo *baixo espiritismo* será utilizado para denominar práticas que estariam fora do “âmbito do espiritismo organizado” (SANTOS, 2004, p.55) e associado “à criminalização das práticas espíritas, vigentes em tal período” (GIUMBELLI, 2003, p.249).

Para Arribas, apesar da explicação do relator do código, os espíritas estariam sendo enquadrados como causadores de problemas no que se referia ao rótulo de Saúde Pública, uma vez que alguns deles alegavam realizar curas físicas e morais através da homeopatia e da aplicação de “passes magnéticos” através da imposição de mãos. De acordo com esta autora, tais práticas espíritas iam de encontro com a autonomização dos poderes da esfera médica, categoria que reivindicava para si o monopólio da cura. Arribas destaca ainda casos em que espíritas foram enquadrados por práticas de exploração da credulidade pública, pois teriam obtido fins lucrativos através das mesmas. De acordo com esta autora, esses fatos ocorriam como consequência de um período histórico em que haviam, em diferentes níveis,

As preocupações de controlar, de conter, de mapear e de classificar, preocupações ligadas ao objetivo do governo de instituir uma nova *ordem* urbana, fator necessário para a realização do *progresso*. Além disso, esses processos eram o resultado do realçamento de uma também recente noção de *público*, que ajudou a promover a legalização da repressão àqueles cujas ações iam contra o seu conteúdo (ARRIBAS, 2010, p.122) (Grifos originais da autora).

Anterior a Arribas, Maggie considera que a promulgação do novo código penal brasileiro em 1942 marcou a “definitiva deslegitimação das práticas identificadas ao ‘candomblé’ e à ‘macumba’”, pois o termo espiritismo é retirado do texto legal, pressupondo que ‘kardecistas’ e ‘umbandistas’ estivessem livres de condenações” (MAGGIE, 1992 Apud SAMPAIO, 2010, p.20); Para Giumbelli, o novo código penal diferia do seu antecessor de 1890 por não condenar especificamente nenhuma crença ou saber. Pelo contrário, buscava definir práticas que causariam em “prejuízo, real ou virtual, propiciado à ‘saúde pública’ ” (GIUMBELLI, 1997, p.219).

Arribas especula que poderia estar acontecendo uma utilização dos espíritas como “bodes expiatórios” numa tentativa de diminuição da oposição praticada pelo Catolicismo ao novo regime, causada em função da separação entre a Igreja e o Estado (ARRIBAS, 2010, p.122).

Mesmo com o advento do século XX, a imprensa continua a realizar denúncias contra centros espíritas e terreiros que sofrem com inquéritos e batidas policiais, sob a acusação de exercício ilegal da Medicina, em virtude do receituário aplicado por alegados espíritos, que iam da aplicação de passes magnéticos à utilização de garrafadas, ervas e raízes, dentre outras sugestões de curas, aos pacientes que os procuravam. Apesar da perseguição aos espíritas pelo aparato oficial permanecer, ainda assim a doutrina espírita continua a expandir-se e a incomodar a Igreja Católica, visivelmente consternada pelo trânsito religioso de seus fiéis, que também procuravam por centros espíritas, o que ameaçava a sua hegemonia no Brasil (VILHENA, 2008, p.87).

De acordo com Prandi, enquanto o Espiritismo se institucionalizava era ao mesmo tempo acusado pelos católicos de “esconder uma nova religião atrás de uma falsa ciência”. De um lado, os kardecistas realizavam experiências públicas como supostas materializações de espíritos; por outro, seus opositores oriundos do Catolicismo tentavam desmascarar uma alegada farsa dos seguidores de Kardec (PRANDI, 2012, p.60).

Mesmo acusada de farsa pelos católicos, a doutrina de Allan Kardec já se encontrava bem difundida pelo Brasil, e atingira certo *status* em termos de reconhecimento e legitimidade sociais, “sobretudo em decorrência de sua filantropia e da presença de gente de prestígio em suas fileiras” (PRANDI, 2012, p.63).

A respeito da configuração que tomaria a doutrina espírita no Brasil, Stoll questiona se esta seria uma distorção do Espiritismo francês, apresentando-se como uma nova ciência, ou, ao contrário, uma reconstrução original na qual “assume um “matiz perceptivelmente católico” na medida em que incorpora à sua prática um dos valores centrais da cultura religiosa ocidental: a noção cristã de santidade” (STOLL, 2003, p.61). Para esta autora que utiliza como inspiração ideias apresentadas por Clifford Geertz na obra *Observando El Islam*, o Espiritismo “à brasileira” não seria uma distorção do original surgido na França, mas uma reelaboração, tese defendida também por Fábio Luiz da Silva. Vejamos:

O Espiritismo no Brasil não é um simples desvio de uma doutrina racional de origem europeia e que sofreu uma contaminação do mágico e do místico, graças a uma predisposição do povo brasileiro para o maravilhoso. É uma reconstrução original influenciada pela formação cultural brasileira que já possuía elementos que foram reinterpretados pelo Espiritismo, assim como ele foi reinterpretado por estes mesmos elementos: crenças indígenas, africanas e populares de origem

européia. Dessa forma, acreditamos não ser possível ao Espiritismo manter uma “pureza”, para onde quer que fosse difundido (SILVA, F., 2005, p.32).

Apesar do argumento da reconstrução defendida por Stoll e Silva, Prandi ressalta que “as teses mais importantes do Espiritismo de Allan Kardec (...) foram preservadas na constituição do que viria a ser o Espiritismo no Brasil”. Dentre estas teses estão: a aceitação da comunicação com os mortos, através de pessoas que servem de intermediários entre os mundos físico e espiritual – os médiuns –, capazes de se comunicar tanto pela forma escrita (psicografia), quanto pela falada (psicofonia); a reencarnação como forma de atingir o estado de *espírito puro*, no qual não é mais necessário voltar a habitar mundos físicos; e a pluralidade das existências, esta última trata da evolução do espírito através de encarnações em diferentes globos (planetas) (PRANDI, 2012, p.39).

A reelaboração do Espiritismo kardecista no Brasil, de “matiz perceptivelmente católico” (STOLL, 2003, p.61), não se limitará a essa tentativa da construção de um discurso conciliatório entre as doutrinas católica e espírita, mas também aos conceitos de imortalidade e pós-morte elaborados por Allan Kardec durante a implantação e desenvolvimento da doutrina espírita, que serão revistos posteriormente em obras psicografadas por Chico Xavier, como *Cartas de uma morta* e *Nosso Lar*, que darão origem a um *Espiritismo à brasileira* conforme as teses de Stoll.

1.1 A imortalidade e o pós-morte no espiritismo

De acordo com Silva, as obras espíritas que apresentam uma descrição da vida após a morte do corpo físico representam uma vontade de dizer algo sobre como é a vida no mundo espiritual. Com esse objetivo, foram produzidos termos e/ou imagens que pudessem ser assimilados pelos leitores destas obras. Segundo este autor, o homem religioso do passado, anterior à época em que o pensamento científico passa a ditar os limites existentes entre o que era real ou imaginário, não era capaz de conceber um lugar sem a presença da divindade. Desta forma, o *céu*, o espaço acima de nós, necessitaria ser preenchido com algo, um lugar que deveríamos ir após a morte – o paraíso (SILVA, F., 2007, p.17-19).

Para a doutrina espírita, a morte como o aniquilamento de tudo não existe, e, conseqüentemente, não deve ser temida por seus adeptos. Os princípios espíritas afirmam que o espírito, após romper sua ligação com o corpo físico mantém sua forma, individualidade, aptidões e percepções. As crenças do Espiritismo trazem implícitas uma significação de ausência do temor da morte, através da certeza da inexistência da morte. A doutrina de Allan Kardec

ressignifica, por assim dizer, as noções de céu, inferno e purgatório. Rompe também com a concepção de espaços determinados para a vida após a morte, estabelecendo que o mundo espiritual encontra-se espalhado por todo o universo. Para o Espiritismo, as penas às quais os espíritos estavam condenados já não eram mais eternas, reduzindo-as a penas morais que poderiam ser “quitadas” através de sucessivas reencarnações (SILVA, E., 1993, p.177).

Com estas concepções, a emergente doutrina espírita oferece aos homens do século XIX uma nova forma de entender o inevitável fenômeno da morte biológica, provendo-lhes respostas para suas insatisfações e desconfortos a respeito desta temática, apresentando um discurso de continuidade e imortalidade. Como consequência dessa visão,

Kardec ordena para a sociedade de seu tempo o mundo natural e social, integrando-o em uma cosmologia que abrange dimensões físicas e metafísicas nas quais cada evento particular está em relação com todos os outros, formando assim uma realidade coerente, dotada de sentido, que oferece justificativas para a existência humana em situações dadas. Dessa maneira, estamos diante da formulação de uma metafísica, uma cosmologia, uma ontologia, uma teodicéia (VILHENA, 2008, p.59).

Segundo Corrêa, o homem possui um desejo de onipotência que se traduz na vontade de existir sempre, uma busca da possibilidade do renascimento dos mortos que assumirá, nos domínios do pensamento e da cultura, status de um dado universal, ou seja, um desejo que continua arraigado nas profundezas do ser do homem até os dias atuais. De acordo com este autor, a crença na sobrevivência ou a fé na imortalidade são decorrentes da persistência do traumatismo da morte que pode, inclusive, acarretar na destruição da alegria do viver (CORRÊA, 2008, p.41-42). Crer em uma vida após a morte seria, para este autor,

Uma astúcia à qual o homem recorre, para dissolver o medo e o horror da morte, e que a esta se juntará outra, a crença no “duplo”, que pode ser denominado de fantasma, espírito, alma, e até como “sombra do corpo”, estando presente nas mais diversas culturas, folclores e doutrinas esotéricas (CORRÊA, 2008, p.43-44).

Ainda de acordo com Corrêa, o Espiritismo é a expressão “mais marcante das crenças arcaicas no ‘duplo’” - ao afirmar a existência de um mundo invisível em que vivem as almas dos homens que um dia já viveram na Terra, ou mesmo em outros planetas. (CORRÊA, 2008, p.46).

De acordo com Silva, nas obras de Allan Kardec inexistem descrições de uma vida pós-morte semelhante às descritas nos livros de Chico Xavier, a exemplo do *Nosso Lar*. Segundo este autor, as obras kardequianas “são muito mais textos de reflexão filosófica” do que de literatura,

traço este evidenciado na obra *O Céu e o Inferno ou a Justiça divina segundo o Espiritismo*. Neste livro integrante da codificação espírita, em sua primeira parte, Allan Kardec revê princípios católicos sobre o céu, inferno, purgatório, anjos e demônios. Na segunda, Kardec traz aos adeptos relatos de espíritos desencarnados divididos de acordo com sua situação na erraticidade⁸: felizes, sofredores, suicidas, criminosos, etc. Os depoimentos trazidos pelos espíritos se resumem à explicação do que ocorre em função do desprendimento da alma (espírito encarnado) do corpo físico, as perturbações geradas devido a esta separação e à entrada nesta nova condição de existência. Mesmo nesses exemplos relatados por Kardec, não é possível encontrar quaisquer referências às cidades espirituais popularizadas mais tarde nos textos psicografados por Chico Xavier (SILVA, F., 2007, p.71).

Para Silva, faz-se necessário destacar a posição assumida por Allan Kardec de inspiração iluminista e que se contrapõe ao materialismo, crença que prega nada existir após a morte do corpo físico. Ao analisar as consequências negativas para a sociedade e seus sujeitos decorrentes da tese materialista de que nada existe após a morte do corpo, Kardec se mostra decepcionado pelo fato das religiões não terem conseguido impor-se sobre esta temática. Para o codificador da doutrina espírita, o Espiritismo oferece sustentação científica à crença na alma e na vida após a morte, sendo esta posição doutrinária uma consequência da observação de fatos materiais e positivos (SILVA, F., 2007, p.72).

Em relação às concepções de céu e inferno, Allan Kardec considera que estas estariam mais diretamente ligadas às condições morais dos espíritos, o que lhes possibilitaria ter percepções diferenciadas da vida espiritual, ou seja, as condições morais é que determinarão seu grau de felicidade ou infelicidade, e não o estado de um lugar determinado ou circunscrito no qual se encontram:

Nessa imensidade sem limites, onde, pois, está o céu? Está por toda parte; nada o cerca nem lhe serve de limites. (...) Quanto é pequena e mesquinha a doutrina que circunscreve a Humanidade num imperceptível ponto do espaço, que no-la mostra começando em um instante dado para acabar (...). (...) Quanto, então, é estreita a ideia que ela dá da grandeza, do poder e da bondade de Deus! (KARDEC, 2008, p.22-23).

Léon Denis, destacado filósofo adepto do Espiritismo, corrobora a opinião de Allan Kardec acerca das concepções de céu e inferno:

⁸*Erraticidade*, na acepção que lhe atribuem os espíritas, significa o tempo que aguarda o espírito "desencarnado" uma nova reencarnação.

Segundo algumas doutrinas religiosas, a Terra é o centro do Universo, e o céu arredonda-se como abóbada acima de nós. É na sua parte superior, dizem, que se assenta a morada dos bem-aventurados, e o inferno, habitação dos réprobos, prolonga suas sombrias galerias nas entranhas do próprio globo. A Ciência Moderna, de acordo com o ensino dos espíritos, mostrando-nos o Universo semeado de inumeráveis mundos habitados, trouxe um golpe mortal a essas teorias. O céu está em toda parte; em toda parte o incomensurável, o insondável, o infinito; em toda parte um formigamento de sóis e de esferas, dentre os quais nossa Terra é apenas ínfima unidade (DENIS, 2008, p.227).

Para Silva, a inexistência de relatos de uma vida espiritual materializada nas obras destes autores estaria relacionada à forma pela qual a doutrina espírita reavaliou as noções de céu, inferno e purgatório de acordo com suas próprias concepções, rompendo com as antigas teogonias que pregavam a existência de espaços fechados e determinados para a vida espiritual. O Espiritismo segue de acordo com a lógica e as descobertas astronômicas e determina a inexistência desses lugares ao afirmar que o mundo espiritual estava espalhado pelo Universo, deslocando, assim, o centro e as dimensões espirituais, e suas noções de moradas em esferas ou espaços celestiais escalonados como consequência dos merecimentos religiosos na vida (SILVA, E., 1999, p.43).

Segundo Silva, a inexistência de descrições como as de anjos, muralhas, árvores e rios nas obras kardequianas se deve ao fato de que a concepção do além, proposta por Kardec, está baseada em “uma valorização da ciência como meio de evitar antigos modos de imaginar a vida após a morte: circunscrita e de forma material” (SILVA, F., 2007, p. 75). Em sua análise, afirma que o codificador do Espiritismo “mostra-se desconfiado em relação a descrições materiais do *além*. Longe estamos, portanto, de alguém que aceita qualquer informação” (SILVA, F., 2007, p.78).

Faz-se importante ressaltar que os homens sempre possuíram um sentimento de que sua vida teria um fim, mesmo que essa consciência não fosse clara; de acordo com Corrêa, esta consciência de finitude é um fato universal (CORRÊA, 2008, p.23). Para este autor, os homens primitivos, como o de Neanderthal, tinham por hábito colocar seus mortos em sepulturas, cuidado este que, com o passar do tempo, se transformaria em ritos e pompas que conduziam a uma exaltação coletiva ou tornavam tal rito uma experiência sagrada (CORRÊA, 2008, p.24).

Segundo Corrêa, será a partir do surgimento das civilizações arcaicas que os homens passam a fazer uso da morte, referindo-se a ela através da utilização de termos como “sono”, “um novo nascimento”, “doença”, “malefício” e “entrada no mundo dos antepassados”. Ainda de acordo com este autor, “o traumatismo da morte era tão grande e importante que promoveu o

surgimento da ideia de continuação da vida sob outras formas. Entretanto, só mais tarde surgiu a ideia de imortalidade que se tornaria universal” (CORRÊA, 2008, p.25).

Antes de Allan Kardec (1804-1869), outros pensadores se dedicaram à temática da imortalidade da alma, como o filósofo grego Sócrates, citado pelo próprio Kardec em *O Evangelho segundo o Espiritismo* ao lado de Platão como precursores da ideia cristã e do Espiritismo. Posteriormente, o místico sueco Emanuel Swedenborg (1688-1772), considerado por Arthur Conan Doyle como “uma grande autoridade em Física e Astronomia” irá se confrontar com a questão do pós-morte e a realidade com a qual os homens viriam a encontrar no denominado “plano espiritual” (DOYLE, 1995, p.34). De acordo com Ferrater Mora (2001, p.2800), Swedenborg dedicou-se por muitos anos à pesquisa científica e técnica, das quais começaria a duvidar no ano de 1743 para, em 1747, abandonar o cargo de assessor do Real Colégio de Minas com o objetivo de dedicar-se plenamente às suas especulações científico-religiosas. Aos cinquenta e seis anos, Swedenborg afirmou que fora designado pelo próprio “Senhor”, que a ele teria aparecido em uma visão no ano de 1744, conclamando-o a se tornar o porta-voz do sentido espiritual da Bíblia. Para atingir essa finalidade, teriam-lhe sido abertos os “segredos dos céus”. A partir deste acontecimento, Swedenborg alega ter experimentado viagens a outros planos e dimensões espirituais; ocasiões onde teria conhecido os pormenores da vida pós-morte e conversado com espíritos, elaborando após estas vivências uma nova doutrina⁹ onde descortina para os vivos o destino espiritual dos *mortos* (SILVA, E., 1999, p.11).

De acordo com Swedenborg, no céu existem sociedades onde os *anjos* vivem como os homens, e, portanto, necessitam de habitações que estariam de acordo com o “estado de vida” de cada um deles: “magníficas para os que estão em um estado mais digno e menos magníficas para os que estão em um estado inferior”. Descreve a existência nessas habitações de câmaras, salas e quartos, assim como de átrios, jardins, bosques, campos e palácios (SWEDENBORG, 2005, 91-93).

Diante deste breve exposto a respeito da figura de Emanuel Swedenborg, podemos deduzir uma provável popularidade de suas ideias, fato este que levará Allan Kardec a criticar suas teses principais em sua *Revista Espírita*¹⁰ de novembro de 1859.

Como é possível perceber, Allan Kardec, ao elaborar a doutrina espírita, fortemente influenciada pelo positivismo reinante no século XIX, rompe com antigas formas de entender o *além*, a exemplo das cidades espirituais relatadas por Swedenborg, por considerá-las como teses

⁹ Esta nova doutrina elaborada por Swedenborg se tornaria conhecida como “doutrinas para a Nova Igreja” ou “Doutrinas Celestes”.

¹⁰ Tratarei no capítulo 2 com mais detalhes acerca da análise realizada por Allan Kardec a respeito das teses de Emanuel Swedenborg sobre o pós-morte na *Revista Espírita* de novembro de 1859.

oriundas do *misticismo* e *sobrenatural*¹¹, conceitos dos quais pretende “blindar” a doutrina espírita por ele elaborada e compreendida como “uma ciência de observação e doutrina filosófica” (KARDEC, 2009, p.10), evitando, assim, as descrições materializadas do *além* existentes.

1.2 Nosso lar: da obra mediúnica às telas do cinema

É no início do século XX que nasce, em Pedro Leopoldo, Minas Gerais, Francisco Cândido Xavier (1910-2002), aquele que, anos mais tarde, assumirá o papel de médium espírita e terá atuação significativa para a legitimação do Espiritismo em seu caráter religioso no Brasil. Oriundo de família católica, Chico Xavier teria experimentado sua primeira manifestação de mediunidade ainda aos quatro anos, quando intervém em uma conversa entre seus pais, sobre o aborto sofrido por uma vizinha. Chico Xavier interrompeu o diálogo entre ambos e explicou a causa do aborto: “O que houve foi um problema de nidação inadequada do ovo, de modo que a criança adquiriu posição ectópica”. Questionado sobre o significado das palavras *nidação* e *ectópica*, respondeu que não sabia – só havia repetido o que teria escutado de uma voz (ARAIA, 2007, p.15).

Apesar de haver relatado visões de espíritos e de escutar as vozes destes em muitos momentos de sua vida, só em 1927, aos dezessete anos, Chico Xavier irá abandonar suas crenças católicas e ingressar na doutrina espírita. O fato que o leva a tomar tal decisão foi uma doença contraída por sua irmã Maria Xavier, cujo tratamento pela medicina convencional não vinha obtendo sucesso. Dentre os sintomas apresentados, estavam delírios, xingamentos, suores frios, contorções. Seu pai, sem maiores opções de tratamento, e apesar de católico, resolve levá-la a um casal de amigos espíritas, José Hermínio Perácio e Carmem. O casal, ao receber Maria em sua casa, teria identificado um espírito obsessor como a causa dos problemas. Realizando uma sessão cuja prática terapêutica incluiu a administração de passes, preces e doutrinação do alegado espírito obsessor, o casal conseguiu afastá-lo. Chico Xavier, que nessa ocasião, já nutria certa curiosidade pela doutrina espírita, resolveu conhecê-la melhor lendo dois livros de Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos* e *O Evangelho segundo o Espiritismo* (ARAIA, 2007, p.20).

Chico Xavier então comunica ao padre Sebastião Scarzello, que o acompanhava desde criança em Pedro Leopoldo, sua decisão em deixar a doutrina católica para ingressar no Espiritismo. De acordo com Oliveira (2009, p. 28), o contexto do Espiritismo no Brasil seria, a partir da década de 1930, fortemente influenciado pela figura de Chico Xavier, cuja produção

¹¹ Este raciocínio será aprofundado no capítulo 3.

mediúnica teria ampla divulgação por parte da Federação Espírita Brasileira – FEB, que se utilizaria do médium como agente do enfoque doutrinário daquela instituição, mais voltada para o aspecto religioso da doutrina espírita. Dessa forma, a FEB pretendia reforçar sua ascendência como órgão unificador do movimento espírita no Brasil, através do carisma de Chico Xavier e da comercialização das obras mediúnicas psicografadas por ele. A Federação Espírita Brasileira pretendia, com isso, constituir-se como referência religiosa autônoma (LEWGOY, 2004, p. 13).

Chico Xavier inicia sua produção bibliográfica mediúnica com um livro que causou grande polêmica, *O Parnaso de Além-Túmulo* (1932), uma coletânea de 59 poemas assinados por poetas falecidos ilustres, como, por exemplo, Augusto dos Anjos. Outras obras importantes desse período (que compreende os anos 30 e início dos 40) são os romances de Emmanuel, mentor espiritual do médium, que narra episódios do início da era cristã, e *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, atribuído ao espírito do autor Humberto de Campos, que interpreta a história do Brasil sob a ótica espírita (LEWGOY, 2004, p. 26).

Em carta enviada ao então presidente da Federação Espírita Brasileira, Wantuil de Freitas, Chico Xavier afirma que Emmanuel o alertara de que “algumas autoridades espirituais” desejavam “trazer páginas” com o “objetivo de despertamento”; a intenção era possibilitar o conhecimento de certos aspectos “da vida que nos espera no ‘outro lado’”. O autor espiritual incumbido desse objetivo, André Luiz, se apresenta a Chico Xavier em 1941, de acordo com Schubert¹², com o objetivo de sintonizar-se com o médium, e passa a acompanhar Chico Xavier em todas suas tarefas e conversações; Em 1943, André Luiz dá início à produção de *Nosso Lar*, cujo lançamento ocorre em 1944 (SCHUBERT, 2010, p.88-89).

Nosso Lar foi escrito durante o período em que o Espiritismo buscava sua legitimação no campo religioso brasileiro, no contexto histórico da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), época na qual o Brasil sofria ataques de submarinos alemães, fato que leva o país a fechar acordos econômicos e militares com os Estados Unidos, e a entrar no conflito (SOUZA, W., s.d., p.26). Para os espíritas, *Nosso Lar* possui como objetivo principal apresentar ao mundo a realidade do além-túmulo. De acordo com Stoll, os adeptos do Espiritismo consideram a descrição da vida espiritual, contida nesta obra e relatada pelo sujeito-narrador André Luiz, como

¹² Suely Caldas Schubert, natural de Carangola, MG, adepta do Espiritismo, dedica-se às atividades que envolvem a temática da mediunidade e da divulgação da doutrina espírita. Em 1986, fundou com um grupo de companheiros, a Sociedade Espírita Joanna de Ângelis, em Juiz de Fora, e é diretora do Departamento de Mediunidade da Aliança Municipal Espírita dessa cidade. É autora de nove livros acerca da temática espírita, sendo dois deles editados pela Federação Espírita Brasileira: *Obsessão/Desobsessão: Profilaxia e Terapêutica* (1981) e *Testemunhos de Chico Xavier* (1986). É um dos nomes de destaque entre os oradores e intelectuais espíritas. (Adaptado do site do Centro Espírita Francisco Xavier dos Santos. <Disponível em: <http://www.centroespiritafxs.com.br/Pessoas/Pessoa%20suely%20caldas%20schubert.htm>>. Acesso em 25 nov.2013).

a principal contribuição desse autor espiritual em relação a esta temática considerada pouco explorada por Allan Kardec em seus livros (STOLL, 2003, p.105).

A personagem principal do livro é o médico “desencarnado”¹³ André Luiz (nome fictício), que relata suas descobertas e impressões acerca de uma colônia espiritual.

Nosso Lar é uma obra dividida em cinquenta capítulos curtos, onde o autor espiritual André Luiz busca introduzir conceitos espíritas como a existência de uma vida pós-morte através da descrição dessa mesma existência em uma cidade (ou colônia) espiritual. Esta descrição, de acordo com Gonçalves, é constituída por “*jogos de verdade* usados para sedimentar as *verdades* espíritas sobre a existência de vida no plano espiritual e, ao mesmo tempo, convencer os leitores da autenticidade desses princípios” (GONÇALVES, 2011, p.186) (Grifos originais da autora).

Souza destaca duas características da obra: o abuso do emprego da comoção emocional e a forma cerimoniosa ou teatral comumente associada à forma de interpretação realizada por atores de filmes mudos e “doses homeopáticas” de mensagens e valores cristãos ao longo dos capítulos. Para este autor, as perguntas realizadas por André Luiz a outros personagens ao longo da obra faz referência à forma pela qual Allan Kardec elabora *O Livro dos Espíritos*, com perguntas e respostas (SOUZA, s.d., p.42).

Do capítulo um ao sete, é possível identificar que o autor espiritual André Luiz passa por um momento de adaptação, uma vez que fora resgatado do Umbral para o *Nosso Lar*. Na colônia, recebe esclarecimentos acerca de sua nova condição de vida e acredita ser a paisagem do *Nosso Lar* uma melhorada cópia da Terra.

A partir do oitavo até o décimo segundo capítulo, teremos a descrição da vida cotidiana da colônia. André Luiz passa a conhecer suas particularidades, descobre a existência de outras colônias espirituais como a de Alvorada Nova e absorve novos conhecimentos sobre o Umbral, zona purgatorial onde habitara por oito anos.

André Luiz descobre a importância e a necessidade do trabalho em prol do próximo e como são os relacionamentos entre os espíritos habitantes do *Nosso Lar* entre o décimo terceiro capítulo e o vigésimo segundo. Descobre também a existência do *bônus-hora*, espécie de salário que pode ser utilizado para entretenimento ou aquisição de uma casa própria.

Entre os capítulos vinte e três e trinta e três, André Luiz toma conhecimento da eclosão da Segunda Guerra Mundial na Terra e recebe orientações sobre as atividades que poderá empreender em *Nosso Lar*. Inicia seus trabalhos nas “câmaras de retificação” como auxiliar de

¹³ Este termo é utilizado pelos espíritas para se referir aos espíritos cujos corpos físicos faleceram, e que, portanto, regressaram para o mundo espiritual, não possuindo mais vínculos com os corpos materiais que deixaram.

limpeza e toma conhecimento de perturbações do espírito provocadas por sentimentos de vingança e apego à matéria.

André Luiz dá continuidade ao seu processo de aprendizado do cotidiano da colônia ao receber esclarecimentos sobre temáticas como caridade (perdão), casamento e repouso na espiritualidade, o que é narrado entre o trigésimo quarto e o quadragésimo capítulo. Busca ainda saber em que situação deixou sua família na Terra.

Do capítulo quarenta e um até o de número quarenta e cinco, tem-se o uso da Segunda Guerra Mundial como “pano de fundo” para a abordagem dos conceitos de trevas e esperança. Mostra ainda os habitantes do *Nosso Lar* realizando estudos do Evangelho de Jesus.

Finalmente, nos últimos cinco capítulos, André Luiz aprende sobre a reencarnação como possibilidade de correção de erros do passado; testemunha a comunicação de uma pessoa “encarnada” com um espírito prestes a reencarnar e obtém permissão para visitar a família que deixara na Terra. Ao retornar a seu antigo lar, encontra sua ex-esposa casada com outro homem. Supera o sentimento inicial de ciúmes e pede auxílio a este, que se encontrava enfermo. Por tal atitude, ao regressar para o *Nosso Lar*, André Luiz recebe do Ministro Clarêncio, o título de cidadão do *Nosso Lar*.

Há, no movimento espírita, uma controvérsia sobre a real identidade¹⁴ de André Luiz na encarnação pregressa. De acordo com Marlene Nobre, presidente da Associação Médico-Espírita do Brasil (AME), uma das razões para o ocultamento de sua identidade

Deveu-se à ação movida na Justiça contra Chico Xavier e a Federação Espírita Brasileira (FEB), pela família de Humberto de Campos, que pleiteava parte da renda dos livros escritos pelo ilustre literato através do médium (NOBRE, 2011, p.10).

Outras razões são apontadas por Nobre para explicar este fato, são: à época do lançamento do *Nosso Lar* (1944), a família de André Luiz (esposa e filhos) ainda encontravam-se vivos, e procurou-se evitar um mal-estar e uma nova luta¹⁵ em relação a direitos autorais, o

¹⁴ De acordo com o jornalista Luciano dos Anjos, a verdadeira identidade de André Luiz lhe fora confirmada pelo médium Chico Xavier, que lhe pediu segredo. Anos mais tarde, Luciano dos Anjos declara ser o médico Faustino Esposel, nascido em Brasília em 10 de agosto de 1888 e catedrático de neurologia na Faculdade Fluminense de Medicina e falecido na capital federal em 16 de setembro de 1931, com a idade de 43 anos, a verdadeira identidade do autor espiritual André Luiz. Dentre outros nomes especulados no movimento espírita encontravam-se os de Carlos Chagas, Miguel Couto, Osvaldo Cruz ou Francisco de Castro. (ANJOS, Luciano dos. O verdadeiro André Luiz. Disponível em: < <http://www.grupodosoito.com.br/subpaginas/faustino.htm> >. Acesso em 04 out.14).

¹⁵ O caso "Humberto de Campos" ocorreu no ano de 1944, quando a viúva do renomado escritor, em conjunto com os filhos do casal, deram entrada na Justiça com uma ação declaratória contra a Federação Espírita Brasileira (FEB) e o médium Francisco Cândido Xavier. Na concepção da família, as obras psicografadas pelo médium tendo por autor espiritual Humberto de Campos lhes causavam prejuízos financeiros, pois estes possuíam contrato com os editores da W.M. Jackson, e solicitavam à Justiça que determinasse a autoria das obras mediúnicas através de provas

que poderia, segundo ela, prejudicar até mesmo a atuação psicográfica de Chico Xavier; por outro lado, Emmanuel, alegado mentor espiritual do famoso médium mineiro, afirmara que cabia a André Luiz esquecer o que havia sido em sua última existência na Terra, terminando uma etapa de sua história com o lançamento do livro para, a partir daí, dar início a outra (NOBRE, 2011, p.10).

Esta nova etapa de vida de André Luiz na espiritualidade tem início em um local denominado pelo autor espiritual de “Umbral”, um espaço determinado e circunscrito equivalente ao purgatório católico, região em que estão os espíritos considerados inferiores. Após passar por oito anos de muitos sofrimentos (incluindo sensações físicas como fome e sede), André Luiz reza a Deus para sair daquele lugar, no que é posteriormente atendido e levado por uma equipe espiritual para a colônia denominada *Nosso Lar*.

De acordo com o relato de André Luiz, *Nosso Lar* é uma colônia habitada por mais de um milhão de espíritos, sua organização e as tarefas nela desempenhadas por seus habitantes são bastante semelhantes às realizadas pelos “encarnados”¹⁶ no mundo físico. Sua fundação, localizada acima da cidade do Rio de Janeiro, teria ocorrido no século XVI, a partir de iniciativa de portugueses desencarnados no Brasil. A administração do local cabia a um Governador assessorado por setenta e dois auxiliares, distribuídos em seis ministérios: da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação, do Esclarecimento, da Elevação e da União Divina, cada um possuindo atribuições específicas.

Nosso Lar, a exemplo de modernos condomínios fechados, é uma colônia protegida por uma grande muralha possuidora de “baterias de proteção magnética”, cuja função seria a de protegê-la de espíritos considerados como inferiores e que poderiam prejudicar a harmonia local. Além desse sistema de proteção, seus habitantes também usufruíam de uma modalidade de transporte denominado de *aeróbus*, uma espécie de “grande carro ou ônibus suspenso do solo a uma altura de cinco metros, mais ou menos, e repleto de passageiros, constituído de material flexível, de enorme comprimento, ligado a fios invisíveis em razão do grande número de antenas no toldo” (SOUZA, L., 2011, p.81).

Além de ser uma colônia cujo objetivo é prestar auxílio espiritual aos espíritos que nela chegam, *Nosso Lar* também se caracteriza por ser um local de trabalho, onde seus habitantes

científicas. Requeriam ainda o recolhimento das obras em caso negativo e a determinação a quem pertenceria os direitos autorais das obras mediúnicas: à família ou à FEB. A Justiça considerou a ação inepta em razão do fato de que, ao morrer, o indivíduo deixa de possuir direitos civis, e que direitos autorais herdáveis estariam limitados às obras produzidas pelo autor no período anterior à sua morte. Para mais informações, ver a tese de doutorado de Alexandre Caroli Rocha, *O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade* (2008).

¹⁶ “Encarnados” é o termo utilizado pelos adeptos do Espiritismo para designar os espíritos que deixam momentaneamente o mundo espiritual para viverem em um corpo físico.

devem desenvolver tarefas em prol de seu próximo. Com essa finalidade, os trabalhadores da colônia devem dedicar oito horas por dia de esforços de “trabalhos edificantes”. De acordo com as regras da governadoria, relatadas por André Luiz, o limite de oito horas diárias de trabalho só pode ser excedido em até quatro horas. Os trabalhos realizados são desenvolvidos nos ministérios da colônia ou, até mesmo, nas indústrias de preparação de sucos, tecidos e artefatos que empregam aproximadamente cem mil “desencarnados” (LUIZ, 2008, p.169).

O trabalho desenvolvido por estes espíritos é remunerado. A cada hora de trabalho, é adquirido um *bônus-hora*, espécie de dinheiro que “circula” na colônia espiritual equivalente a uma “ficha de serviço”. Cada trabalhador recebe setenta e dois *bônus-horas* por semana que podem ser gastos em entretenimento, em intercessões¹⁷ e, até mesmo, com a finalidade de adquirir uma casa própria no valor de trinta mil *bônus-horas* (LUIZ, 2008, p.133). De acordo com a personagem Laura, na colônia “*nada existe sem preço e que para receber é indispensável dar alguma coisa. (...) Somente poderão rogar providências e dispensar obséquios os portadores de títulos adequados*” (LUIZ, 2008, p.144) (Grifo nosso).

Para Bordieu, as relações de transação no âmbito religioso se estabelecem com base em diferentes interesses que irão constituir o princípio da dinâmica do campo religioso. Segundo este autor, em uma sociedade dividida em classes (assim como a de *Nosso Lar*), “a estrutura dos sistemas de representações e práticas religiosas próprias aos diferentes grupos ou classes, contribui para a perpetuação e para a reprodução da ordem social (...) ao contribuir para consagrá-la, ou seja, sancioná-la e santificá-la” (BORDIEU, 2005, p.50; 52-53). Stoll destaca que a representação do plano espiritual apresentada na obra de André Luiz

Não é encontrada apenas na literatura mediúnica de Chico Xavier. Não sabemos se o fato de *Nosso Lar* ter sido a primeira obra do gênero inspirou outras, do mesmo tipo, que se seguiram. De qualquer forma, o que se constata é que os textos psicografados por outros médiuns espíritas reiteram muitas dessas imagens (STOLL, 2003, p.111).

Silva afirma que obras com as características apresentadas por *Nosso Lar* não eram comuns entre aquelas consideradas como *espíritas* no Brasil e que, apesar de àquela época já existir um livro intitulado *Cartas de uma morta*, psicografado pelo médium Chico Xavier, supostamente ditado pelo espírito de sua mãe, Maria João de Deus, o livro de André Luiz teve a

¹⁷ André Luiz dá um exemplo da relação entre *bônus-horas* e a intercessão em benefício de outrem em *Nosso Lar* ao citar o caso de uma mãe que recorre a Clarêncio, Ministro do Auxílio, para que este intercedesse em favor de seus dois filhos, sendo então questionada por Clarêncio sobre quantos *bônus-horas* esta possuiria a favor de sua pretensão. O Ministro do Auxílio deixa claro que aqueles que não cooperam com trabalho na colônia, não recebem cooperação como retorno (LUIZ, 2008, p.90).

recepção de novidade, pois antes desta primeira obra andreluizina¹⁸, a ideia do além era bastante vaga, sendo por isso considerada como “um avanço em relação à obra de Kardec” (SILVA, F., 2007, p.126). Porém, conforme afirma Silva, mesmo entendido como um possível avanço em relação à codificação de Allan Kardec, muitos adeptos receberam a revelação contida em *Nosso Lar* com reservas, “mesmo pelos que a publicaram, no caso, a Federação Espírita Brasileira”. Para essa afirmação, Silva baseia-se em artigos publicados em *Reformador* (SILVA, F., 2007, p.127).

Para uma melhor compreensão do impacto provocado no movimento espírita brasileiro pelas concepções de pós-morte reveladas por *Nosso Lar*, destacamos um artigo de *Reformador* de março de 1942, assinada por Heitor Luz apenas dois anos antes do lançamento da obra de Chico Xavier que viria se tornar um *best-seller*, no qual seu autor refuta a existência de lugares circunscritos no plano espiritual:

(...) Como tais prisões [refere-se ao inferno e purgatório] não existem, visto que fora da terra, só há inumeráveis outros orbes e o espaço infinito onde todos eles se movem, segue-se que a evolução dos seres se tem de operar ou nos planetas, ou nos espaços que os rodeiam, ou seja: em planos diversos, inferiores e superiores, onde o espírito labora por adquirir a perfeição a que todos se destinam. (...) **Não há lugares circunscritos, de penas ou de gozos**, quais seriam, se reais, o céu, o purgatório e o inferno das religiões dogmáticas. **E não há, porque a pureza e a impureza dos sentimentos, factores dos gozos e dos sofrimentos do espírito, estão em seu íntimo, não no ambiente em que ele vive.** (...) Céu, inferno e purgatório são meras invenções dos homens, bem como a salvação unicamente pela fé, sem as obras; são criações humanas contrárias ao que se encontra nos Evangelhos. **Esta é a verdade, fora da qual tudo são doutrinas fantasiosas, imaginadas pelos homens** que, no seu comodismo, para não se darem ao esforço de trabalhar o seu íntimo, no sentido da evolução espiritual, pretenderam estabelecer um meio fácil de escalar a bemaventurança e entraram a espalhar teorias contrárias às verdades evangélicas (LUZ, 1942, p.63). (Grifo nosso)

Estas considerações do articulista estão em conformidade com o que pregam as teses da doutrina espírita apresentadas por Allan Kardec. Tratam da evolução do espírito através de um viés reencarnacionista, onde o espírito terá a oportunidade de gradualmente atingir a perfeição vivendo “nos planetas ou nos espaços que o rodeiam”. Até então, não existe na literatura kardecista uma obra que contenha uma descrição da vida do espírito no *além-túmulo*.

¹⁸Embora o termo *andreluizina(s)* como modo de referir-se às teses apresentadas por André Luiz tenha suscitado algumas dúvidas quanto ao seu emprego neste trabalho, esta expressão é utilizada em várias publicações espíritas para referir-se às teses apresentadas por este autor espiritual e, por isso, decidimos adotá-lo para melhor compreensão.

Em fevereiro de 1945, ou seja, após o lançamento do livro *Nosso Lar*, encontra-se, no periódico *Reformador*, um artigo que consideramos de grande relevância para mensurarmos o impacto provocado pelas revelações da obra do espírito André Luiz.

A ação de todo homem, neste mundo, precisa de um motor poderoso: a crença. Esta crença, porém, necessita de um alvo indestrutível, em que se apóie: é a certeza numa vida futura, que recolha as consequências de todos os seus atos. Mas, a noção dessa existência vindoura é, para 99% dos crentes, vaga, oscilante ou, mesmo, absurda. A esse respeito, a humanidade viveu sempre no escuro. (...) Há milhares de anos, os homens que meditam vem pedindo, no fundo dos seus corações, uma resposta a estas perguntas: Como são realmente os lugares para onde vamos? Como seremos e o que acontece aí de verdadeiro? Como nos devemos preparar para essa vida nova? Que precisamos fazer? Como nos conduzirmos? (...) A obra mediúnica de Francisco Cândido Xavier, o honrado e desprendido médium mineiro, está reservado papel saliente e considerável na história da evolução das grandes ideias diretoras do espírito e da conduta humanos. A parte mais recente versa sobre a vida nos planos astrais adjacentes à Terra. Tal o objeto de “Cartas de uma Morta”, “Reportagens de Além-Túmulo”, e agora, “Nosso Lar” e “Mensageiros”. (...) Persuadimo-nos de que “Nosso Lar” e “Os Mensageiros”, como descrição de uma das muitas colônias de um dos planos do espaço, são as revelações mais completas e sistemáticas que já se fizeram até hoje. (...) Neste sentido, os trabalhos de Chico Xavier desdobram ao olhar espiritual um novo mundo (...) (MENDONÇA, 1945, p.38-39).

É possível perceber, a partir deste momento, a construção nas páginas de *Reformador* de um novo discurso, este legitimador da descrição da vida após a morte relatada em *Nosso Lar*. Uma das estratégias é a ênfase na honradez e credibilidade do médium Chico Xavier, e a outra, uma relação de obras cujo conteúdo seria condizente com o apresentado pelo espírito André Luiz. Conforme Mendonça,

(...) A matéria começou a ser tratada, entre outros, por Dante, Swedenborg, Lavater e outros. O segundo desdobrava-se e via por si mesmo e Lavater invocava os espíritos. Surgiram, em 1883, os “Ensinos Espiritualistas”, mensagens recebidas, na Inglaterra, pelo Reverendo Stainton Moses, de altos espíritos. O ano de 1913 foi extraordinário para aquele país: surgiram, ali, ditados por desencarnados de luz, alguns deles mestres notáveis, aos médiuns Elsa Barker e ao Reverendo G. Vale Owen, respectivamente, as “Cartas do outro mundo” e “A Vida além do Véu”. (...) Inclui-se também, nesse objetivo, a famosa obra mediúnica e cosmogônica de Pietro Ubaldi (Itália) “A Grande Síntese”, bem como “A Nova Revelação”, de Conan Doyle (MENDONÇA, 1945, p.39).

De acordo com Schubert, *Nosso Lar* é um “trabalho totalmente novo, não se tratando de mensagens avulsas ou romances”. Para esta autora, a obra de André Luiz é um “trabalho científico apresentado de forma romanceada”, sendo seu sujeito-narrador “uma espécie de

repórter do mundo espiritual, trazendo informações sobre a vida no além”,¹⁹ trabalho que continuará em outras obras, posteriormente intituladas de *Série André Luiz - A vida no mundo espiritual: Missionários da Luz* (1945), *Obreiros da Vida Eterna* (1946), *No Mundo Maior* (1947), *Libertação* (1949), *Entre a Terra e o Céu* (1954), *Nos Domínios da Mediunidade* (1955), *Ação e Reação* (1957), *Evolução em Dois Mundos* (1958), *Mecanismos da Mediunidade* (1960) e *E a Vida Continua* (1968). (CABRAL, 2005, p.01).²⁰

Schubert destaca que *Nosso Lar* não é o primeiro livro a “revelar” a existência das colônias espirituais. Essa concepção remonta a 1744, com o já citado místico sueco Emanuel Swedenborg em seu livro *O Céu e o Inferno* (não confundir com a obra posterior e de mesmo título de Allan Kardec). Para ela, André Luiz vem confirmar todo o relato de Swedenborg, duzentos anos depois. Ainda de acordo com Schubert, a recepção do movimento espírita ao *Nosso Lar*

(...) Foi uma surpresa grande. A maioria [dos adeptos] aceitou bem, mas uma minoria achou que era uma fantasia de Chico, que André Luiz não existia, com críticas bastante ferinas e com aspectos que prejudicaram muito o Chico, que estava acima dessas coisas, assim como André Luiz, que disse “vamos prosseguir”, e veio em seguida a obra *Os Mensageiros*. O que houve de crítica, depois esses mesmos críticos acabaram aceitando e admitindo, pois a lógica é muito grande, é tudo muito racional, é tudo muito bem explicado, o que não poderia ser de outra maneira, pois como Jesus bem disse, há muitas moradas na casa do pai, no capítulo XIV de João (BASTIDORES ESPIRITUAIS DO FILME NOSSO LAR, 2012).

De acordo com declaração de Marlene Nobre feita ao programa televisivo *Verdade e Luz*²¹, *Nosso Lar* foi eleita a obra mais importante do século XX referente àquelas psicografadas por Chico Xavier, ocasião na qual procurou justificar o interesse das pessoas por este livro:

Talvez por ser uma obra pedagógica, que mostra uma cidade e como ela é semelhante com a vida na Terra, o que a torna mais palatável. Com essa obra, André Luiz muda a forma pela qual é encarada a vida espiritual. E muda mesmo, porque é uma nova versão do que ocorre quando fechamos os olhos na matéria e os reabrimos no mundo espiritual.

¹⁹ Bastidores espirituais do filme *Nosso Lar*. Entrevista com Suely Caldas Schubert. 30'06". Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=RL_3bgoNPHk>. Acesso em 27 nov. 2012.

²⁰ CABRAL, João Batista. Obras de André Luiz pela ordem cronológica. Disponível em: <http://www.adesergipe.com.br/sys_sistema/upload_dir/OBRAS_DE_ANDRE_LUIZ_-_NWEB.doc>. Acesso em 07 set. 2013.

²¹ Marlene Nobre fala sobre as revelações feitas pelo médium Chico Xavier a respeito da nova era e sobre a vida na Colônia *Nosso Lar*. Entrevista com Marlene Nobre. 52'06". Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=_YPkw7_uWKc>. Acesso em 26/12/2012.

Gonçalves argumenta que podemos creditar a aceitação das teses andreluizinas pelo movimento espírita brasileiro ao fato de que

Pela técnica mediúnica de escrita, constituem-se os discursos da literatura mediúnica, uma produção, também, complementar. Esse processo de produção discursiva permite, também, que a doutrina seja atualizada e renovada pela “voz” dos espíritos. A mediunidade psicográfica é, pois, considerada, pelos adeptos do Espiritismo, como a principal fonte de introdução de novos objetos e, também, da reformulação dos já existentes. (GONÇALVES, 2012, p.95).

Porém, como enfatizou Schubert, nem todos os adeptos do Espiritismo se convenceram do relato sobre a vida após a morte do corpo físico revelada por André Luiz. Para este segmento de adeptos, as teses andreluizinas só poderiam ser aceitas como *verdades doutrinárias* se houvessem sido confirmadas pelo Controle Universal do Ensino dos Espíritos (CUEE), metodologia criada por Allan Kardec que visava justamente estabelecer regras para a seleção de mensagens mediúnicas que poderiam ou não ser aceitas como *verdades* da doutrina espírita. Essa metodologia estabeleceu que para uma *verdade* ser aceita pela doutrina espírita, esta só teria validade se fosse constatada em vários lugares, através de diversos médiuns, que não mantivessem contato entre si. Fora desse critério, toda comunicação deverá ser considerada como uma opinião particular do espírito comunicante (VIDAL, 2013, p.6).

É, portanto, através da aplicação do "Controle Universal do Ensino dos Espíritos", que Allan Kardec seleciona os enunciados que farão parte “daquele conjunto de ideias, em meio à grande dispersão de enunciados que circundavam em torno daquele processo discursivo”, o que o fez optar pelo recurso da observação das regularidades discursivas (GONÇALVES, 2010, p. 41). Temos, portanto, a adoção, por parte de Kardec, de um tipo de procedimento de controle de discursos que permite regular o discurso espírita e, conseqüentemente, a produção das *verdades* a serem adotadas pelo Espiritismo. Segundo Foucault, esse modo de ação trata

De determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. (...) Ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo (FOUCAULT, 2011, p.36).

Conforme Gonçalves, o Espiritismo constrói suas *verdades* a partir de um conjunto de enunciados os quais, ao tratar de objetos como a vida, morte, espírito, imortalidade, dentre outras temáticas, tornam-se imanentes à sua religiosidade. Ainda segundo a autora, “a doutrina espírita possui um conjunto de discursos que formam seu campo discursivo a partir de uma regularidade

que as identifica como tal. São discursos que definem um saber específico sobre o divino, o humano, o espírito, o terreno, a vida, a morte” (GONÇALVES, 2011, p.54-55).

Contudo, a metodologia de análise do discurso atribuída aos espíritos adotada por Allan Kardec não passou incólume de crítica. Charles Richet (1850-1935), em seu *Tratado de Metapsíquica*, reconhece a “energia intelectual de Allan Kardec” (RICHET, 2008, p.56), mas classifica como ponto fraco do sistema filosófico kardecista a hipótese segundo a qual

Os médiuns, nos quais se diz que os espíritos estão incorporados, não se enganam nunca, e que as escritas automáticas nos revelam verdades que é necessário aceitar, a não ser que esteja influenciado por maus espíritos. Nestas condições, se acompanhamos a teoria de Allan Kardec, seremos também levados a aceitar como dinheiro contado todas as divagações do inconsciente, as quais, salvo exceções, dão sempre mostra de uma muito primitiva e pueril inteligência. É um erro bem grave construir uma doutrina com as palavras dos tais espíritos, que são pobres espíritos (RICHET, 2008, p.56).

Referente a esta temática, Possebon (2011) afirma que uma *verdade* “seria aquilo que faz eco, que se espelha, em um conteúdo já previamente emoldurado em um dado sistema. Uma “verdade” é reconhecida como tal por determinados indivíduos, em um determinado contexto, em determinadas condições” (POSSEBON, 2011, p.320). Este autor questiona o que seria, para o adepto do kardecismo, uma “verdade espírita”, cuja resposta é dada, a seu ver, pela Análise de Discurso (AD): uma *verdade* “é aquilo que é coerente com o estabelecido, reconhecido como verdadeiro” (POSSEBON, 2011, p.320). Como a doutrina espírita é elaborada por Allan Kardec, o conceito de “verdade” deve ser aplicado àquilo que está em consonância com seus princípios fundadores. Ao exemplificar suas ideias, Possebon indaga-se se uma revelação como a do *aeróbus* contida em *Nosso Lar* poderia ser considerada por seus adeptos uma *verdade*, uma vez que

A existência deste veículo não vai contrária às bases doutrinárias, pois estas afirmam que as “almas” podem se locomover, não permanecem fixas em determinado local, é-lhes permitido ir e vir. O cânone da doutrina não dá todavia o detalhe de como funciona esta movimentação, limitando-se à possibilidade e vinculando-a à vontade da própria alma. Em síntese, o problema é, neste nosso exemplo pontual: o *aeróbus* é uma verdade para o adepto da doutrina? (POSSEBON, 2011, p.321).

A respeito do “Controle Universal do Ensino dos Espíritos” como método de controle das informações, Possebon afirma que Kardec assume o papel daquele que controlava as condições de produção e destaca a importância da figura do médium durante o processo, de quem se exige “uma conduta moral e uma história de vida que o isente de qualquer suspeita. Mesmo então que um dado fosse comum a muitas fontes, ele não seria aceito como uma ‘verdade’, se as mesmas

fontes não tivessem um amparo de idoneidade, se os médiuns não fossem figuras publicamente reconhecidas e respeitadas” (POSSEBON, 2011, p.321-322).

Possebon conclui que, tomando por base o método aplicado pela própria doutrina espírita, é possível afirmar, tomando, por exemplo, seu questionamento anterior sobre o *aeróbus*, que este ponto “será uma “verdade”, se inúmeras fontes falarem dele e se estas mesmas fontes forem moralmente confiáveis” (POSSEBON, 2011, p.322).

Lewgoy, acerca da preocupação de Allan Kardec quanto ao controle das mensagens que poderiam ou não compor a doutrina espírita, assim se pronuncia:

Desde Kardec, o espiritismo esteve preocupado em critérios de autenticação das mensagens recebidas pelos médiuns, onde a credibilidade destes é condição de possibilidade do êxito da comunicação. Mas o exame da mensagem é soberano, sendo feito com base em critérios exegeticos de "elevação moral intrínseca" de seu conteúdo. Ou seja, se são reconhecidas como mensagens de espíritos de escol, há todo um esforço paralelo de teorização dos critérios de reconhecimento, que atravessam a obra de Kardec, bem como nos autores que até as primeiras décadas do Século XX falam do espiritismo, como Conan Doyle (1992). Os critérios textuais consistem, fundamentalmente, numa espécie de crítica religiosa do conteúdo das mensagens, a fim de evitar fraudes e mistificações. Não se trata de uma simples exegese racional em busca de coerência doutrinal, mas do que poderia ser chamado, do ângulo do critério, de um certo *habitus* que corresponde a um "*feeling* religioso" que, por sua vez, apresenta uma abertura para a questão da estética das mensagens recebidas (LEWGOY, 2000, p. 59).

Um dos mais destacados defensores do método e ideias apresentadas pelo Espiritismo kardecista no Brasil, foi o jornalista José Herculano Pires (1914-1979), para quem

Qualquer obra que pretenda superar Kardec ou subestimar a doutrina espírita precisa ser submetida à prova do toque. E essa prova só pode ser feita de duas maneiras: de um lado, conferindo-se a pretensa superação com a obra de Kardec para verificar-se qual das duas está mais coerente e apresenta maior coesão, maior unidade e firmeza nos seus princípios; de outro lado, conferindo-se, como recomenda o próprio Kardec, os princípios da pretensa superação com as exigências do pensamento atual em todos os campos de nossa atividade mental. A obra de Kardec (...) oferece-nos os elementos necessários a uma crítica válida e a uma apreciação verdadeira das novas doutrinas que pretendem modificá-la ou superá-la. Se alguém nos apresentar outra obra em melhores condições do que essa, para servir de pedra de toque, estaremos prontos a trocar a pedra. Mas enquanto a obra de Kardec continuar nessa posição, não temos razão para substituí-la (PIRES, 1975, p.09).

Consequentemente, na visão de Herculano, este posicionamento não faz com que a não aceitação de quaisquer *verdades* pelo Espiritismo o torne uma doutrina engessada²², incapaz de evoluir. Herculano defendia a opinião de que os princípios fundamentais do Espiritismo seriam inabaláveis, mas que o seu desenvolvimento ocorreria paralelamente com a evolução do homem, que aos poucos seria capaz de compreender, de forma mais adequada, a natureza humana, o mundo e a vida. Defensor da pureza doutrinária do Espiritismo, Herculano classificou certas teses que se apresentavam como complementares da doutrina como “fascinações da vaidade”, que atrapalhariam, no seu ponto de vista, os caminhos da evolução natural e doutrinária do Espiritismo. Entre estas teses estariam o roustainguismo²³; o divinismo ou espiritismo divinista²⁴; o ramatisismo²⁵; o heterodoxismo ou armondismo²⁶; a teoria do *continuum mediúnico*²⁷ e, por fim, o andreluizismo, sendo este último uma referência ao espírito de André Luiz e que, segundo Herculano, “é sustentado por instituições que se apoiam na caridade para desviar adeptos ingênuos da verdadeira compreensão doutrinária” (PIRES, 1975, p.09;11).

Realizando um paralelo com o artigo *Repensando a pureza Nagô*, da antropóloga Beatriz Góis Dantas (1982), é possível afirmar que, dentro do conceito de “pureza doutrinária”, o Espiritismo de Allan Kardec seria o ponto de referência, ou seja, o “puro”, e os que dele derivam ou se afastam serão classificados pelos kardecistas como “degenerados”, “deturpados”, estando relacionado com uma ideia de poder formal, onde os “impuros” constituiriam uma ameaça real a essa estrutura de poder.

²² No sentido de ser considerada desatualizada.

²³ Doutrina elaborada pelo advogado francês Jean Baptiste Roustaing, que aceitava as crenças do kardecismo ortodoxo, e difundia a tese de que Jesus não possuiu um corpo físico, mas *flúidico*. Suas teses foram divulgadas em três volumes, em obra intitulada *Os Quatro Evangelhos – A Revelação da revelação* (Adaptado de ALVES, 2010, p.100).

²⁴ A doutrina divinista foi fundada no século XX por Oswaldo Polidoro. Este se considerava a reencarnação de Rama, Krishna, alguns Budas, Hermes, Zoroastro, Orfeu, Pitágoras, Platão, Enoch, Moisés, Ezequiel, Elias, João Batista, João Huss, Allan Kardec, entre outros. De acordo com seus adeptos, Allan Kardec, que teve a missão de codificação do Espiritismo, deixou várias lacunas a serem preenchidas, missão esta que haveria sido incumbida a Oswaldo Polidoro, que terminaria, assim, o processo de codificação da doutrina espírita. (Adaptado de COUTINHO; MARQUES, 2010, p.127).

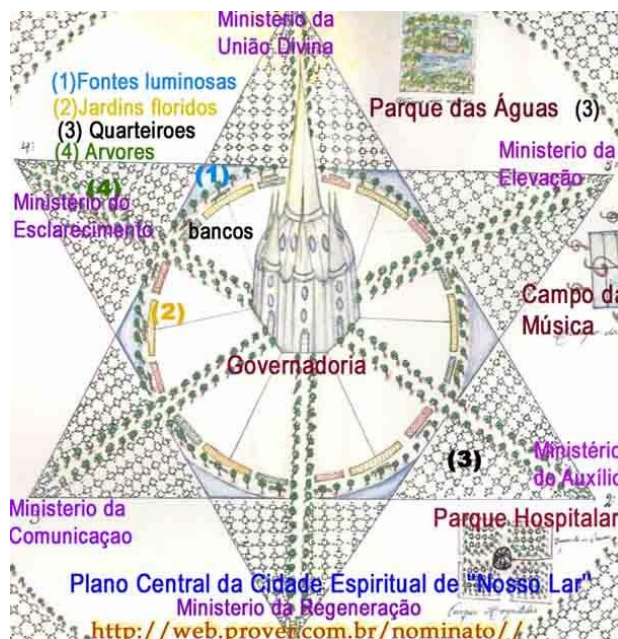
²⁵ Também conhecido por *ramatisianismo*, se apresenta como uma vertente do espiritismo que segue os ensinamentos do espírito-guia do médium Hercílio Maes, chamado de Ramatis. Os ramatisistas, como são conhecidos seus adeptos, afirmam que Jesus era na verdade um anjo que servia de médium a um espírito chamado Cristo Planetário. São também vegetarianos e tem ligações com o gnosticismo e o esoterismo. (Adaptado de ALVES, 2010, p.17).

²⁶ Ramo do espiritismo criado por Edgard Armond, um militar paulista. Adepto do esoterismo e do gnosticismo, chegando a se tornar maçom, Armond tentou unir o kardecismo a estas filosofias, mesclando-as entre si. (Adaptado de ALVES, 2010, p.17).

²⁷ Este conceito proposto por Cândido Procópio Ferreira de Camargo engloba o Kardecismo e a Umbanda como “religiões mediúnicas” em um “corte de realidade” que buscou realizar a percepção de analogias e a verificação de uma simbiose doutrinária e ritualística que redundaria em um florescimento de uma consciência de unidade, constituindo, no entender de Camargo, “um modo das pessoas viverem sua religião, um fato social, independente do direito a distinções e separações rígidas entre o Kardecismo e a Umbanda, como legitimamente fazem umbandistas e kardecistas” (Adaptado de CAMARGO, 1961, p. 12-14). Vale ressaltar que Camargo foi um dos precursores da Sociologia da Religião no Brasil e publicou duas obras de grande importância no campo da literatura acadêmica sobre o espiritismo: *Kardecismo e Umbanda* (1961) e *Católicos, Protestantes e Espíritas* (1973).

Muitos adeptos irão rejeitar as *verdades* apresentadas por *Nosso Lar*. No entanto, apesar das críticas feitas por kardecistas ao livro *Nosso Lar*, suas teses não só conquistaram adeptos, mas deram a possibilidade do surgimento de outras obras literárias que pretendiam aprofundar ou complementar o relato feito pelo espírito de André Luiz, a exemplo de *A Cidade no além*, livro da médium Heigorina Cunha e de autoria atribuída ao espírito Lucius. A obra é prefaciada pelo próprio espírito de André Luiz, que afirma: “O irmão Lucius fez quanto pôde, a fim de trazer, aos amigos domiciliados no plano físico, alguns aspectos de *Nosso Lar*, a colônia de trabalho e reeducação a que nos vinculamos na espiritualidade, especialmente o plano piloto que lhe diz respeito” (LUIZ, 2008, p.11). Em seu capítulo 01, Heigorina Cunha confessa sua surpresa com o fato de que espíritos pudessem “habitar cidades edificadas e organizadas de modo semelhante às expressões terrenas” (XAVIER, 2008, p.30), ao mesmo tempo em que se questiona: “(...) os espíritos nos asseguravam que nos reuniríamos em famílias e agrupamentos, e que a vida continuava sem grandes mudanças depois da morte física, por que haveria de ser tão discrepante em relação aos moldes da vida terrena?” (XAVIER, 2008, p.31).

A obra de Cunha é possuidora de um avanço em relação à obra de Chico Xavier e André Luiz: desenhos considerados pela autora como uma “Planta baixa” (XAVIER, 2008, p.27) da colônia *Nosso Lar*, dentre eles os do edifício da governadoria; do pavilhão de restringimento do Ministério da Regeneração; um dos templos de iniciação do Ministério da União Divina; um desenho em planta do *Nosso Lar*; um parque de educação do Esclarecimento, em forma de estrela; e um desenho do que seria o campo magnético da Terra dividido em sete esferas, “seguindo a tradicional concepção dos sete céus de que nos falam os antigos estudiosos das coisas espirituais” (XAVIER, 2008, p.68).



Planta do “Nosso Lar” de acordo com Heigorina Cunha.
 Fonte: <http://www.cinemeirosnews.com/2010/09/nosso-lar.html>. Acesso em 26 jun. 2014.

Esta última concepção do campo magnético da Terra em sete esferas, conforme relatado na obra de Cunha, pode ser considerada como mais uma controvérsia entre a obra de André Luiz e Allan Kardec, pois em *O Céu e o Inferno*, Kardec a avalia como um “duplo erro” (KARDEC, 2008, p.16):

Os antigos acreditavam na existência de vários céus superpostos, compostos de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas das quais a Terra era o centro. Essas esferas, girando ao redor da Terra, arrastavam consigo os astros que se encontrassem em seu circuito. Essa ideia, que se prendia à insuficiência de conhecimentos astronômicos, foi a de todas as teogonias que fizeram dos céus, assim escalonados, os diversos graus de beatitude; o último era a morada da suprema felicidade. Segundo a opinião mais comum, havia sete deles; daí a expressão: *Estar no sétimo céu*, para exprimir uma felicidade perfeita. (...) As diferentes doutrinas concernentes à morada dos bem-aventurados repousam todas sobre o duplo erro de que a Terra é o centro do Universo, e que a região dos astros é limitada. É para além desse limite imaginário que todos colocaram essa região afortunada e a morada do Todo-Poderoso. Singular anomalia que coloca o autor de todas as coisas, aquele que as governa todas, nos confins da criação, em lugar do centro de onde a irradiação do seu pensamento pudesse se estender a todos! (KARDEC, 2008, p.16).

Tal atitude de Allan Kardec em negar a existência de *céus superpostos* está atrelada à importância dada por ele às descobertas científicas de sua época, que teria demonstrado “a nulidade dessas teorias” (KARDEC, 2008, p.16-17). Para Kardec, se fazia importante a progressão do Espiritismo: “(...) Marchando com o progresso [o Espiritismo], jamais será

ultrapassado porque, se novas descobertas demonstrassem estar em erro sobre um certo ponto, ele se modificaria sobre esse ponto; se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará” (KARDEC, 2003, p.37).

1.3 Nosso lar: o filme

Em setembro de 2010 houve a adaptação do livro *Nosso Lar* para o cinema, através de uma coprodução entre a Globo Filmes e Cinética Filmes, que recebeu o apoio da Federação Espírita Brasileira (FEB) e da Funcine. O diretor do filme, Wagner de Assis, afirmou que, para produzi-lo, resolveu ouvir o que os espíritas pensavam a respeito do livro, decisão esta que o levou a participar de várias reuniões em centros espíritas e debates em fóruns de discussão da Internet. De acordo com o diretor, apesar do interesse na aquisição dos direitos para a produção haver surgido entre 2004 e 2005, o filme só conseguiu viabilidade após a entrada da Fox Filmes no projeto, por ser considerado um projeto caro, onde os efeitos especiais consumiram 30% do orçamento. Os trabalhos duraram oito semanas e, em algumas ocasiões, a locação do filme chegou a utilizar cerca de 1.500 pessoas. As gravações ocorreram nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. As cenas de André Luiz no umbral foram gravadas em uma pedreira no bairro de Jacarepaguá- RJ (SOUZA, W., s.d., p.84;88).

O filme, que consumiu vinte milhões de reais, foi um dos mais caros do cinema nacional. Seu orçamento foi superior ao de *Lula – O filho do Brasil*, que custou dezesseis milhões de reais (BORGO, 2010). *Nosso Lar* foi exibido em mais de 400 salas de cinema em todo o país, registrando em seu fim de semana de estreia, a marca de 562.000 espectadores. Na ocasião, em termos de números absolutos, alcançou a segunda melhor estreia do cinema nacional desde 1995, em termos de público, perdeu apenas para outro filme de temática espírita, *Chico Xavier*, que alcançou a marca de mais de 590.000 pessoas em seu fim de semana de estreia. Levando-se em conta apenas a arrecadação obtida (bilheteria), *Nosso Lar* se torna o número um entre os filmes nacionais produzidos nos últimos quinze anos, com 5,9 milhões de reais de arrecadação (JARDIM, 2010). *Nosso Lar – O filme*, conseguiu se tornar o filme brasileiro mais assistido do ano já no mês seguinte (outubro), ao atingir um público de 3,4 milhões de pessoas e arrecadação de 31,4 milhões de reais (ROXO, 2010).

A crítica especializada recebeu a adaptação com certo desdém. Para o crítico Érico Borgo, do portal *Omelete*, existe uma dificuldade em analisar filmes de temática religiosa, pois, em seu ponto de vista, se corre o risco de parecer, de forma errônea, “preconceituoso e desrespeitoso com a fé alheia”. Para ele, “*Nosso Lar* tem defeitos de monte”:

O didatismo do texto literário, que esmiúça cada detalhe dessa nova realidade, é mantido pelo diretor Wagner de Assis em sua versão audiovisual. O resultado, ainda que deva encantar quem já conhece a obra original, é redundante e cansativo para quem se interessa por *Nosso Lar* apenas como cinema. (...) A narração em *off* teima em relatar aquilo que nossos próprios olhos já estão vendo. A solução só piora ainda mais quando personagens professorais (Lísias, Clarêncio, Governador Anacleto...) surgem em cena para, essencialmente, explicar. E explicam tudo, o tempo todo (BORGIO, 2010).

Borgio classifica *Nosso Lar* como “um filme de reafirmação e disseminação da doutrina espírita”, e se surpreende com o fato de que “uma doutrina tão positiva atrole a fé alheia em nome do espetáculo”, ao citar uma cena em que vítimas do Holocausto, com as estrelas de Davi e *peot* no cabelo, chegam à colônia espiritual. Segundo o crítico, “ainda que tente ser respeitosa e solene, a sequência ignora diferenças fundamentais nos conceitos de vida eterna das duas religiões e me pareceu equivocada e invasiva”. Sua análise é concluída com a ressalva de que “não fossem os excessos didáticos (de roteiro e elenco) e o tom de sermão, *Nosso Lar* seria bem mais importante para a cinematografia nacional do que resultou” (BORGIO, 2010).

A *Agência Estado* deu destaque ao cenário em que *Nosso Lar* chegou aos cinemas, aproveitando-se do interesse do público por filmes como *Bezerra de Menezes – O diário de um espírito* (2007), com Carlos Vereza no papel principal, que atraiu 505 mil espectadores; *Chico Xavier – o filme* (2010) com um público de 3,4 milhões de pessoas; e a exibição da novela *Escrito nas Estrelas* e da minissérie *A Cura*, com Selton Mello, ambas as produções da Rede Globo (2010) e que abordavam em suas narrativas temas como a reencarnação e a vida após a morte.

Na *Folha de São Paulo*, o crítico Valdo Cruz considera que, para os adeptos do Espiritismo, “o filme emociona e reforça convicções, no entanto, para outrem “incomoda em alguns momentos pelo tom didático de alguns diálogos, travados em um som superficial, quase amador”. De acordo com Cruz, nessas passagens o diretor procurou dar uma aula de Espiritismo aos espectadores, sendo fiel à sua essência, porém fez com que o filme perdesse em naturalidade. Considera ainda que as falhas de *Nosso Lar* não desmerecem o filme, “Pelo contrário. É uma boa produção nacional, com um roteiro que, como espírita, considero competente ao sintetizar e tornar atraente a história da chegada do médico André Luiz numa colônia espiritual” (CRUZ, 2010).

No portal *UOL*, o crítico Mauricio Stycer analisou o filme *Nosso Lar* como “uma obra de iniciação ao espiritismo” e compara a colônia espiritual a “uma cidade que parece construída por

Oscar Niemeyer em uma viagem de LSD", e a um "livro ilustrado com imagens" e que este filme jamais "poderá nunca dizer que é cinema de qualidade" (STYCER, 2010).

Entre os adeptos do Espiritismo, a recepção do filme, como seria de esperar, foi bem mais positiva. No site “Bahia espírita”, o adepto Goulart Gomes assim se posiciona sobre a produção cinematográfica:

O filme *Nosso Lar*, que acabo de assistir, não é apenas o de melhor (sic) efeitos especiais e um dos maiores custos de produção cinematográfica já realizado (sic) no Brasil. É um grande tributo aos 20 milhões de espíritas e simpatizantes, de formação kardecista ou não, existentes em nosso país; o mais elaborado meio de divulgação desta filosofia espiritualista e uma grande homenagem a duas das mais importantes personalidades desse universo: ao médium Chico Xavier, que psicografou a obra de mesmo nome, e ao espírito André Luiz, que a ditou (GOMES, 2010).

Em João Pessoa (PB), de acordo com o adepto Kiko Souza Muniz, à época articulista da extinta gazeta eletrônica espírita *Pensador*, circularam “milhares de e-mails, convocações e comunicados” visando à formação de grupos para assistir ao filme, chegando até à realização de “um desfile cívico, no dia 12 de setembro, no bairro Valentina Figueiredo. Tudo isso sob a coordenação de (...) Sérgio Beltrão, que (...) é também presidente e requisitadíssimo médium de cura da União Espírita Diogo de Vasconcelos”. Muniz destaca também que, à época de lançamento do filme, muitos adeptos acreditavam que durante a exibição do filme *Nosso Lar*, falanges de espíritos iriam “estar presente durante as sessões, “realizando curas e transformações espirituais” em homens e mulheres ainda desajustados consigo mesmo” (MUNIZ, 2010, p.10). Tais crenças dos espíritas pessoenses parecem estar em conformidade com a teoria do imaginário de Gilbert Durand, para quem o homem tende a criar significado através de sua imaginação. Desta forma, o homem atribuirá significados que estão além da funcionalidade dos atos ou objetos, transformando-os através das mais diversas culturas, o que vem a demonstrar que, para o ser humano, nada é tão insignificante que não possa ganhar uma significação (PITTA, 2005, p.11-13).

O grau de aceitação do filme pelos adeptos pode ser medido pela votação realizada no site do Ministério da Cultura (MinC), que solicitava aos internautas que escolhessem qual filme deveria representar o Brasil na disputa pelo Oscar de melhor filme estrangeiro. *Nosso Lar* obteve 70% da preferência dos internautas, porém, “uma comissão formada por representantes do MinC, da Secretaria do Audiovisual, da Agência Nacional de Cinema e da Academia Brasileira de Cinema optou por indicar “Lula, o Filho do Brasil” ao posto, (...) o que irritou quem votou na enquete” (ROXO, 2010). Apesar de sua não indicação como filme representante do Brasil no

Oscar 2011, *Nosso Lar* teve exhibições nos Estados Unidos sob o título *Astral City - A spiritual journey*; Canadá; em toda a América Latina através do canal fechado Fox; México, África do Sul e Coréia do Sul (NOSSO LAR, 2012).

A adaptação de *Nosso Lar* para o cinema possuiu como objetivo a constituição de mais uma forma de reafirmação da legitimação das ideias apresentadas pelo autor espiritual André Luiz como *verdades* complementares da doutrina espírita elaborada por Allan Kardec, podendo, neste contexto, ser entendida como uma "espetacularização" dessas verdades, que contou com a aprovação da Federação Espírita Brasileira.

2. NOSSO LAR E O MOVIMENTO ESPÍRITA: DISCURSOS TRANSVERSOS

Nosso Lar é classificado por Gonçalves como pertencendo ao gênero discursivo autobiografia, cujo conteúdo “carrega marcas que denunciam as especificidades do seu modo de enunciação” (GONÇALVES, 2012, p.93). Para a autora este gênero é apropriado para o relato de experiências individuais como as narradas pelo sujeito psicografado André Luiz. É através da escrita psicográfica que a doutrina espírita se utiliza para divulgar as *verdades* sobre a vida além-túmulo. Nesta modalidade de materialização de objetos discursivos, cabe ao espírito comunicante a função de “ditar” (produzir) o texto, enquanto ao médium cabe o papel de materializar a produção discursiva do espírito comunicante. Gonçalves destaca que, além da utilização da técnica psicográfica para a “produção, atualização ou emergência de novos objetos” há também uma literatura produzida pelo modo convencional por adeptos (GONÇALVES, 2012, p.95).

Em que pese a produção de novos objetos discursivos através da técnica psicográfica, dentro do próprio movimento espírita surgiram grupos que pretendiam conquistar a autoridade de poder falar em nome do Espiritismo, ou seja, serem reconhecidos como grupos que poderiam afirmar o que era ou não, uma *verdade* espírita. A Federação Espírita Brasileira – FEB, de acordo com Silva, demonstrou, em vários artigos escritos no *Reformador*, que pretendia representar o Espiritismo. Com esse objetivo, procurava negar a autoridade de outras instituições espíritas que possuíam a mesma pretensão (SILVA, F., 2005, p.119). Em busca dessa autoridade, a FEB procura se legitimar utilizando a obra *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* como meio de ressaltar que a sua autoridade para falar em nome do Espiritismo possui origens na espiritualidade:

A doutrina seguia marcha vitoriosa, através de todos os ambientes cultos da Europa e da América, quando o grande Codificador se desprende dos laços que o retinham à vida material, em 1869. (...) O desaparecimento do mestre deixa algo desorientado o campo geral da doutrina em organização. Em Paris, como nos grandes centros mundiais, quiseram inutilmente substituir-lhe a autoridade. As falanges de Ismael²⁸ estavam vigilantes. Sugeriram aos espíritistas brasileiros a necessidade de criar, no Rio, um núcleo central das atividades, que ficasse como o órgão orientador de todos os movimentos da doutrina no Brasil (CAMPOS, 2010, p. 163).

²⁸ Ismael é o nome do alegado espírito que realizara a primeira comunicação da Sociedade de Estudos Espíritos Grupo Confúcio, e que teria se apresentado aos seus membros como diretor espiritual do Brasil, estando subordinado diretamente a Jesus.

Este era, por assim dizer, o mito de origem do que viria a ser a Federação Espírita Brasileira. Seguindo as orientações de Ismael, a 02 de agosto de 1873 é fundada a Sociedade de Estudos Espíritos Grupo Confúcio, cuja direção estava entregue a Antônio da Silva Neto e Francisco Leite de Bittencourt Sampaio e que pode ser considerada um “embrião” do que mais tarde viria a ser a FEB. Posteriormente, atendendo a solicitação de Ismael, o nome do grupo é alterado para Sociedade de Estudos Espíritos Deus, Cristo e Caridade, porém, em virtude de brigas e dissensões entre seus membros, Bittencourt Sampaio e Frederico Júnior abandonam o mesmo, e fundam, em 1880, um novo grupo, intitulado Grupo Espírita Fraternidade. Seguindo nova orientação de Ismael, implantam no novo grupo os estudos de *Os Quatro Evangelhos* de Roustaing, enfatizando, assim, sua predileção pelo aspecto religioso da doutrina espírita (VIDAL, 2012, p.60). Em 02 de janeiro de 1884 a FEB será fundada por Augusto Elias da Silva, que dá início aos trabalhos da federação em sua própria casa, na Rua da Carioca número 120 (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 2012).

Outra instituição que pretende representar o Espiritismo é a CEPA – Confederação Espírita Pan-Americana, fundada a 05 de outubro de 1946 na cidade de Buenos Aires, com o objetivo de congregar o movimento espírita da América. Dentre seus objetivos estão a difusão do Espiritismo para todos os povos da América, respeitando seus princípios; Estimular o debate permanente da doutrina, de conformidade com seu caráter evolutivo, visando a atualização de seus postulados científicos, filosóficos e morais; Unidade de propósitos dentro dos princípios doutrinários; Organizar fóruns de debates filosóficos, científicos e culturais que representem integralmente os propósitos de divulgação do pensamento espírita e participar de atos de caráter continental realizado por países e instituições americanas que possuam por objetivo o desenvolvimento do saber científico, filosófico e espiritual, dirigido à evolução do pensamento espírita, assim como da moral dos indivíduos (O QUE É A CEPA, 2014).

Em 2001, o Brasil foi sede do XVIII Congresso da CEPA, realizado na cidade de Porto Alegre, cujo tema “Deve o Espiritismo atualizar-se?”, possuía como objetivo principal a discussão da atualização doutrinária do Espiritismo (BENCHAYA, 2001, p.07). A realização do congresso foi cercada por controvérsias, em virtude do modelo adotado no Brasil²⁹ possuir a visão segundo a qual

O Espiritismo é uma revelação divina e, como tal, acabada e intocável. (...) Os que se demoram na visão evangélico-salvacionista, de um modo geral, apequenam a contribuição dos encarnados no processo de codificação. (...) Sob essa visão, o próprio Kardec não passaria de um mero “secretário” dos espíritos, encarregado de compilar e publicar suas revelações. Todavia,

²⁹ Referência indireta ao modelo de Espiritismo adotado pela Federação Espírita Brasileira – FEB.

quando se examina a contribuição do fundador do Espiritismo, percebe-se facilmente que a doutrina espírita tem a marca pessoal do pedagogo, do filósofo e do cientista que ele foi e que, sem Allan Kardec, o Espiritismo não seria o que é. Os órgãos dirigentes do movimento espírita, dessa forma, estariam investidos de uma espécie de “mandato divino” e da impostergável missão de “salvar” ou orientar a Humanidade. É o que se depreende do discurso que predomina no espiritismo religioso (BENCHAYA, 2001, p.08-09).

A CEPA Brasil (Associação Brasileira de Delegados e Amigos da Confederação Espírita Pan-americana) foi fundada em 19 de outubro de 2003, possuindo por principais objetivos operacionalizar as ações da CEPA no país e contribuir com seu Conselho Executivo; a promoção do intercâmbio e relacionamento com todos os setores do movimento ou vertentes do movimento espírita e promover, estimular e acompanhar esforços no sentido da atualização permanente do Espiritismo (CEPA BRASIL, 2014).

Mais recente, o NEFCA – Núcleo Espírita de Filosofia e Ciências Aplicadas, fundado em 14 de novembro de 2010 em São Paulo, é uma entidade que se apresenta como científico-filosófica privada, independente e que não se submete a nenhuma outra instituição espírita. Afirma possuir as características da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas³⁰ e defende a pureza doutrinária do Espiritismo. Entre seus objetivos estão dar prosseguimento com as pesquisas científicas sobre a fenomenologia espiritual e estimular as digressões filosóficas iniciada com a codificação espírita por Kardec e demais adeptos que o seguiram (VIDAL, 2012, p.110).

Duas frentes são prioritárias para a entidade: a investigação científica, que pretende utilizar-se de metodologias de pesquisa acadêmicas através do estabelecimento de convênios com instituições de pesquisas governamentais e privadas visando à comprovação ou não de diversos axiomas contidos na doutrina espírita, como a mediunidade, magnetismo e efeitos físicos; e a aplicação do Controle Universal do Ensino dos Espíritos (CUEE) através de seus

³⁰ Segundo editorial de abril de 1998 do *Jornal Mundo Espírita*, ao criar a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, Kardec procurava "estabelecer a melhor maneira de pesquisar esse mundo que se abria diante da humanidade, de estudar os procedimentos para o relacionamento com os desencarnados e de difundir os ensinamentos dos Espíritos superiores", ao considerar "que as reuniões espíritas deveriam ser levadas a efeito em instituição especialmente criada para esse objetivo, a fim de evitar a frivolidade e a interferência de contingências da vida privada dos participantes". Dessa forma, funda a Sociedade em Paris a 01 de abril de 1858. Considerada o primeiro Centro Espírita regularmente constituído no mundo, seu Estatuto "estava normatizado por 29 artigos que tratavam dos objetivos e fins, da constituição, dos sócios, da administração, das sessões e de outras disposições (...) [A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas] nunca teve sobre outras quaisquer vínculos de ascendência, filiação ou solidariedade material, e os laços que as unia eram apenas de identidade de objetivos e de troca de experiências". (Adaptado do site Portal do Espírito. Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, primeiro centro espírita do mundo. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/mundo-espirita/sociedade-parisiense.html>. Acesso em 18 abril 2014).

núcleos regionais com o objetivo de submeter algumas questões fundamentais e não respondidas ao critério de aferição criado por Kardec. O NEFCA não considera o Espiritismo como uma religião e pretende, de acordo com suas premissas, trazê-lo de volta ao seu caminho científico e filosófico (VIDAL, 2012, p.110).

Essas instituições são, no nosso entendimento, representativas dos modos de ver e entender o Espiritismo que permeia o movimento espírita. Vilhena (2008) identificou três tendências correntes sobre o entendimento doutrinário do Espiritismo: a) Conservadora (ou *ortodoxa*) – É aquela que prega a preservação dos princípios e práticas doutrinárias legadas por Allan Kardec. Combatem o entusiasmo excessivo de alguns adeptos que possuem poucos conhecimentos da obra de Kardec, o que as levaria a aceitar quaisquer novidades vindas do *além* sem nenhum critério, análise ou reflexão dessas comunicações. Desta forma, “privilegia a coerência prática e doutrinária do que, a seu ver, significa “ser espírita”” (VILHENA, 2008, p.121-122); b) Expansionista – Sua prioridade é difundir o movimento espírita. Com esse objetivo, fazem “vista grossa” ao que consideram pequenos desvios nas práticas e doutrina espíritas que julgam não comprometer seriamente os postulados elaborados por Allan Kardec em prol da expansão do movimento. Creem ainda que, com o tempo e a difusão da doutrina, os discursos desviantes serão corrigidos (VILHENA, 2008, p.133); e c) Inclusivista – Esta vertente possui uma visão eclética do que vem a ser o Espiritismo. Tal postura estaria localizada “Nas bordas entrecruzadas de extensa rede de significados e valores mais ou menos compartilhados pelo Espiritismo kardecista, pelo Catolicismo, pelas crenças afro-brasileiras, tradições indígenas, orientanismos, gnosticismos, espiritualismos em geral. Essa compreensão é partilhada por sujeitos individuais e coletivos, cuja religiosidade é construída a partir de bricolagens, sincretismos e hibridismos” (VILHENA, 2008, p. 137).

Tais modos de ver e entender o Espiritismo kardecista nos remete à fala de Bruno Latour acerca das controvérsias. De acordo com este autor, se quisermos entender a disputa doutrinária pelo poder de afirmar o que é ou não Espiritismo, seremos obrigados a ler todos os posicionamentos de quem produz esses discursos, ou seja, as instituições que falam em nome do Espiritismo e seus adeptos, o que nos leva a concluir que, neste trabalho, estamos lidando com um tema dinâmico, vivo, cujas controvérsias continuarão a serem alimentadas pelos produtores do discurso espírita através de debates ulteriores (LATOUR, 2011, p.58).

Para melhor compreendermos este posicionamento de Latour acerca das controvérsias e da disputa doutrinária em poder afirmar o que é ou não Espiritismo, abordaremos a polêmica entre Allan Kardec e seu contemporâneo Jean Baptiste Roustaing, cuja obra influenciou na forma pelo qual o Espiritismo foi estabelecido no campo religioso brasileiro.

2.1 O discurso de Jean Baptiste Roustaing

Entendo que, para uma melhor compreensão das controvérsias existentes entre o discurso de Allan Kardec em suas obras e o *Nosso Lar*, de Francisco Cândido Xavier, faz-se necessário um estudo preliminar da obra *Os Quatro Evangelhos – A Revelação da Revelação*³¹ do advogado bordelês Jean Baptiste Roustaing, contemporâneo de Kardec e cuja obra é considerada por estudiosos da doutrina espírita, a exemplo de Herculano Pires e Júlio Abreu Filho (1973), Gélío Lacerda (1995), Krishnamurti de Carvalho Dias (2000) e Sergio Aleixo (2011), como o “primeiro cisma” do Espiritismo.

Roustaing nasceu na vila de Bégles, integrada à comunidade de Bordeaux, em 15 de outubro de 1805. Sua família não era detentora de grandes recursos financeiros, fato que o leva a trabalhar cedo com a finalidade de pagar seus estudos (BARROS; MARTINS, 2005, p.133). De acordo com o jornalista Luciano dos Anjos, adepto das teses roustainguistas³², tal fato terá consequências na saúde de Roustaing, que “Não conseguia tempo sequer para o indispensável repouso físico” (GRUPO DOS OITO, 2014).

Para se manter, Roustaing ministrava aulas de letras, ciências e matemáticas especiais. Resolve ir para a cidade de Toulouse, considerada à época o melhor centro de ensino de Direito no sul da França. Com o que recebia dessas aulas, conseguiu custear seus estudos das Leis e do Direito, diplomando-se advogado. Em 1829 retorna para Bordeaux, onde se inscreve na ordem dos advogados, distinguindo-se como advogado de negócios (BARROS; MARTINS, 2005, p.158-159;168).

Em 1861, ao restabelecer-se de uma grave enfermidade³³, Roustaing, de formação católica³⁴, tem seu primeiro contato com a doutrina espírita através da recomendação de um

³¹ Este título é uma alusão à doutrina espírita. Para Allan Kardec, o Espiritismo é a Terceira Revelação das leis de Deus. A primeira revelação estava representada na figura de Moisés; A segunda, personificada na figura de Jesus; e a terceira, o Espiritismo, que seria o Consolador Prometido por Jesus, não estando personificado por alguém, mas é o produto do ensinamento dado pelos espíritos.

³² As teses propostas por Jean Baptiste Roustaing em sua obra *Os Quatro Evangelhos*, assim como seus adeptos, são denominados de roustainguistas, rustanistas e rustenistas.

³³ Os biógrafos Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros especulam que a “grave enfermidade” que acomete Jean Baptiste Roustaing seria estafa. Contudo, ressaltam que não há “nada além de indícios” a respeito desta possibilidade. Roustaing adoeceu em janeiro de 1858 e só se recuperou em janeiro de 1861, aos cinquenta e cinco anos de idade. (Adaptado de BARROS; MARTINS, 2005, p.215).

³⁴ Realizando um paralelo com a formação religiosa de Allan Kardec, constatei que não há uma palavra definitiva sobre a fé de Hippolyte Léon Denizard Rivail antes de seu envolvimento com o fenômeno das mesas girantes, de onde edificou o corpo doutrinário do Espiritismo. Na *Revista Espírita* de maio de 1869, encontra-se uma breve biografia de Kardec onde se informa que este fora “nascido sob a religião católica, mas educado num país protestante” (KARDEC, 2005, p.185). Abílio Costa Coelho (1982) relata o batismo de Hippolyte Rivail na igreja de Saint-Denis de La Croix-Rousse, no dia 15 de junho de 1805. Na biografia exposta no site da Associação de Estudos Espíritas Allan Kardec, é informado que Kardec foi “filho de pais católicos, (...) criado no Protestantismo, mas não abraçou nenhuma dessas religiões, preferindo situar-se na posição de livre pensador

médico que lhe falara sobre as possibilidades de comunicação entre o mundo corpóreo e o espiritual³⁵. De acordo com Pires (2003, p.13), essa notícia fora absorvida por Roustaing com ceticismo, porém o fez realizar pesquisas sobre o assunto:

Leu *O Livro dos Espíritos* e em seguida *O Livro dos Médiuns*, chegando à conclusão de que: “o mundo espiritual era bem o reflexo do mundo corporal”. De posse desse dado consultou a História, compulsou os livros “de filosofia profana e religiosa, antiga e recente, os prosadores e os poetas”, vendo que as verdades contidas naqueles livros, se confirmavam. Leu ainda o Velho e o Novo Testamento, que também lhe deram a mesma confirmação. Mas notou uma falta: “... tudo permaneceu obscuro, incompreensível e impenetrável... No tocante à revelação referente à origem e à natureza espirituais de Jesus, sobre sua **posição espírita** em relação a Deus e ao nosso planeta, sobre os seus poderes e a sua autoridade”. (PIRES, 2003, p.13-14) (Grifo original do autor).

As leituras das obras de Kardec tiveram grande impacto sobre Roustaing, que resolve escrever-lhe uma carta. Sua correspondência, publicada na *Revista Espírita* de junho de 1861, demonstra a empolgação do advogado bordelês com a doutrina espírita:

Meu caro senhor e muito honrado chefe espírita (...). (...) Depois de ter estudado e compreendido, conheço o mundo invisível como conheço Paris, naquilo que a estudei sobre o mapa. Pela experiência, o trabalho e a observação continuados, conheci o mundo invisível e seus habitantes como conhecia Paris naquilo que a percorri, mas sem ter ainda penetrado em todos os cantos dessa vasta capital (...).
 (...) Agradeço com alegria e humildade esses divinos mensageiros por terem vindo nos ensinar que o Cristo está em missão sobre a Terra, para a propagação e o sucesso do Espiritismo, essa terceira explosão da bondade divina (...).
 (...) Adeus, meu caro senhor; depois de três meses de silêncio, sobrecarregados com uma carta muito longa; responder-me-eis quando puderdes, e quando quiserdes. Proponho-me a fazer a viagem a Paris para ter o prazer de vos conhecer pessoalmente, de vos apertar fraternalmente a mão; minha saúde a isso se opõe até o presente. (KARDEC, 1993, p.147-150)

De acordo com Nazareno Tourinho, adepto do Espiritismo e membro vitalício da Academia Paraense de Letras, diante de testemunho tão efusivo, Allan Kardec demonstra simpatia “pelo futuro desertor da causa em que se empenhava devotadamente” (TOURINHO,

e homem de análise” (Disponível em: <http://www.allankardec.nl/#!/allankardecpor/c1xoo>, acesso em 25 agosto 2014).

³⁵ A identidade deste médico que, por assim dizer, “apresenta” Roustaing à doutrina espírita é desconhecida, porém, Martins e Barros levantam duas possibilidades: o Dr. Lablay, amigo e clínico particular de Roustaing e o Dr. Alphonse Bouché Vitray, também amigo de Roustaing e praticante do espiritismo. (Adaptado de BARROS; MARTINS, 2005, p.217-218).

1999, p.90). Segundo este autor, apenas cinco meses depois, ao realizar uma visita à cidade de Bordeaux, onde residia Roustaing, Allan Kardec, em discurso, destaca a existência, naquela cidade, de homens de “eminente posição” e de “muitos bons médiuns”, porém não faz nenhuma menção a Jean Baptiste Roustaing (TOURINHO, 1999, p.91).

Para Krishnamurti Dias³⁶, a ausência de Roustaing à recepção de Kardec e o fato deste, em seu discurso, não fazer nenhuma menção ao advogado bordelês, teria como motivo uma epístola atribuída ao espírito de Erasto na qual este alertava Kardec “de que ali mesmo, em Bordéus, não em nenhum outro lugar, mas ali, onde morava Roustaing, tramava-se um golpe contra a codificação pelos inimigos dela” (DIAS, 2000, p. 25):

(...) Sei quão profunda é vossa fé em Deus e quanto sois fervorosos adeptos da nova revelação. Eis porque vos digo, com toda a efusão de minha ternura, que ficaria desolado, ficaríamos desolados todos nós que, sob a direção do Espírito da Verdade, somos os iniciadores do Espiritismo na França, se viesse a desaparecer do vosso meio a concórdia de que, até hoje, destes provas brilhantes.

(...) eu aproveito com entusiasmo esta ocasião (...) para vos mostrar quanto seria funesta ao desenvolvimento do Espiritismo e que escândalo causaria entre os vossos irmãos de outras regiões, a notícia de uma cisão (...). Não ignoro, como não o deveis ignorar, que tudo farão para semear a divisão entre vós; que vos armarão ciladas; que em vosso caminho semearão emboscadas de toda sorte; que vos oporão uns aos outros, a fim de fomentar a divisão e levar a uma ruptura, por todos os títulos lamentável (...)

Estou convicto de que não dareis aos inimigos de nossa santa causa a satisfação de dizer: “*Vede essas Espíritas de Bordéus, que nos mostravam como marcha na vanguarda dos novos crentes! Não sabem nem ao menos estar de acordo entre si!*” Eis, meus amigos, onde vos esperam e onde nos esperam a todos. Vossos excelentes guias já vos disseram: “Tereis que lutar não só contra os orgulhosos, os egoístas, os materialistas e todos esses infelizes que estão imbuídos do espírito do século; mas ainda, e, sobretudo, contra a turba de Espíritos enganadores que, encontrando em vosso meio uma rara reunião de médiuns, pois a tal respeito sois os mais aquinhoados, em breve virão assaltar-vos: uns, com dissertações sabiamente combinadas, nas quais, graças a tiradas piedosas, insinuarão a heresia ou algum princípio dissolvente; outros, com comunicações abertamente hostis aos ensinamentos dados pelos verdadeiros missionários do Espírito de Verdade (KARDEC, 1993, p.302-304) (Grifos nossos).

De acordo com Dias, essa epístola atribuída ao espírito Erasto e dirigida a Kardec datava de setembro de 1861. Três meses depois, Roustaing vem a conhecer a médium Emilie Collignon, que teria recebido as comunicações dos espíritos de João Baptista, Moisés, Mateus, Lucas, Marcos e João, que comporiam a obra *Os Quatro Evangelhos – A Revelação*

³⁶ Eugênio Lara, autor da *História Ilustrada do Espiritismo no Brasil* (2002), editado em formato eletrônico (PDF) pelo Centro de Pesquisa e Documentação Espírita – CPDOC reconhece Krishnamurti Carvalho Dias como um dos maiores propagadores, ao lado de Jaci Régis, da tese de que o Espiritismo não é religião. A respeito dessa temática, Krishnamurti publicou o livro *O Laço e o Culto*, considerado um marco sobre a questão.

da Revelação (DIAS, 2000, p.26). É possível perceber que um cisma na doutrina espírita era uma das preocupações de Allan Kardec, que buscava construir “as regras que permitem selecionar os enunciados que circularão com um valor de verdade” (GONÇALVES, 2010, p.74). Em *Obras Póstumas*, Kardec reflete sobre a possibilidade do surgimento de cismas:

(...) Ele [o Espiritismo] terá, no início sobretudo, que lutar contra as ideias pessoais, sempre absolutas, tenazes, lentas para se ligarem às ideias de outrem, e contra a ambição daqueles que querem ligar, a despeito de tudo, seus nomes a uma inovação qualquer; que criam novidades unicamente para poderem dizer que eles não pensam e não fazem como os outros; ou porque seu amor-próprio sofre por apenas ocupar uma posição secundária. (...) Deve-se notar que os numerosos sistemas divergentes, surgidos na origem do Espiritismo, sobre a maneira de explicar os fatos, desapareceram à medida que a Doutrina se completou pela observação e por uma teoria racional; hoje, é com dificuldade que estes primeiros sistemas ainda encontram alguns raros partidários. É este um fato notório do qual pode-se concluir que as últimas divergências se apagarão com a completa elucidação de todas as partes da doutrina; mas haverá sempre os dissidentes prevenidos, interessados, por uma causa ou por outra, para constituir um bando à parte: é contra a pretensão desses que é preciso se premunir (KARDEC, 2010, p.341).

Desta forma, os procedimentos adotados por Kardec encontram-se de acordo com o pensamento de Foucault sobre o que seria *verdade*:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade (FOUCAULT, 1979, p.12).

Na visão de Barros e Martins, *Os Quatro Evangelhos* seriam a realização, por Roustaing, de “sua grande missão na Terra, seria o *trabalho da fé*, obra que veio para a *ruína da letra* que imperava, e para o *levantamento* da interpretação em *espírito* e *verdade* dos *Evangelhos*” (BARROS; MARTINS, 2005, p.233) (Grifos originais dos autores). Em junho de 1866, Allan Kardec realiza, nas páginas da *Revista Espírita*, uma análise da obra roustainguista:

Esta obra [Os Quatro Evangelhos] compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com ajuda de comunicações ditadas pelos espíritos. É um trabalho considerado, e que tem, para os espíritas, o mérito de não estar, sobre nenhum ponto, em contradição com a

doutrina ensinada por *O Livro dos Espíritos* e o dos médiuns. As partes correspondentes àquelas que tratamos em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* o são num sentido análogo. De resto, como nos limitamos às máximas morais que, quase sem exceção, são geralmente claras, elas não poderiam ser interpretadas de diversas maneiras; também foram o assunto de controvérsias religiosas. Foi por esta razão que começamos por ali a fim de ser aceito sem contestação, esperando para o resto que a opinião geral estivesse mais familiarizada com a ideia espírita (KARDEC, 1993, p.129).

Os adeptos das teses roustainguistas interpretaram que não houve, por parte de Allan Kardec, uma condenação da obra de Roustaing, cuja principal tese, do corpo fluídico de Jesus, teria sido posta em “quarentena” pelo codificador (SILVA, G.,1995, p.30). Porém, em suas considerações, Kardec ressalta: “Dissemos que o livro do Sr. Roustaing não se afasta dos princípios do *Livro dos Espíritos* e do *dos Médiuns*. Nossas observações são feitas sobre a aplicação, desses mesmos princípios, à interpretação de certos fatos” (KARDEC, 1993, p.129). Com isso, Kardec buscava esclarecer aos adeptos que, no tocante às teses apresentadas pela obra, que pretendiam serem reconhecidas como partes integrantes da doutrina espírita, deixava a responsabilidade sobre as mesmas para seu autor e aos alegados espíritos que as ditaram, não dando sua aprovação ou reprovação à obra roustainguista, “deixando ao tempo o cuidado de sancioná-las ou contradizê-las” (KARDEC, 1993, p.129):

Convém, pois, considerar essas explicações como **opiniões pessoais** aos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todos os casos, **têm necessidade da sanção do controle universal, e até mais ampla confirmação não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita** (KARDEC, 1993, p.129) (Grifo nosso).

Novamente é possível perceber como Allan Kardec procura controlar o que pode ou não ser considerada uma *verdade doutrinária espírita* através da metodologia por ele utilizada do controle universal do ensino dos espíritos, explicitada aos adeptos na introdução de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. De acordo com Souto Maior, após a análise da obra roustainguista na *Revista Espírita*, nos bastidores,

Kardec foi menos polido. Roustaing cometera um erro grave: o de confiar todo o seu texto a uma única médium e, o pior, a uma ilustre desconhecida (...). As mensagens atribuídas aos evangelistas não foram checadas com outros médiuns, e nenhum outro espírito – a não ser os dos círculos de Émilie Collignon – fora “ouvido” até a publicação das 2 mil páginas. O método da “universalidade do ensino dos espíritos”, defendido por Kardec, teria sido ignorado, e o resultado era aquele (MAIOR, 2013, p.295-296).

Dentre as teses apresentadas por Roustaing que provocaram as controvérsias com Allan Kardec, estavam: a) Jesus, um espírito crístico, não haveria tido, em sua passagem pela Terra, um corpo de carne, mas sim um corpo fluídico, que possuiria todas as aparências da matéria³⁷; b) A gravidez de Maria, assim como tudo na vida de Jesus, desde sua concepção até a morte na cruz, foi uma *aparência*. O leite mamado por Jesus era devolvido ao sangue da mãe, sem que ela o soubesse³⁸; c) O corpo fluídico de Jesus justificaria atos como andar sobre as águas e seu desaparecimento do sepulcro; d) A “encarnação” do espírito na vida humana ou corporal só ocorreria por castigo: a ela se sujeitariam apenas os “espíritos falidos”, situação da qual poucos espíritos conseguiriam escapar³⁹; e) os espíritos ateus sofreriam o castigo da primitiva encarnação humana, transformando-se em larvas denominadas por Roustaing de *criptógamos carnudos*⁴⁰ (VIDAL, 2012, p. 34).

A análise realizada por Kardec de *Os Quatro Evangelhos* causou profunda indignação em Roustaing, que redige uma resposta ao codificador do Espiritismo intitulada “Resposta ao artigo de Allan Kardec (REVISTA ESPÍRITA, junho de 1867)⁴¹”, onde externa seu incômodo por este não lhe ter abalizado sua obra:

Aí vamos encontrar tudo o que apresentamos à consideração dos leitores, a propósito da introdução do *Evangelho Segundo o Espiritismo*. Tudo lá está: o fundo, a forma, o ostracismo, a infalibilidade. É a aplicação do sistema preconcebido a uma obra à que se faz desde logo o mais belo enterro de primeira classe que se pudera desejar. Na França, em geral, pouco se lê. Os espíritas, habituados, na sua maioria, a aceitar tudo, disseram: O chefe, o mestre certamente aplicou a sua contraprova universal aos três volumes de J.

³⁷ Para Kardec, não seria impossível que Jesus tivesse possuído um corpo fluídico, em razão das propriedades que teria o envoltório espiritual. Porém, considera esta teoria como hipotética, e que, se um dia viesse a ser reconhecida como errônea, toda base da obra roustaingista desabaria. Desta forma, Kardec não a confirma, preferindo ouvir os comentários que virão dos espíritos a respeito do tema, alegando que existem “objeções sérias” à tese de uma vida toda em *aparência* de Jesus e que os fatos protagonizados por este podem ser explicados “sem sair das condições da humanidade corpórea”. O tamanho da obra de Roustaing (três volumes), e a falta de clareza em algumas passagens, também são motivos de críticas de Kardec (KARDEC, 1993, p.130). A tese do corpo fluídico de Jesus será rejeitada por Kardec em *A Gênese - Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*: “(...) A partir do nascimento, e até sua morte, tudo, em seus atos, sua linguagem e nas diversas circunstâncias de sua vida, apresenta os caracteres inequívocos de sua corporeidade. (...) Depois de sua morte, ao contrário, tudo revela nele o ser fluídico. A diferença entre estes dois estados é tão fundamentalmente traçada, que não é possível assemelhá-las” (KARDEC, 2003, p.303).

³⁸ Com uma gravidez *aparente* de Maria, Roustaing pretendia manter a concepção católica da virgindade da mãe de Jesus, que, devido à sua condição de espírito *puro*, não poderia nascer fruto de um *pecado*, tendo, então, a necessidade de manifestar-se entre os homens através de um corpo fluídico.

³⁹ Esta tese confronta-se com o princípio kardecista de que a reencarnação é uma *necessidade* do espírito em busca de sua evolução moral, que seria atingida ao chegar ao estado de *espírito puro*. Para Roustaing, Os espíritos que não falissem, teriam *evolução em linha reta*.

⁴⁰ Herculano Pires define os *criptógamos carnudos* como uma “espécie animal (mas não animal porque formado de substâncias humanas) em que se encarnam espíritos humanos que regrediram ao plano vegetal e animal” (SILVA, G., 1995, p.41).

⁴¹ Em sua resposta, Roustaing confunde as datas da *Revista Espírita*. A análise de *Os Quatro Evangelhos* realizada por Allan Kardec o são feitas na *Revista Espírita* de junho de 1866, e não 1867.

B. Roustaing. Não podemos, por conseguinte, comprar nem ler uma obra inútil (SILVA, G., 1995, p.30).

Na concepção de Arribas, a reprovação à obra de Roustaing por parte de Allan Kardec deveu-se ao fato desta concorrer “diretamente com a sua própria obra de codificação ao se auto-reivindicar a “Revelação da Revelação”, pretendendo com isso superar a “Terceira Revelação” – o Espiritismo de Allan Kardec” (ARRIBAS, 2010, p.221). Dois anos após analisar a obra roustanguista na *Revista Espírita*, Kardec publica aquela que será a última obra da codificação espírita, *A Gênese – Os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, em cujos capítulos XIV e XV, procura

Contraditar a teoria de Roustaing e posicionar-se definitivamente sobre o assunto, pois o que estava em jogo naquela disputa era o monopólio da produção dos bens simbólicos espíritas. Kardec aspirava, portanto, acabar com as bases para ver desmoronar todo o edifício teórico da pretendida continuadora do seu espiritismo – a obra “rival” *Espiritismo cristão ou revelação da revelação: os quatro evangelhos* (ARRIBAS, 2010, p.221-222).

Apesar da preocupação de Kardec em manter a exclusividade de poder afirmar o que é ou não conteúdo doutrinário espírita, a obra de Roustaing

Mal foi conhecida, ou em termos mais precisos, reconhecida no meio espírita francês. Mesmo recebendo uma segunda tiragem em 1882⁴², aumentada somente de um prefácio exclusivamente produzido contra o artigo de Kardec da *Revue Spirite*, as teses roustanguistas foram pouco ou quase nada difundidas. No entanto, no Brasil, os seus escritos tiveram uma recepção bastante acolhedora, o que favoreceu a sua difusão por parte, sobretudo, do grupo dos religiosos – grupo que tomou cada vez mais a dianteira do movimento espírita brasileiro (ARRIBAS, 2010, p. 224).

Uma pergunta comumente realizada por adeptos da doutrina espírita é por que Allan Kardec não foi mais incisivo e direto em sua análise sobre os três volumes da obra roustanguista, não as condenando claramente? De acordo com Coutinho e Marques (2010),

Allan Kardec era um homem culto, educado, sinceramente polido e, acima de tudo, uma grande alma versada em diversas teorias, filosofias, idiomas e muitas outras ciências do seu tempo. Jamais desclassificaria ou proibira esta ou aquela obra, já que acreditava no livre julgamento de consciência de todos e jamais transformou sua teoria (instrumento) ou posicionamento

⁴² Segundo o adepto espírita Wilson Garcia, *Os Quatro Evangelhos* possuiu, na França, uma edição única, que “dormia a sono solto nos depósitos”. Após dezesseis anos de seu lançamento em 1866, a obra roustanguista recebeu um encarte com o objetivo de recolocá-la à venda, ou seja, sua segunda edição seria um reaproveitamento da primeira (Adaptado de GARCIA, 1995, p.133-134).

peçoal como arbítrio e senso absoluto da verdade. O mesmo critério que Kardec utilizou para as obras de Roustaing, não as banindo de forma literal, utilizou para várias outras obras de sua época. Não condenou e nem condena nenhum tipo de literatura, livros, pensamentos, convicções ou crenças (fés) baseadas nas ciências, filosofias ou religiões. Pedia apenas que todos fizessem uma análise criteriosa (hermenêutica) da linguagem e estrutura do pensamento de todas as mensagens, imagens e leituras, independentemente de onde viessem (...) (COUTINHO; MARQUES, 2010, p.461).

Exemplares de *Os Quatro Evangelhos – A revelação da revelação* chegaram ao Brasil em 1870, ocasião em que se iniciam seus estudos e divulgação. Inicialmente houve dificuldades em estudá-la, por ainda estar publicada em seu idioma original – o francês. Em 1880, com a fundação da Sociedade Espírita Fraternidade, ocorreu uma primeira tentativa de traduzi-la para o português, em um manuscrito feito por João Kall. Segundo especulam Barros e Martins, esta primeira tentativa não teria tido o objetivo de uma futura publicação, o que ocorreria apenas no ano de 1883, quando o Marechal Francisco Raimundo Ewerton Quadros teria traduzido parcialmente *Os Quatro Evangelhos* com esse objetivo, apenas um ano antes da fundação da Federação Espírita Brasileira – FEB (BARROS; MARTINS, 2005, p.560-561).

Para Barros e Martins, a tradução de Ewerton Quadros só teria sido concluída depois da fundação da FEB, que estuda uma futura publicação através da editora H. Garnier. Provavelmente em função dos altos custos para publicação da obra em face de sua extensão, o projeto fora adiado. Esta tradução seria publicada a partir de 15 de janeiro de 1898, em série, nas páginas do *Reformador*, por iniciativa do então presidente da FEB, Adolfo Bezerra de Menezes (BARROS; MARTINS, 2005, p.561-562).

Nascido a 29 de agosto de 1831 na Fazenda Santa Bárbara, em um local denominado Riacho das Pedras, município de Riacho do Sangue, no Ceará, Adolfo Bezerra de Menezes viria a se tornar, anos mais tarde, um dos mais importantes nomes do Espiritismo no Brasil. Filho do capitão das antigas milícias e tenente-coronel da Guarda Nacional Antônio Bezerra de Menezes, recebera uma rígida educação por parte deste, sendo criado como católico apostólico romano. Em razão de questões políticas, sua família, que defendia ideias liberais, necessitou se exilar, em 1842, no vizinho estado do Rio Grande do Norte (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p.149). Em 1846, Bezerra retorna à terra natal para terminar o Liceu. No ano de 1851, deixa novamente o Ceará com destino ao Rio de Janeiro para estudar Medicina (ARRIBAS, 2010, p.131).

De acordo com Arribas, Bezerra de Menezes, oriundo do interior nordestino, leva consigo para o Rio de Janeiro “um catolicismo eivado de fatos populares relacionados a

manifestações de almas penadas. (...) Desde criança (...) ouvia narrativas de aparições de Espíritos, de manifestações do demônio, de casas mal-assombradas, imprimindo no garoto estigmas de medo” (ARRIBAS, 2010, p.131-132).

Bezerra de Menezes possuía ainda o costume de “tomar mezinhas milagrosas receitadas geralmente por um feitiçeiro ou uma mucama” assim como acreditava “na eficácia de plantas e talismãs mágicos para espantar mau-olhado (...). Enfim, uma religiosidade (oficialmente católica) saturada de elementos mágicos que persistia em todas as camadas sociais; uma salada mística de crenças, folclores e dogmas católicos” (ARRIBAS, 2008, p.132).

Antes de envolver-se com a doutrina espírita, ingressa, em 1852, como praticante interno no Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Para pagar seus estudos, ensinava filosofia e matemática. Em 1856 doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Elege-se vereador para Câmara Municipal do Rio de Janeiro em 1860 e, em 1867, é eleito deputado-geral (o equivalente, hoje, a deputado federal) pelo Rio de Janeiro (APONTAMENTOS BIOBIOGRÁFICOS, 2014).

A convivência de Bezerra de Menezes com livres pensadores e ateus o fizeram abandonar sua fé no Catolicismo, porém, estas influências não o fizeram deixar de acreditar na existência de Deus e da alma (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p.150). Em 1878, o Dr. Joaquim Carlos Travassos “apresenta” a Bezerra de Menezes a doutrina espírita ao presenteá-lo com um exemplar de *O Livro dos Espíritos*, cuja tradução ao português fora realizada por ele mesmo, entregando-o com uma dedicatória. Este episódio é descrito posteriormente pelo próprio Bezerra:

Um colega, porém, tendo traduzido *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, fez-me presente de um exemplar, que aceitei, por cortesia. Deu-me na cidade, e eu morava na Tijuca, a uma hora de viagem de bonde. Embarquei com o livro, e, não tendo distração para a longa e fastidiosa viagem, disse comigo: ora, adeus! Não hei de ir para o inferno por ler isto: e, depois, é ridículo confessar-me ignorante de uma filosofia, quando tenho estudado todas as escolas filosóficas.

(...) Lia, mas não encontrava nada que fosse novo para o meu espírito, e, entretanto, tudo aquilo era novo para mim! (...) Eu já tinha lido e ouvido tudo o que se acha em *O Livro dos Espíritos*, mas eu tinha a certeza de nunca haver lido obra alguma espírita, e, portanto, me era impossível descobrir onde e quando me fora dado o conhecimento de semelhantes ideias! (SOARES, 2008, p.55-56).

Dessa forma, Bezerra de Menezes supera o preconceito existente entre os católicos em relação à obra de Kardec, que a viam “como possível obra do diabo” (ARRIBAS, 2010,

p.134). Faz-se interessante destacar que, no início de sua conversão ao Espiritismo, Bezerra se identificara mais com o aspecto científico da doutrina espírita: “O Espiritismo é para mim uma ciência, cujos postulados são demonstrados tão perfeitamente como se demonstra o peso de um corpo” (SOARES, 2008, p.59).

Mesmo entendendo o Espiritismo como uma ciência, Arribas destaca que é no “aspecto moral e religioso que Bezerra de Menezes mais se apegou, talvez porque Kardec propusesse uma fé raciocinada, ou talvez pela influência dos modelos de conduta de seu pai e de seu irmão, ambos extremamente religiosos, duas figuras importantes em sua vida” (ARRIBAS, 2010, p. 136). Outra possível explicação para a preferência moral e religiosa do Espiritismo por parte de Bezerra seria o fato deste “compreender que somente enquanto religião o Espiritismo teria uma via de legitimação mais fácil e certamente mais segura a seguir. E são exatamente os seus próprios trabalhos de conversão do Espiritismo em religião que melhor enfatizam essa última suposição” (ARRIBAS, 2010, p.136).

A partir do final do ano de 1880, é que o Espiritismo “à brasileira” começará a ganhar seus contornos religiosos, a partir dos escritos de Bezerra de Menezes, características estas que perduram até os dias de hoje. Em *Reformador*, Bezerra de Menezes pregará em seus artigos ideias de tolerância e respeito ao Catolicismo, por entender que entre ambas as doutrinas não havia uma ruptura, mas sim uma continuidade que fazia do Espiritismo a *Terceira Revelação* das leis de Deus (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p.152-153). Em 1886, Bezerra de Menezes, sob o pseudônimo de “Max”, assina, em *O País*, aquele que viria a ser o primeiro artigo a serviço do caráter *religioso* do Espiritismo em uma série que recebeu o nome de “Estudos Filosóficos”, sob o título “Espiritismo” (ARRIBAS, 2010, p.140).

De acordo com Arribas, a consolidação da doutrina espírita no campo religioso brasileiro em formação deve muito ao trabalho empreendido por Bezerra de Menezes, que receberia o apelido de “Allan Kardec brasileiro” por haver sido ele “o “codificador” do Espiritismo no Brasil, o seu organizador” (ARRIBAS, 2010, p.136), ao realizar a seleção, nas obras de Kardec, de “determinados aspectos em detrimentos de outros, como também o de encadeá-los, juntamente com outras coordenadas externas à obra kardequiana, visando dar ao seu Espiritismo certa coerência e ordenação dentro de uma nova conformação estrutural” (ARRIBAS, 2010, p.137).

Em 1889 Bezerra de Menezes assume, pela primeira vez, a presidência da Federação Espírita Brasileira- FEB, mas sua gestão dura menos de um ano, pois, segundo Santos, “sua liderança foi se esvaziando em consequência das disputas entre os que enfatizavam o aspecto científico do espiritismo e os que, como ele, eram chamados de místicos” (SANTOS, 2004,

p.24). A partir de 1890, atuando no centro Grupo Ismael, dá início aos estudos de duas obras: *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec e *Os Quatro Evangelhos - A Revelação da revelação*, de Jean Baptiste Roustaing. É a partir deste momento, que Bezerra, que antes adotava uma postura de unificação federativa do movimento (SANTOS, 2004, p.24), irá definir-se como autêntico integrante da tendência *religiosa* do movimento espírita, fato este que ficará evidente em sua segunda passagem como presidente da FEB em 1895, quando torna obrigatório o estudo da obra de Roustaing, da qual se torna um destacado defensor, em conjunto com *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec (ARRIBAS, 2010, p.175):

A Allan Kardec sobrevivem outros missionários da verdade eterna que (...) darão mais luz para mais largo conhecimento das faces mais obscuras daquela verdade. Eis aí que já apareceu Roustaing, o mais moderno missionário da lei, que em muitos pontos vai além de Allan Kardec, porque é inspirado como este, mas teve por missão dizer o que este não podia, em razão do atraso da Humanidade. Não divergem no que é essencial, mas sim no modo de compreender a verdade, (...) relativas ao nosso grau de adiantamento intelectual e moral, que um não pode dispensar o outro, como as asas de um pássaro não se podem dispensar para o fim de ele se elevar às alturas (SOARES, 2008, p.96).

Será a partir deste momento de obrigatoriedade de estudo de *Os Quatro Evangelhos - A Revelação da revelação*, instituído por Bezerra de Menezes, que a Federação Espírita Brasileira – FEB, dará início à construção de um discurso conciliatório entre as teses de Kardec e Roustaing, procurando demonstrar de forma incisiva de que a obra roustaingista é um complemento necessário à obra kardecista. Esse discurso terá destaque entre os adeptos a partir das edições de *Reformador* e da obra *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*⁴³, psicografia de Chico Xavier de autoria atribuída ao espírito de Humberto de Campos:

(...) O grande missionário [Allan Kardec], no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, designados particularmente para coadjuv-lo, nas individualidades de **João Batista Roustaing**⁴⁴, que organizaria o trabalho da fé; de Léon Denis, que efetuará o desdobramento filosófico; de Gabriel Dellane, que apresentaria a estrada científica, e de Camille Flammarion, que abriria a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes, cooperando assim

⁴³ A primeira edição desta obra foi publicada no ano de 1938 pela Federação Espírita Brasileira, no período em que se buscava legitimar o Espiritismo no Brasil como religião.

⁴⁴ Para Gélío Lacerda da Silva, em sua obra *Conscientização Espírita*, o alegado espírito de Humberto de Campos, a quem é atribuída a autoria de *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*, “Não se sentiu seguro ao incluir o nome de Roustaing no seu citado livro está no fato de que escreveu “Batista Roustaing”, forma essa que não se encontra em nenhuma outra parte. Veem-se simplesmente “Roustaing”; abreviado “J.B. Roustaing”; em francês “Jean Baptiste Roustaing”, ou em português “João Batista Roustaing”. Tanto isso é verdade que a FEB, nas edições seguintes do livro, mudou o nome para “João Batista Roustaing” (SILVA, 1995, p.88).

na Codificação kardequiana no Velho Mundo e dilatando-a com os necessários complementos (XAVIER, 2010, p. 156) (Grifo nosso).

Com isso, a FEB buscava legitimar um discurso de que a vinda ao mundo físico de Allan Kardec e sua “plêiade de auxiliares”, dos quais se destacava Roustaing, fazia parte de planos anteriormente elaborados no “espaço”, onde, em “assembleias espirituais” (XAVIER, 2010, p.155), se delineavam tarefas com o fim de “organizar e compilar ensinamentos que seriam revelados” (XAVIER, 2010, p.156) à humanidade.

Ninguém pode negar que Roustaing seja kardeciano, porque de fato o mestre Kardec o declarou, ao afirmar que a doutrina apresentada por Roustaing estava de pleno acordo com os seus livros já publicados, só havendo a discutir-se a teoria sobre o corpo de Jesus, para a qual dever-se-ia aguardar confirmação. (...) [Os críticos de Roustaing] Não puderam prever que atacando uma obra mediúnica séria, da mesma natureza dos livros de Kardec e tão respeitável como qualquer destes, os projéteis viriam em ricochete ferir toda a literatura do Codificador. A própria fonte da Terceira Revelação era posta em dúvida. Negava-se a fé a um trabalho mediúnico monumental, da mesma Escola reencarnacionista fundada por Allan Kardec, e a queda dessa obra não poderia ocorrer sem infirmar toda a Codificação. São decorridos oitenta anos. Os “vencedores” contra a obra de Roustaing haviam minado inconscientemente suas próprias construções; haviam feito o jogo astucioso dos inimigos da Doutrina: Divide ut imperes. (...) A Providência Divina, porém, não permite tanta amplitude ao livre arbítrio das trevas e não permitiu que no mundo todo fosse trilhado o caminho errado que sepultou o Espiritismo em França e em outros países. Coube a meia dúzia de Espíritos prepostos, encarnados no Brasil no século passado, a gloriosa tarefa de conservar e eternizar a Codificação Kardeciana, defendendo para isso como parte integrante da Terceira Revelação a obra de Roustaing. Assim, incorporado o livro de Roustaing aos de Kardec, como “obras fundamentais” do Espiritismo, e defendido sempre este ponto de vista durante mais de sessenta anos contra todos os ataques em busca dos inimigos da Doutrina, a Codificação prosperou, cresceu, frutificou em todo o território nacional e hoje está eternizada a obra de Allan Kardec (AGARIDO, 1947, p.05).

Segundo Gonçalves (2011, p.52),

A formação discursiva funciona como uma “fábrica” de produzir discursos que, como tal, possuía a sua sistemática: conjunto de regras que funcionam controlando a produção e circulação dos discursos. O processo de formação de discursos funciona, portanto, sob o controle de um conjunto de regras, materializadas em práticas discursivas regulares.

Desta forma, identificamos não apenas a construção de um discurso conciliador entre Kardec e Roustaing por parte da Federação Espírita Brasileira - FEB nas páginas de

Reformador em busca de legitimação para a obra roustainguista, mas também de um novo discurso classificado como mediúnico, vindo de um alegado espírito de Allan Kardec⁴⁵:

(...) Sendo assim, a esse pedaço de terra a que chamamos Brasil, foi dada também a **revelação da revelação**, firmando os vossos espíritos, antes de encarnarem, compromissos de que ainda não vos desobrigastes. E perdoai que o diga: tendes mesmo retardado o cumprimento deles e de graves deveres, levados por sentimentos que não convém agora perscrutar. (...) (...) Meus amigos! É possível que eu seja injusto convosco naquilo que vou dizer: – O vosso trabalho, feito todo de acordo – não com a doutrina – mas com o que interessa exclusivamente aos vossos sentimentos, não pode dar bom fruto. Esse trabalho, sem método, sem regime, sem disciplina, só pode, de acordo com a doutrina que esposastes, trazer espinhos que dilacerem vossas almas, dores pungentes aos vossos Espíritos, por isso que, **desvirtuando os princípios em que ela assenta**, dais entrada constante e funesta aquele que encontrando-vos desunidos pelo egoísmo, pelo orgulho, pela vaidade, facilmente vos acabrunhará, com todo o peso da sua iniquidade. Entretanto, dar-se-ia o mesmo se estivésseis unidos? Porventura acreditais na eficiência de um grande exército dirigido por diversos generais, **cada qual com seu sistema, com o seu método de operar e com pontos de mira divergentes?** Jamais! Nessas condições só encontrareis a derrota porquanto – vede bem, o que não podeis fazer com o Evangelho – unir-vos pelo amor do bem – fazem os vossos inimigos, unindo-vos pelo amor do mal! **Eles não obedecem a diversas orientações, nem colimam objetivos diversos; tudo converge para a doutrina espírita – revelação da revelação – que não lhes convém e que precisam destruir**, para o que empregam toda a sua inteligência, todo do seu amor do mal, submetendo-se a uma única direção! (...) Onde, torna a perguntar, a segurança da vossa fé, a estabilidade da vossa crença, se tendo uma única doutrina para apoio forte e inabalável, a subdividis, a multiplicais, ao capricho das vossas individualidades, sem contar com a coletividade que vos poderia dar a força, se constituíssem um elemento homogêneo, perfeitamente preparado pelos que se encarregam da revelação? **Mas onde a vantagem das subdivisões? Onde o interesse real para a doutrina e seu desenvolvimento, na dispersão que fazeis do vosso grande todo**, dando já desse modo um péssimo exemplo aos profanos, por isso que pregais a fraternidade e vos dividis cheios de dissensões? (...) Permita Deus que os espíritas, a quem falo, que os homens, a quem foi dada a graça de conhecerem em Espírito e verdade a doutrina de **Nosso senhor Jesus Cristo**, tenham a boa vontade de me compreender, a boa vontade de ver nas minhas palavras unicamente o interesse do amor que lhe consagro (DIJ – DEPARTAMENTO DE INFÂNCIA E JUVENTUDE, 2013) (Grifos nossos).

Como é possível perceber, há, neste discurso, toda uma preocupação por parte do suposto espírito de Allan Kardec em dar veracidade às teses roustainguistas, ao utilizar-se de expressões bastante utilizadas por Roustaing, a exemplo de *revelação da revelação* e *Nosso Senhor Jesus Cristo*, além das críticas realizadas de forma sutil aos adeptos que não aceitavam as teses da

⁴⁵ Esta mensagem atribuída ao espírito de Allan Kardec teria sido obtida a 05 de fevereiro de 1889 pelo médium Frederico Pereira da Silva Júnior, na sede da Sociedade Espírita Fraternidade, no Rio de Janeiro (Adaptado do *blog* do Departamento de Infância e Juventude – DIJ, da Federação Espírita do Rio Grande do Sul. Mensagem de Allan Kardec (Espírito). Disponível em: <http://dijfergs.wordpress.com/2012/11/19/mensagem-de-allan-kardec-espírito>. Acesso em 13 abril 2014).

“Revelação da Revelação”, responsáveis pela “subdivisão” do movimento espírita “cada qual com seu sistema”, “desvirtuando os princípios” e com “pontos de vista divergentes”.

Como seria de esperar, a suposta comunicação de Kardec-espírito ratificando as polêmicas teses propostas por Roustaing, não passaria incólume pelo movimento espírita. Júlio Abreu Filho, em *O Verbo e a Carne*, traz uma alegada comunicação do espírito de Jean Baptiste Roustaing no Centro “Família Espírita” do Rio de Janeiro, no ano de 1921:

(...) Quando entre vós, nas mesmas condições vossas, tendo sido despertado de minha cegueira moral pelos lampejos brilhantíssimos da Luz Divina a nós outorgada por intermédio do missionário a que todos veneramos, sob a designação de Allan Kardec, quis também seguir-lhe as pisadas e, para o tal fazer, depois de acurado estudo do que ele já havia conseguido dos espíritos reveladores, pensei alguma coisa construir que, se não o ultrapassasse, pelo menos muito concorresse para a conquista da glória, que tanto me agitava. (...) Vos declaro à face da verdade, que eu nada mais era, naqueles instantes, que instrumento dos inimigos invisíveis da verdade, que das sombras misteriosas do além se aproveitavam da minha irreflexão para toldar, como se fora isto possível, a brilhantura da água cristalina que emanava daquela fonte maravilhosa de que vos falei. (...) Fui, meus irmãos, um brinquedo dos inimigos da Luz-verdade; pois foram eles os autores responsáveis de tudo quanto fiz, contrariando a doutrina lídima que vinha ensinada por Allan Kardec. (...) Irmãos, por caridade, ouvi-me: A verdade está no que vos legou e não nos que vos hei deixado. Lembrai-vos de que há, como sempre houve, usurpadores dos alheios direitos, como das alheias glórias; e eu, confesso, fui um deles. Assim, amigos, desta outra face da vida, em benefício vosso e também no meu próprio suplico-vos abandonardes a fonte má que aí deixei e voltardes para aquela, donde emana a pureza que é a verdade, esta mesma Verdade que é a Luz. Abri pressurosos os tesouros kardecianos e esquecei – peço-vos, o que aí ficou do pobre e muito pobre Roustaing. (FILHO; PIRES, 2003, p.143-144)

Através dessa comunicação, o suposto espírito de Roustaing solicitava aos adeptos do Espiritismo que esquecessem de sua obra, ao alegar que esta era fruto de orgulho e vaidade em superar o trabalho realizado por Allan Kardec, reconhecendo que havia sido “brinquedo” de espíritos mistificadores. Pede ainda o retorno à obra de Kardec, esta sim, “água cristalina” que continha a “Verdade”. Deparamos-nos, portanto, com um *jogo de vozes* produzido pelo movimento espírita que busca legitimar cada uma das tendências (religiosa e científica).

Feitas estas considerações acerca da obra de Roustaing e a construção de um discurso conciliatório entre suas teses e as de Allan Kardec nas obras da codificação espírita, tratarei, a seguir, das relações entre a obra roustanguista e *Nosso Lar*, tema central deste trabalho, e suas controvérsias com as teses defendidas por Kardec.

Segundo críticos da obra roustanguista, a exemplo de Sergio Aleixo, presidente da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Rio de Janeiro (ADE-RJ), “O rustenismo é

deturpação perigosa, porque se alastra sorrateiro, não em suas obras principais, mas mediante livros psicografados por Chico Xavier” (ALEIXO, 2011). Este depoimento de Aleixo visa demonstrar que, apesar da obra roustanguista e seu próprio autor serem pouco conhecidos e estudados no Brasil, suas teses principais encontrariam disseminação nas obras de Chico Xavier, a exemplo de *Nosso Lar*. Como exemplos da afirmação de Aleixo, deparemos-nos, em *Nosso Lar*, com o Ministro da Regeneração da colônia espiritual, Benevenuto, explicitando a tese da queda espiritual ao relatar as dificuldades do trabalho de socorro:

(...) O campo de batalha, invisível aos nossos irmãos terrestres, é verdadeiro inferno de indescritíveis proporções. Nunca, como na guerra, evidencia o espírito humano a condição de **alma decaída**⁴⁶, apresentando características essencialmente diabólicas. (LUIZ, 2008, p.285) (Grifo nosso).

No capítulo 44, “As Trevas”, Lísias explica a André Luiz sobre os conceitos de trevas e evolução espiritual compreendidos em *Nosso Lar*:

Chamamos trevas às regiões mais inferiores que conhecemos. Considere as criaturas como itinerantes da vida. **Alguns poucos seguem resolutos, espíritos nobilíssimos, que descobriram a essência divina em si mesmos, marchando para o alvo sublime, sem vacilações.** A maioria, no entanto, estaciona. Temos então a multidão de almas que demoram séculos e séculos, recapitulando experiências. **Os primeiros seguem por linhas retas**⁴⁷. Os segundos caminham descrevendo grandes curvas. Nessa movimentação, repetindo marchas e refazendo velhos esforços, ficam à mercê de inúmeras vicissitudes. Assim é que muitos costumam perder-se em plena floresta da vida, perturbados no labirinto que tracejam para os próprios pés (LUIZ, 2008, p.291) (Grifo nosso).

De acordo com Latour (2011), quanto mais nos aproximamos dos lugares onde são criados os fatos, mais estaremos no meio das controvérsias. A retórica teria sua importância nesse processo, ao haver realizado estudos sobre como as pessoas passam a acreditar em algo e a comportar-se de determinadas maneiras, ensinando-as como persuadir uns aos outros, tendo sua importância ainda mais destacada quando os debates se exacerbam. Para Latour, durante a discussão de controvérsias, se chega a um ponto no qual se faz necessário

Sair à cata de mais recursos em outros lugares e outros tempos. As pessoas começam a lançar mão de textos, arquivos, documentos e artigos para forçar os

⁴⁶ Para Roustaing, “Qualquer que seja a causa da queda, orgulho, inveja ou ateísmo, os que caem, tornando-se por isso espíritos de trevas, são precipitados nos *tenebrosos lugares* da *encarnação humana*, conforme ao grau de culpabilidade, nas condições impostas pela necessidade de expiar e progredir” (ROUSTAINING, 1999, p.311) (Grifos originais do autor).

⁴⁷ Como já visto anteriormente, a *evolução em linha reta* defendida por Roustaing seria um privilégio para os espíritos que nunca faliram e que, por conseguinte, não necessitaram de uma “encarnação” humana, que é considerada um castigo para a doutrina roustanguista.

outros a transformar o que antes foi uma opinião num fato. Se a discussão continuar, então os participantes de uma disputa *oral* acabarão por transformar-se em *leitores* de livros ou de relatórios técnicos. Quanto mais discordam, mais científica e técnica se torna a literatura que leem (LATOURET, 2011, p.44) (Grifos originais do autor).

Embora os debates em torno do *Nosso Lar* não se enquadrem na categoria de “científicos” e “técnicos”, a produção de novos discursos a respeito desta obra de Chico Xavier e André Luiz se renova através do lançamento de livros, artigos e documentários acerca desta temática da vida pós-morte. É o caso do livro *Estudando o Nosso Lar*, do médium Carlos Baccelli e de autoria atribuída ao espírito de Inácio Ferreira. Nele, é relatada a formação, no mundo espiritual, de um grupo de estudos sobre o *Nosso Lar*, tendo como facilitador o espírito de Inácio Ferreira, com o objetivo de aprender as *verdades* da obra e repassar o aprendizado para os irmãos de “lá embaixo” (FERREIRA, 2009, p.34). O autor espiritual relembra da polêmica sobre a obra após seu lançamento, as acusações a Chico Xavier que o classificavam de “mistificador” (FERREIRA, 2009, p.56-57) e sai em defesa do famoso médium ao afirmar que “não se pode considerar Chico Xavier na condição de médium comum⁴⁸” (FERREIRA, 2009, p.68). Essa obra também busca legitimar a crença existente no movimento espírita de que Chico Xavier seria a reencarnação de Kardec: “(...) Chico, a reencarnação do codificador, possuía conhecimento enciclopédico, o que sobremodo facilitou o trabalho dos espíritos por intermédio de suas faculdades mediúnicas” (FERREIRA, 2009, p.74;76). A obra aborda também o que define como “um movimento sub-reptício para que as obras mediúnicas de Chico Xavier sejam retiradas de foco” (FERREIRA, 2009, p. 151), movimento este que teria sido implantado por adeptos que estariam “agindo sob o domínio das Trevas” (FERREIRA, 2009, p. 151), reproduzindo assim, os debates existentes no movimento espírita, que seriam acompanhadas atentamente do plano espiritual. O personagem Ferdinando defende a tese de que são necessários “intensificar esforços no sentido de preservar a obra do grande medianeiro, que, para nós, é o complemento natural da Codificação” (FERREIRA, 2009, p. 152). O papel de Chico Xavier e sua importância são destacados pelas personagens:

Ele [Chico Xavier] vem, inclusive, sofrendo agressões morais, ataques em todos os flancos, tentando reduzi-lo à condição de médium comum. Subtraindo-lhe

⁴⁸ A condição de *médium* de Chico Xavier também se faz motivo de controvérsia no movimento espírita. Para os seguidores do Espiritismo religioso da Federação Espírita Brasileira, embora as obras de Chico Xavier não tenham passado pelo critério de aferição do controle universal dos espíritos, estas seriam legítimas do ponto de vista doutrinário em função da postura moral do médium, que supostamente só receberia comunicações de espíritos superiores. Os espíritas *ortodoxos* discordam desta posição ao alegarem que Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, relata que não existem médiuns perfeitos (KARDEC, 2007, p.260). Como consequência, o conteúdo doutrinário das obras de Chico Xavier deveria ser analisado sob a luz da “razão” e do “bom senso” defendidos por Kardec.

a condição de missionário da Terceira Revelação, que renasceu comprometido com a tarefa de complementação do Pentateuco... Que é de sua autoria! (FERREIRA, 2009, p. 156).

No capítulo 20, as personagens principais relatam uma visita a uma instituição espírita situada em “importante cidade do interior de um dos Estados mais progressistas do País” (FERREIRA, 2009, p. 167). Ao chegarem ao centro espírita, se deparam com a visão de um “grupo de estranhas entidades que (...) vestiam um roupão acinzentado, com um capuz quase a lhes cobrir o rosto por inteiro” (FERREIRA, 2009, p. 167-168). Essas “entidades” são identificadas como “adversários do Evangelho” e seguidores do “Espiritismo laico”, combatentes do aspecto religioso da doutrina espírita. A conclusão é óbvia: os adeptos que discordam da visão religiosa do Espiritismo construída por Bezerra de Menezes e Chico Xavier são adeptos que agem sob o domínio das “Trevas”, opositores do Evangelho e que pretendem tirar Jesus do Espiritismo. No capítulo 22, é dito que os ataques às obras mediúnicas de Chico Xavier interessam ao “Mundo Espiritual inferior” (FERREIRA, 2009, p. 183). Em determinada passagem, o espírito de Inácio faz alusão a uma frase de Kardec a respeito da verificação do conteúdo das mensagens providas dos espíritos: “Nada deve ser admitido sem análise séria e isenta, mas também nada deve ser negado *a priori*!” (FERREIRA, 2009, p. 244), deixando em aberto a possibilidade de novas *verdades doutrinárias*, mesmo que estas não tenham passado pela metodologia de Kardec.

Conforme pude constatar, é a partir da obra de Roustaing e a obrigatoriedade de seu estudo através de decisão de Bezerra de Menezes, que surgem as primeiras controvérsias doutrinárias espíritas no Brasil, assim como a produção de um discurso desenvolvido pela Federação Espírita Brasileira com vistas à conquista da legitimidade de seu posicionamento no campo religioso brasileiro através da construção de um diálogo entre as obras kardecista e roustainguista. Como afirma Latour, “(...) as controvérsias não são um mero aborrecimento a evitar, e sim aquilo que permite ao social estabelecer-se e às várias ciências sociais contribuir para sua construção” (LATOURE, 2012, p.46). Compreendo, desta forma, que as discussões em torno das controvérsias nada mais são que disputas internas pela hegemonia do discurso espírita, sendo fundamentais para o rastreamento dos vínculos de referência dos atores envolvidos.

2.2 O discurso de Emanuel Swedenborg

Como já visto no capítulo 1, Swedenborg (1688-1772), que se dedicara por muitos anos à pesquisa técnica e científica, relatou haver tido uma visão do “Senhor”, aos cinquenta e seis anos, no ano de 1744, onde este o convocava a assumir o papel de porta-voz do sentido espiritual da Bíblia. Com essa finalidade, o “Senhor” desnudou a Swedenborg os “segredos dos céus”. A partir dessa experiência, afirma haver experimentado viagens a outros planos e dimensões espirituais, relatando a existência de um *céu* onde os “mortos” necessitavam de habitações, salas, quartos, jardins, bosques, palácios etc. É considerado por Arthur Conan Doyle como “um grande pioneiro do movimento espírita” (DOYLE, 1995, p.37). Todavia, não escapa das críticas do criador de Sherlock Holmes:

Por um lado, [Swedenborg] aceita a Bíblia como sendo, de modo muito particular, uma obra de Deus; por outro lado, sustenta que sua verdadeira significação é inteiramente diferente de seu óbvio sentido e que ele – só ele – ajudado pelos anjos é capaz de transmitir aquele verdadeiro sentido. Essa pretensão é intolerável. A infalibilidade do Papa seria uma insignificância comparada com a infalibilidade de Swedenborg, se tal fosse admitido. (...) A infalibilidade de Swedenborg seria universal e irrestrita. Além disso, suas explicações nem ao menos se acomodam à razão (DOYLE, 1995, p.35).

Suas alegadas experiências no *além* o levam a escrever vários livros com a temática da espiritualidade, porém alguns são reconhecidos como “parte de seu principal trabalho” (STANLEY, 2007, p.37): *Heaven and Hell* (Céu e Inferno), de 1758 e que Stanley considera como “uma magnífica tentativa de ajudar o leitor a entender todo o mundo espiritual como uma imagem exterior retratando a alma, o divino e as distorções do ego” (STANLEY, 2007, p.37); *Divine Love and Wisdom* (Amor e Sabedoria Divinos), de 1763, onde Swedenborg descreve o que entende da doutrina da criação em emanções, esferas (ou auras), séries e graus (STANLEY, 2007, p.37).

De acordo com Miranda, Swedenborg não teve dúvidas ao aceitar sua tarefa missionária, assim como não teve problemas ao aceitar a identidade do suposto espírito que a ele se apresentou como sendo o próprio Cristo, a quem atribuiu condição divina (MIRANDA, 2005, p.17). Em relação ao que afirma ter visto em suas alegadas experiências no mundo espiritual, Swedenborg considera a seguinte descrição como “provas da experiência”:

Todas as vezes que falei com os anjos face a face, eu estava com eles em suas habitações. Suas habitações são inteiramente como as habitações que na terra se chamam casas, porém mais belas. Nelas há um grande número de câmaras, salas e quartos; há átrios e, ao redor, jardins, bosques e campos. Ali onde vivem consociados as habitações são contíguas, uma junto à outra, dispostas em

formas de cidades, com praças, ruas e mercados, inteiramente à semelhança das cidades em nossa terra. Foi-me concedido também percorrê-las, examiná-las em toda parte e, às vezes, entrar nas casas. Isso se deu em plena vigília, quando a vista interior me tinha sido aberta (SWEDENBORG, 2005, p.92).

Para Silva, Swedenborg é um autor que dá grande importância ao sentido da visão, possivelmente em função de sua “(...) própria condição de vidente, que faz questão de enfatizar que viu até quando estava em vigília, ou seja, dotado das faculdades racionais. É como se precisasse algo mais que apenas os relatos das visões para dar credibilidade às suas informações” (SILVA, F., 2007, p.39). De acordo com este autor,

Há muitas similaridades entre as descrições de Swedenborg e André Luiz. Segundo Delumeau, Swedenborg teria reativado ou mesmo reforçado a representação do *além* como semelhante ao nosso, onde os anjos são dotados de um corpo com cinco sentidos, que “conserva características materiais, com casas, avenidas, jardins e montanhas”, ou seja, um *além* acessível à experiência dos sentidos, como em Chico Xavier (SILVA, F., 2007, p.41).

Porém, apesar das semelhanças entre ambas as doutrinas, Silva relata a existência de conflitos entre os adeptos de Swedenborg e André Luiz. Em junho de 1903, um artigo publicado em *Reformador* buscava refutar uma crítica realizada pelos swedenborguianos em um periódico intitulado *A Nova Jerusalém*. De acordo com Silva, “o autor do texto publicado no *Reformador* afirma reiteradas vezes que não pretendia ser hostil: “nenhuma hostilidade nos inspira, longe como estamos de partilhar essas rivalidades, que por seu lado, entretanto as move em relação ao Espiritismo” (SILVA, F., 2007, p.42).

Fábio Silva conclui que, apesar das críticas realizadas pelos espíritas aos adeptos das teses swedenborguianas, “veremos que as representações espíritas do *além* produzidas no Brasil, e que constam das obras de Chico Xavier, estão mais próximas de Swedenborg do que de Allan Kardec” (SILVA, F., 2007, p.42).

O próprio Allan Kardec tratará da doutrina de Swedenborg em sua *Revista Espírita* de novembro de 1859. Kardec inicia sua análise reconhecendo o fato de que Swedenborg “é um dos homens mais eminentes deste século”, mas que sua doutrina “sem dúvida, deixa muito a desejar: ele mesmo, hoje, está longe de aprová-la em todos os pontos” (KARDEC, 1993, p.275). Em seguida, Kardec se aprofunda em suas considerações:

Fazendo justiça ao mérito pessoal de Swedenborg, como sábio e como homem de bem, não podemos nos constituir os defensores de doutrinas que o mais vulgar bom senso condena. O que dela ressalta mais claramente, segundo o que conhecemos agora dos fenômenos espíritas, é a existência de um mundo

invisível e a possibilidade de se comunicar com ele. Swedenborg gozou de uma faculdade que pareceu sobrenatural no seu tempo; por isso, admiradores fanáticos consideraram-no como um ser excepcional; em tempos mais recuados, ter-lhe-iam levantado altares; aqueles que nele não creram, tratam-no uns de cérebro exaltado, os outros de charlatão. Para nós era um médium vidente e um escrevente intuitivo, como os há aos milhares; faculdade que entra na condição dos fenômenos naturais.

Ele cometeu um erro, muito perdoável, tendo em vista sua inexperiência com as coisas do mundo oculto, que foi aceitar cegamente tudo o que lhe era ditado, sem o submeter ao controle severo da razão. Se tivesse pesado maduramente o pró e o contra, teria reconhecido princípios inconciliáveis com uma lógica ainda pouco rigorosa. **Hoje, provavelmente, não cairia na mesma falta; porque teria os meios para julgar e apreciar o valor das comunicações de além-túmulo;** saberia que é um campo onde nem todas as ervas são boas para colher, e que entre umas e outras o bom senso, que não nos foi dado por nada, deve saber escolher. A qualidade que se atribuiu o Espírito que se lhe manifestou, bastaria para colocá-lo em guarda, sobretudo considerando a trivialidade de seu início. O que ele mesmo não fez, cabe a nós fazê-lo agora, não tomando em seus escritos senão o que é racional; seus próprios erros devem ser um ensinamento para os médiuns muito crédulos, que certos Espíritos procuram fascinar lisonjeando a sua vaidade, ou seus preconceitos, por uma linguagem pomposa ou de enganosas aparências (KARDEC, 1993, p.277) (Grifos nossos).

Kardec, de forma polida, critica Swedenborg por não haver submetido suas alegadas revelações ao critério da razão ao aceitar cegamente tudo o que vira e ouvira desses espíritos. Ao referir-se sobre “os meios para julgar e apreciar o valor das comunicações de além-túmulo”, Kardec se refere à doutrina espírita organizada por ele próprio, “elaborada em um momento histórico em que o pensamento filosófico e científico estava dominado pelo racionalismo e pelo evolucionismo, os ideais da *razão* e do *conhecimento racional*, opostos às noções de *sobrenatural* e *mágico*” (CAVALCANTI, 1983, p.23) (Grifos originais da autora). Apesar da crítica, Kardec vê méritos na doutrina swedenborguista:

Se ela não foi aceita por todos, em todas as suas consequências, teve sempre por resultado propagar a crença na possibilidade de se comunicar com os seres de além-túmulo, crença muito antiga, como se sabe, mas até esse dia escondida do público pelas práticas misteriosas da qual estava cercada. O mérito incontestável de Swedenborg, seu profundo saber, sua alta reputação de sabedoria, foram de um grande peso na propagação dessas ideias, que hoje se popularizam mais e mais, por isso mesmo crescem abertamente, e que longe de procurarem a sombra do mistério, elas apelam à razão. Apesar de seus erros de sistema, Swedenborg não é menos uma dessas grandes figuras, cuja lembrança ficará ligada à história do Espiritismo, do qual foi um dos primeiros e dos zelosos promotores (KARDEC, 1993, p.277).

A 16 de setembro de 1859, Kardec relata uma comunicação atribuída ao espírito de Swedenborg⁴⁹, na sede da Sociedade Espírita de Paris, aonde este vem encorajar os membros da Sociedade em relação à questão espírita:

Meus bons amigos e crentes fiéis, desejei vir para vos encorajar no caminho que seguis com tanta coragem, relativamente à questão Espírita. Vosso zelo é apreciado do nosso mundo dos Espíritos: prossegui, mas não vos dissimuleis que obstáculos vos entravarão ainda algum tempo; os detratores não vos faltarão, mais do que não me faltaram. Eu preguei o Espiritismo há um século, e tive inimigos de todos os gêneros; tive também adeptos fervorosos; isso sustentou a minha coragem. **Minha moral Espírita, e minha doutrina, não deixam de ter grandes erros, que hoje reconheço.** Assim, as penas não são eternas; eu o vejo: Deus é muito justo e muito bom para punir eternamente a criatura que não tem bastante força para resistir às suas paixões. **É o que digo igualmente do mundo dos Anjos, que se prega nos templos, não era senão uma ilusão de meus sentidos: eu acreditei vê-lo; estava de boa-fé e o disse; mas eu me enganei. Vós estais, vós, num melhor caminho, porque estais mais esclarecidos do que se estava em minha época.** Continuai, mas sede prudentes para que os vossos inimigos não tenham armas muito fortes. Vedes o terreno que ganhais cada dia, coragem, pois! Porque o futuro vos está assegurado. O que vos dá a força, é que falais em nome da razão. Tendes perguntas a me dirigir? Eu vos responderei. (KARDEC, 1993, p.277) (Grifos nossos).

A 23 de setembro de 1859, Kardec relata a evocação⁵⁰, novamente na sede da Sociedade Espírita de Paris, do espírito de Swedenborg, a quem indaga sobre sua doutrina. Questiona a Swedenborg-espírito se havia sido realmente Deus quem lhe aparecera em sua primeira visão, e obtém como resposta de que não o era, o espírito assim lhe afirmara com a intenção de ser

⁴⁹ Uma questão pertinente a esta comunicação atribuída a Swedenborg é sobre sua legitimidade. Como Kardec teve certeza de que se tratava realmente do espírito do místico suíço? Houve, neste caso, a aplicação do controle universal do ensino dos espíritos? Conforme o escritor e orador espírita Sergio Aleixo, não. Para Aleixo, o CUEE seria aplicado exclusivamente para a legitimação do ensino dos espíritos, sendo a temática da identidade destes espíritos comunicantes tratada de forma diferenciada por Allan Kardec em *O Livro dos Médiuns*: “A questão da identidade dos espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. Porque os espíritos de fato não trazem nenhum documento de identificação e sabe-se com que facilidade alguns deles usam nomes emprestados. Esta é, portanto, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades da prática espírita. Mas em muitos casos a questão da identidade absoluta é secundária e desprovida de importância real. (...) Julgamos os espíritos, como os homens, pela linguagem” (KARDEC, 2010, p.231). De acordo com Kardec, à medida em que os espíritos se elevam e depuram, suas características distintivas de sua personalidade desaparecem, mas ainda assim não perdem sua individualidade, caso dos espíritos superiores e puros. Nessas condições, afirma Kardec, o nome do qual se utilizaram na Terra em suas muitas existências corporais, nada significa: “se um espírito superior se comunica usando o nome de um personagem conhecido, nada prova que seja precisamente o espírito desse personagem. Mas se ele nada diz, no seu ditado espontâneo, que desminta a elevação espiritual do nome citado, existe a presunção de que seja ele. E em todos esses casos se pode dizer que, se não é ele, deve ser um espírito do mesmo grau ou talvez um seu enviado. Em resumo: a questão do nome é secundária, podendo considerar-se o nome como simples indício do lugar que o espírito ocupa na Escala Espírita (questão número 100 de *O Livro dos Espíritos*)” (KARDEC, 2010, p.232) (ALEIXO, Sergio. **Emanuel Swedenborg**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <fabianovidal.ufpb@hotmail.com.br> em 26 agosto 2014).

⁵⁰ *Evocação* é o “ato de chamar algum espírito para que participe de alguma cerimônia ou prece. Difere da invocação, que é o ato de chamar um espírito ou mesmo Deus para ajudar em algo. A evocação é apenas o chamado para que o espírito participe de algo” (ALVES, 2010, p.54).

melhor obedecido. Kardec questiona se esse espírito possuía má intenção ao fazer com que ele, Swedenborg, escrevesse “coisas que hoje reconheceis como errôneas”. Em sua resposta, o espírito de Swedenborg afirma que não, e reconhece que também influenciou esse espírito com suas próprias ilusões (KARDEC, 1993, p.279).

Em relação às questões efetivamente doutrinárias, Kardec questiona a respeito da tese das correspondências entre os mundos corporal e espiritual, além da forma pela qual Swedenborg teria recebido essas mensagens:

O princípio da vossa doutrina repousa sobre as correspondências. Credes sempre nessas relações que encontráveis entre cada coisa material e cada coisa do mundo moral? - R. Não; é uma ficção.
(...) Poderíeis nos dizer de qual maneira recebíveis as comunicações da parte dos Espíritos, e se escrevestes o que vos foi revelado à maneira de nossos médiuns ou por inspiração? - R. Quando eu estava no silêncio e no recolhimento, meu Espírito estava como arrebatado, em êxtase, e via claramente uma imagem diante de mim que me falava e me ditava o que deveria escrever; minha imaginação, algumas vezes, também nisso se misturou (KARDEC, 1993, p.279).

Através destas comunicações atribuídas ao espírito de Swedenborg, Allan Kardec realiza a produção de um discurso mediúnico onde reforça o valor doutrinário do Espiritismo, apontando-o como uma doutrina mais consistente que a de Swedenborg (e legitimada por este na condição de espírito), por evitar a crença cega nas comunicações vindas dos espíritos e aplicar às mesmas toda uma metodologia de controle das comunicações visando legitimá-las em uma época permeada pelo racionalismo, evitando, assim, o misticismo e o *sobrenatural*⁵¹.

Segundo Coutinho e Marques (2010, p.361), *misticismo* significa a “Tendência a se considerar a ação de supostas forças espirituais ocultas na natureza, que se manifestam por vias outras que não as da experiência comum ou as da razão”. Sell e Brüseke (2006, p.17) demonstram que os termos *mística* e *misticismo* são utilizados de “forma fluida e indefinida e aparece, muitas vezes, mesclado e entendido como sinônimo de esoterismo ou, simplesmente como sinônimo de religião”. Em uma época onde o pensamento filosófico e científico estava permeado pelos conceitos de *evolução*, *razão* e *pensamento racional*, fica bastante claro porque Allan Kardec busca desconstruir as teses swedenborguianas (como o princípio das correspondências) utilizando-se apenas do que possuía de afinidade com seu Espiritismo, como a crença na existência de um mundo invisível e a possibilidade de se comunicar com os “mortos”,

⁵¹ Para Allan Kardec, “Aos olhos daqueles que olham a matéria como uma única força da natureza, *tudo o que não pode ser explicado pelas leis da matéria é maravilhoso ou sobrenatural*; e, para eles, *maravilhoso* é sinônimo de *superstição*” (KARDEC, 2007, p.21) (Grifos originais do autor).

que seriam capazes de se comunicar com os “encarnados” através da mediunidade. Além disso, Kardec buscava evitar que sua doutrina fosse associada ao *misticismo* ou ser reconhecida como *religião*:

O Espiritismo é, antes de tudo, uma ciência e não se ocupa com questões dogmáticas. (...) Seu verdadeiro caráter, pois, é o de uma ciência, e não de uma religião; e a prova disso é que se conta entre seus adeptos homens de todas as crenças, que não renunciaram por isso às suas convicções (KARDEC, 2009, p.73-74).

Dias explica que a aversão demonstrada por Kardec ao apontarem ser o Espiritismo uma nova religião, se devia ao fato desta palavra estar associada aos conceitos de “culto formal, igreja ou seita, crença mística e piedosa ou algo assim” (DIAS, 1985, p.95). De acordo com este autor, a controvérsia sobre ser ou não o Espiritismo uma nova religião, trouxe a Kardec ao menos um benefício: “ajudou a vender o resto da primeira edição d’O Livro dos Espíritos, que estava meio encalhada” (DIAS, 1985, p.92).

Tais posicionamentos de Allan Kardec são marcantes de uma época onde se acreditava que a ciência do século XIX conseguiria resolver os problemas do homem, na qual antigas crenças religiosas eram postas de lado em nome desta ciência e da concepção de progresso existentes. O que Kardec faz é racionalizar o *sobrenatural*, ao aplicar uma metodologia na qual buscava soluções racionais para seu objeto de pesquisa: “a suprema vitória da razão. A alma era um fato positivo, sendo os fenômenos por ela produzidos regulados por leis constantes” (SILVA, F., 2005, p.17).

2.3 O discurso de contemporâneos

Segundo Foucault, quando se fala com tanto prazer e sem maiores questionamentos em relação à obra de determinado autor, tal fato se deve em função de a considerarmos “definida por uma certa função de expressão” (FOUCAULT, 2013, p.29), e que, sobre esta, deve existir um nível tão profundo quanto nos é possível conceber, “no qual a obra se revela, em todos os seus fragmentos, mesmo os mais minúsculos e os menos essenciais, como a expressão do pensamento, ou da experiência, ou da imaginação, ou do inconsciente do autor, ou ainda das determinações históricas a que estava preso” (FOUCAULT, 2013, p.29). A unidade da obra, na visão foucaultiana, é constituída por uma função interpretativa e, por isso, “não pode ser considerada como unidade imediata, nem como unidade certa, nem como unidade homogênea” (FOUCAULT, 2013, p.30).

Essa função interpretativa de uma determinada obra, a nosso ver, possibilita várias leituras diferenciadas de um mesmo objeto, é o caso da doutrina espírita, interpretada como doutrina para uns, religião para outros e dividida em antes e depois de Kardec. Com *Nosso Lar*, uma obra considerada polêmica pelo próprio movimento espírita, registramos a existência de adeptos que também são produtores de discurso pró e contra as teses levantadas por André Luiz.

Dentre os opositores, destacam-se Sergio Aleixo, da ADE-RJ (Associação de Divulgadores do Espiritismo do Rio de Janeiro) e Maria das Graças Cabral⁵², do *blog Um olhar Espírita*⁵³. Para Aleixo, o espírito André Luiz “manifesta-se com a empolgação dos iniciantes”⁵⁴, utilizando-se de termos até então alheios à doutrina kardecista, tais como “*aura, corpo mental, corpo astral, corpo vital ou etérico, psicossoma, corpo fisiopsicossomático*, além do clássico *corpo espiritual, corpo fluídico, ou perispírito*, onde localizou, porém, *centros de força*, por duvidosa analogia aos chakras hindus” (ALEIXO, 2010). Segundo Aleixo, o fato de André Luiz haver inserido conceitos que não estariam de acordo com os princípios espíritas, seria um agravante ainda maior do que a descrição de uma vida pós-morte com “feições muito terrenas”, que seriam produzidas “numa linguagem de gosto ficcional, e que, absolutamente, não podem bem servir ao conhecimento espírita, de expressões científicas e filosóficas por natureza” (ALEIXO, 2010).

Sergio Aleixo realiza outras críticas sobre o *best-seller* de Chico Xavier: destaca o “rustenismo febiano” existente na obra através da menção aos conceitos de *evolução em linha reta* e a *queda* do espírito através da encarnação humana, que lhe seria um castigo, como já visto anteriormente; aponta para uma possível “ressurreição do Inferno Católico e do Hades pagão” em *Nosso Lar* quando o autor espiritual realiza a classificação da “profundeza dos mares” e o “âmago da Terra” como “zona de Trevas”, “lugar de sofrimento e pavor”, “pior que o Umbral”, que ficaria “da superfície do globo para cima”, não fazendo parte “do nível para baixo”; uma diminuição da importância da doutrina espírita para a análise das obras consideradas mediúnicas ainda no prefácio da obra, assinado por Emmanuel, quando este afirma que “em nosso campo doutrinário, precisamos, em verdade, do Espiritismo e do Espiritualismo, mas, muito mais, de Espiritualidade” (LUIZ, 2008, p.09); Aleixo relembra também recomendação feita por Kardec, que “não considerava merecedoras de publicidade nem dez por cento das comunicações de ‘moralidade irreprochável’ que lhe eram enviadas, e destas, apenas a um terço ele atribuía

⁵² Graduada em Direito pela Universidade Federal do Ceará (1978) e professora titular da Universidade de Fortaleza. (Informações do curriculum lattes da autora)

⁵³ Blog disponível na URL <http://umolharespirita1.blogspot.com.br/>

⁵⁴ Referência a uma frase de José Herculano Pires em que este classifica o espírito André Luiz como “um neófito empolgado pela doutrina”.

‘mérito fora do comum’”, e que para Allan Kardec, ensinar o bem não seria garantia de infalibilidade das comunicações mediúnicas que se pretendiam ser complementares da doutrina espírita (ALEIXO, 2010).

Para Cabral, descrições como a do Umbral seriam uma representação do inferno católico alimentado pelo “imaginário dos ‘espíritos’ ainda arraigados à dogmática católica”, enquanto *Nosso Lar* “tornou-se o céu, cujo destino é almejado por todos aqueles que sonham com a felicidade quando do retorno ao plano espiritual” (CABRAL, 2011):

O autor espiritual não se furta em descrever as belezas de *Nosso Lar*, desde a arquitetura de seus prédios, seus imensos bosques e jardins com flores exóticas e fontes de águas cristalinas, a beleza das obras de arte e a elegância do mobiliário que guarneciam seus Ministérios e casas, até as melodias sublimes ouvidas por todos os moradores no final da tarde, ou quando das reuniões e preces. Diante de tal cenário, a referida cidade tornou-se um paradigma de céu para os “espíritos”, posto que, lá chegando, além dos cuidados ministrados em seus excelentes hospitais, posteriormente tem-se a possibilidade de morar em belas e confortáveis casas, juntamente com os entes queridos, todos devidamente protegidos pelas altas e seguras muralhas defensivas desta maravilhosa cidade, que tem o sugestivo nome de ‘*Nosso Lar*’ (CABRAL, 2011).

Em seguida, Cabral destaca a necessidade, para os espíritos, de “avaliar as informações recebidas” tendo como parâmetro a obra de Allan Kardec, em especial as questões 224 e 227 de *O Livro dos Espíritos*, que tratam sobre o destino da alma no intervalo entre encarnações e como esta se instrui neste intervalo. De acordo com as respostas dadas a Kardec e citadas por Cabral, estas “almas” “aspiram a seu novo destino” (KARDEC, 2007, p.131) e “estudam o seu passado” com o objetivo de “se elevarem” (KARDEC, 2007, p.132). Com essa finalidade, “veem e observam o que se passa nos lugares que percorrem; ouvem os conselhos dos homens esclarecidos e dos espíritos mais elevados que eles, e isso lhes dá ideias que não tinham” (KARDEC, 2007, p.132). Para Cabral, desta consulta à obra de Kardec, se pode concluir que

A vida espiritual não é igual à vida material, posto que a condição consciencial e emocional do indivíduo é outra, o meio é outro, a realidade é outra, a dimensão tempo/espaço é outra, as percepções e sensações são outras. A instrução dos espíritos errantes não se faz da mesma maneira que a dos encarnados; O progresso efetivo do espírito só se dá através da existência corpórea, que é quando ele põe em prática as novas ideias adquiridas no Espaço (CABRAL, 2011).

Cabral então questiona qual seria a necessidade da reencarnação para o espírito, se este já vive, no mundo espiritual, uma “verdadeira vida social, com todas as implicações geradas pelas

relações humanas que envolvem família, amigos, inimigos, trabalho e política” (CABRAL, 2011). Finaliza seu artigo solicitando aos espíritas que revejam

Certos conceitos através de um estudo sério e efetivo das Obras Básicas, para que nos emancipemos da ignorância que nos aflige, e nos faz escravos das informações mais absurdas, **que tomamos como verdade pelo simples fato de virem do plano espiritual através de um determinado Espírito, às vezes utilizando-se de nome respeitável, ou pela consideração devida ao médium através do qual se deu a comunicação**⁵⁵ (CABRAL, 2011) (Grifos nossos).

Outro autor que polemiza o conteúdo do *Nosso Lar* é Alamar Régis Carvalho⁵⁶, que critica o fato de muitos adeptos “endeusarem” o espírito André Luiz como se este fosse “São André Luiz”, e de demonstrarem certo grau de idolatria por este autor espiritual ao se portarem da forma “Mas se André Luiz disse, tem que ser feito!”. No entendimento de Alamar Régis,

Não é bem assim. André Luiz é um espírito que teve uma contribuição enorme, gigantesca, trouxe muitos ensinamentos, muitas ideias para pesquisas, para os espíritas, mas é importante ficar claro que trouxe a sua opinião pessoal com base em sua vivência, em uma parte, em uma favelinha lá no mundo espiritual. E que passou pra (sic) gente aqui o ideal do que ele conheceu lá, foi autorizado a passar para nós através da mediunidade de Chico Xavier, contando seus casos, seus relatos. (...) O companheiro “Irmão X” também disse que [André Luiz] trouxe a divisão ao movimento espírita brasileiro. É verdade, eu acredito nisso também, porque se observarmos bem, há um Espiritismo conforme trazido por Allan Kardec, porque Kardec não teve a menor pretensão de fundar igreja (CARVALHO, 2012).

Segundo Alamar, a proposta do Espiritismo “não foi ser religião, muito pelo contrário, servir como um instrumento a ser usado por todas as religiões e até pela ciência institucionalizada” (CARVALHO, 2012).

Critica o fato de “espíritos bons” que trazem aos adeptos mensagens consoladoras e bonitas, como Bezerra de Menezes, passar a ser tratado como “São Bezerra”, “Santa Joanna de Ângelis”, “São Emmanuel”, “São André Luiz”, o que considera como um “absurdo”. Alamar se pergunta por que André Luiz pode ser praticado, mas não questionado:

Quem disse que André Luiz não pode ser questionado? Aí aparece um companheiro para questionar coisas ditas por André Luiz, aí vem todo mundo contra ele: “Esse é o demônio! Esse é o mensageiro das trevas que veio aqui,

⁵⁵ Neste trecho, Maria das Graças Cabral faz alusão a recomendações de Kardec feitas em *O Livro dos Médiuns* e critica a tese da infalibilidade das comunicações espirituais vindas através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier.

⁵⁶ Alamar Régis Carvalho é Analista de Sistemas, professor, escritor e orador espírita. Foi apresentador do programa “Ampla Visão” na TV Gazeta, no ano de 2002, assim como de um programa diário na Rádio Mundial. (Adaptado do site Redevisão.net. Quem somos. Disponível em: <http://www.redevisao.net/default.php?page=quemsomos>. Acesso em 05 mai 2014.)

para perturbar! Está obsedado! Está perturbado! Ele está falando besteira, passando os pés pelas mãos! (CARVALHO, 2012).

Dentre os adeptos favoráveis ao *Nosso Lar*, destacamos Divaldo Pereira Franco⁵⁷, para quem *Nosso Lar* é uma “obra grandiosa do espírito André Luiz, narrando-nos dessas experiências fora do corpo físico, nós que estávamos acostumados a pensar ser o campo material o campo real” (FRANCO, 2013). Para Divaldo, André Luiz é um

Espírito admirável, que nos traz a revelação da vida além do véu e tira a sombra do país de lá, para que nós possamos nos preparar para a grande viagem de volta, para que logremos realizar a fusão do ego do “selfie”, e mantenhamos a nossa individualidade de espírito eterno, ou melhor, de espírito imortal assinalado pelas bênçãos de Deus (FRANCO, 2013).

Divaldo lembra a fria recepção que *Nosso Lar* teve após seu lançamento, ocasião na qual Chico Xavier recebeu centenas de cartas de pessoas e “ditos espíritas” revoltados com a descrição do *além* narrado pelo controverso André Luiz, “que naturalmente acreditavam em um céu de algodão, neste céu de fantasia das quimeras tradicionais, nesses arquétipos ancestrais dos mitos, incapazes de penetrarem e conhecer a realidade, porque ela afeta completamente o nosso comportamento” (FRANCO, 2013). Segundo Divaldo, Chico Xavier, acusado de farsante e mistificador, fica receoso e nega a André Luiz a dar continuidade ao trabalho iniciado: “Não posso, irmão, o livro foi mal recebido e eu tenho uma vasta correspondência de pessoas me acusando de farsa, de pessoas criticando-me, dizendo que são delírios. Eu me recuso!”. Segundo Divaldo, a solução encontrada pelo sujeito-narrador espiritual foi conduzir Chico Xavier a conhecer o *Nosso Lar* através de desdobramento⁵⁸. Para isso, bastaria a autorização de Emmanuel, reconhecido como mentor espiritual do médium mineiro. Com esta atitude, André Luiz pretendia que Chico Xavier, nos trabalhos seguintes, pudesse trazer aos leitores uma realidade mais fidedigna do *Nosso Lar*.

Defensora da revelação andreluizina, Suely Caldas Schubert explica os critérios de seleção das obras mediúnicas a serem publicadas pela Federação Espírita Brasileira – FEB, através de seu parque gráfico:

⁵⁷ Divaldo Pereira Franco é considerado pelo movimento espírita brasileiro um “apóstolo” do Espiritismo. Possui diploma de professor primário e trabalhou no antigo IPASE em Salvador. Aposentado desde a década de 1980, tornou-se conhecido como um dos maiores médiuns e oradores espíritas da atualidade, sendo considerado um dos maiores divulgadores da doutrina espírita por todo o mundo (Adaptado do site oficial de Divaldo Franco. <Disponível em: <http://www.divaldofranco.com.br/biografia.php>>. Acesso em 05 mai 2014.).

⁵⁸ Segundo Alves, desdobramento é “a faculdade anímica que permite ao espírito abandonar o corpo físico, seja por alguns instantes ou quando este não pode mais abrigá-lo” (ALVES, 2010. P.39).

A FEB sempre teve um critério de seleção – julgado por alguns como demasiadamente rigoroso – na escolha das obras mediúnicas que lhe são enviadas. Tais obras são submetidas a atencioso exame quanto à parte doutrinária, quanto ao conteúdo da mensagem e no que diz respeito ao vernáculo, propriamente dito. Quando a obra – seja de autor encarnado ou desencarnado – é válida, quando se apresenta como de valor no tocante a todos esses itens mencionados, quando o assunto enfocado é considerado importante para o movimento espírita, ela recebe uma recomendação para ser editada. Recomendação esta de várias pessoas que constituem o conselho editorial da FEB. Ao ser aprovada, ela já terá recebido sugestões e corrigendas dessas pessoas de reconhecida capacidade e competência, visando a aprimorá-la no tocante à sua forma de apresentação. (...) O rigoroso critério de seleção é, portanto, absolutamente necessário para que se mantenha o padrão de qualidade característico da FEB (SCHUBERT, 2010, p.166).

Vale destacar que, apesar de todo o rígido controle doutrinário da FEB explicitado por Schubert, a Federação não ficou isenta às críticas de adulteração⁵⁹ das psicografias de Chico Xavier, como em uma passagem de *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, onde é citado o nome de Roustaing como “missionário da fé” e auxiliar de Allan Kardec (SCHUBERT, 2010, p.119).

As vozes destas duas correntes de adeptos acerca das revelações trazidas por André Luiz em *Nosso Lar* são representativas do discurso de Bruno Latour acerca das controvérsias: “Temos que aprender a viver com duas vozes contraditórias que falam ao mesmo tempo, uma sobre a ciência em construção, outra sobre a ciência acabada” (LATOURE, 2011, p.21). Adaptando as ideias deste autor, podemos afirmar que os adeptos comprem, por assim dizer, um *valor de verdade* representado por uma das correntes: o dos opositores do *Nosso Lar* ou daqueles que aceitam as *verdades* da referida obra como *complementares* da doutrina espírita. Portanto, ao se tornar favorável a uma das duas correntes, “todas as outras afirmações *se tornam mais erradas* em razão dessa decisão” (LATOURE, 2011, p.41) (Grifos originais do autor).

2.5 As controvérsias em torno do Nosso Lar nos discursos de grupos espíritas no Facebook

Há muito as redes sociais virtuais produzidas, por exemplo, no *Facebook* mudaram a forma de comunicação com parentes, amigos, colegas de profissão, possibilitando o surgimento de novas formas de sociabilidade. O *ciberespaço* permite a produção de novos gêneros

⁵⁹ Essas acusações de supostas adulterações nas obras de Chico Xavier tiveram sua origem em 1942, quando o próprio médium, ao solicitar da Federação Espírita Brasileira os originais de *Paulo e Estevão* para revisão de algumas páginas, obteve a resposta de que os originais, após a publicação, eram inutilizados (SILVA, 1995, p.76).

discursivos, devido à forma pela qual se formula e circula o conhecimento. No caso específico do *Facebook*, as relações entre usuários podem ocorrer por meio do compartilhamento de fotos, vídeos, textos, artigos de jornais e portais, realização de campanhas, etc. (DIAS; COUTO, 2011, p.636-637). Este é, sem dúvida, o grande diferencial da Internet em relação a outras mídias: o próprio usuário é capaz de produzir discursos e elaborar a “pauta” a ser discutida nas redes sociais. Contudo, como bem enfatiza Halfeld:

Para produzir sentido, o sujeito deve estar inscrito em uma formação discursiva (FD), que, por sua vez, é sustentada por uma ou mais formações ideológicas. Uma formação ideológica corresponde ao imaginário de uma sociedade, à conjuntura definida pela luta de classes e pelo Estado; é o que produz o efeito imaginário de que o sujeito é dono de seu dizer, origem de seu discurso, centro do sentido. Ao produzir sentido, o sujeito se inscreve em uma posição enunciativa historicamente determinada e apropria-se de um já-dito, de uma projeção imaginária, (...) de acordo com a formação discursiva e ideológica em que se insere e orienta seu comportamento segundo essa projeção (HALFELD, 2013, p. 220).

Partindo deste princípio, é possível verificar que, para a produção ou renovação de controvérsias espíritas, o sujeito produtor do discurso, além do seu envolvimento pessoal com a crença kardecista, necessita apropriar-se de um discurso já dito, para requalificá-lo, atualizá-lo ou mesmo realizar críticas a esse discurso, de acordo com seu comportamento em relação a ele.

Alguns desses discursos são veiculados pelos adeptos do Espiritismo através do *Facebook* em forma de charges, um gênero que se caracteriza pela crítica ao que se considera errado, utilizando-se da caricatura, sátira e ironia. De acordo com Luciano,

A charge, por apresentar um texto supostamente despretenso, ou seja, por mostrar discursos “aparentemente neutros”, pode em sua superficialidade perdurar por pouco tempo, mas, sabe-se que não existe discurso neutro e sim que todo e qualquer discurso é carregado de crenças, valores e ideologias, de tal modo, é importante ressaltar que ampla pode ser a leitura interpretativa das charges, por nelas se constatar a presença da linguagem, da história e da ideologia (LUCIANO, 2012, p.3-4).

Com a finalidade de ilustrar as controvérsias do movimento espírita, e demonstrar que este é um tema dinâmico, vivo, que se reatualiza diariamente, selecionamos em grupos que atuam no espaço do *Facebook* algumas charges e propagandas que, no nosso entendimento, são representativas das controvérsias que discutimos no presente trabalho. Com esta finalidade, elaboramos, buscando uma melhor visualização, um quadro onde sistematizamos as fontes, agregando imagens e análise.



Fig.01 - Do grupo “Fórum Realmente Espírita”, possui por objetivo repelir o que o grupo entende como obras antidoutrinárias, ou seja, que não estão em conformidade com os princípios do Espiritismo tal qual elaborado por Allan Kardec, como o tema das crianças índigo, obras psicografadas por Chico Xavier, Divaldo Franco e *Os Quatro Evangelhos* de Jean Baptiste Roustaing. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=524545114330802&set=gm.522471747874182&type=1&theater>. Acesso em 17 março 2014.

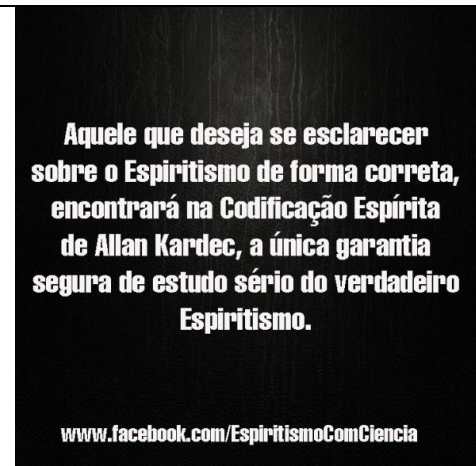


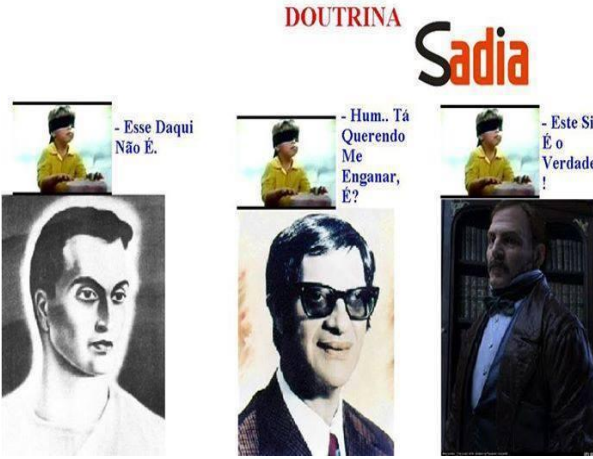
Fig. 02 – Publicação do grupo “Fórum Realmente Espírita” que busca ressaltar a importância de autor espírita de Allan Kardec, cujo trabalho frente à codificação seria a única de destaque produzida até o momento. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=628509420574858&set=gm.547332885388068&type=1&theater>. Acesso em 05 maio 2014.



Fig. 03 – Publicação da página “Espiritismo – Humor de outro mundo”, ironiza o fato da colônia espiritual *Nosso Lar* possuir uma “moeda”, o bônus-hora, como forma de remuneração aos espíritos envolvidos em atividades de trabalho. O sabão em pó *Rinso* também



Fig. 04 - Publicação da página “Espírita Travessa”. Através da ironia, critica a tese do *criptógamo carnudo* defendida por Jean Baptiste Roustaing em sua obra *Os Quatro Evangelhos – A Revelação da Revelação*. Disponível em:

existiria em <i>Nosso Lar</i>, deixando mais brancas as roupas dos espíritos. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/634805146591967. Acesso em 22 março 2014.	https://www.facebook.com/espíritatravessa/photos/a.762435800452759.1073741828.762357727127233/803525229677149/?type=1&theater. Acesso em 19 dezembro 2013.
	Isto é Que é: - O Verdadeiro Sabor Do Espiritismo. - Com 0% De Misticismos. 
Fig.05 – Do grupo “Fórum Realmente Espírita”, polemiza as controvérsias existentes entre o discurso de Allan Kardec nas obras da codificação espírita e as revelações apresentadas pela mediunidade de Chico Xavier através dos autores espirituais Emmanuel e André Luiz, que estariam discordantes do ensino kardequiano. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=700216883333484&set=gm.515173608603996&type=1&theater. Acesso em 02 março 2014.	Fig. 06 - Do grupo “Fórum Realmente Espírita”, defende a tese da pureza doutrinária espírita, ou seja, a ideia segundo a qual o “verdadeiro” Espiritismo, “genuíno”, “puro”, só se encontra nas obras de Allan Kardec, realizando alusão a uma recente campanha de <i>marketing</i> da Coca-Cola. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=511755608933540&set=gm.522617864526237&type=1&theater. Acesso em 17 março 2014.
	
Fig.07 – Da página “Espírita Travessa”, a imagem busca, por assim dizer, “alfinetar” os espíritas mais tendentes ao aspecto religioso da doutrina espírita,	Fig. 08 – Da página “Espiritismo – Humor de outro mundo”, polemiza o antagonismo do “verdadeiro” Espiritismo, de Allan Kardec, com o <i>Espiritismo à</i>

representado por Bezerra de Menezes, Chico Xavier, Emmanuel, André Luiz, Divaldo Franco e Joanna de Ângelis, todos vinculados à FEB – Federação Espírita Brasileira. Disponível em: https://www.facebook.com/espíritatravessa/photos/a.762435800452759.1073741828.762357727127233/766009990095340/?type=1&theater . Acesso em 16 outubro 2013.	<i>brasileira</i> construído pela FEB, de caráter religioso e cujas maiores figuras são Bezerra de Menezes, Chico Xavier e Divaldo Franco. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=212254358984587&set=gm.645807308825084&type=1&theater . Acesso em 30 março 2013.
--	--

Como é possível perceber ao analisar estes exemplos representativos da produção de um gênero discursivo espírita em grupos no *Facebook*, está implícito o conceito de *pureza doutrinária* na qual se destaca a importância do autor espírita Allan Kardec em detrimento de outros autores que pretendiam *complementar* o Espiritismo, a exemplo de Jean Baptiste Roustaing e Francisco Cândido Xavier/André Luiz. A oradora espírita Therezinha Oliveira reconhece a existência de um *caráter progressivo* da doutrina espírita, na qual podem ser incorporadas novas revelações dos espíritos ou descobertas da ciência, mas, para tal empreendimento de *complementação*, deve ser observado um ponto, para ela, fundamental: que essas revelações e descobertas não sejam incorporadas ao Espiritismo

Sem que passem, antes, pelo crivo da razão e, quando possível, da experimentação. Além disso, os princípios fundamentais da doutrina espírita já foram solidamente estabelecidos e não precisam nem devem ser alterados. A obra doutrinária de Kardec não será substituída e, sim, apenas analisada mais profundamente ou complementada no decorrer do tempo (OLIVEIRA, T., 2003, p.88).

Para Oliveira, é necessário saber diferenciar a doutrina espírita do movimento espírita. De acordo com esta autora, o movimento espírita é “o que os espíritas, os adeptos do Espiritismo, fazem (realizam) em nome dessa doutrina. O movimento espírita pode apresentar falhas, deturpações, acréscimos indevidos, tanto nas ideias quanto nas práticas espíritas” (OLIVEIRA, T., 2003, p.88). Na visão de Oliveira, tais falhas, deturpações e acréscimos indevidos pelo movimento espírita se devem a fatores como condicionamentos, por parte dos adeptos, da religião anterior e dos quais ainda sofre influência; a não assimilação do conteúdo doutrinário espírita; e tentativas de *mesclar* a doutrina kardecista com práticas, procedimentos e ensinamentos que não encontram-se em conformidade com a sua base doutrinária (OLIVEIRA, T., 2003, p.88-89). Oliveira conclui seu raciocínio afirmando que estas ocorrências trazem como consequência a perda das “diretrizes de raciocínio e bom senso, pode-se voltar às crendices, ao

mágico, sobrenatural, maravilhoso, ou à crença cega, às práticas exteriores mais diversas e estranhas, quem sabe até se retomar o domínio sacerdotal” (OLIVEIRA, T., 2003, p.89).

Portanto, tais representações do conceito de *pureza doutrinária* encontrados nestas charges e propagandas de grupos espíritas no *Facebook* estariam, de acordo com Durand, “ditando as intenções de produtores anônimos ou ocultos (...), às vezes velando a ideologia de uma ‘propaganda’, e noutras escondendo-se atrás de uma ‘publicidade’ sedutora... A importância da ‘manipulação icônica’ (relativa à imagem) todavia não inquieta. No entanto é dela que dependem todas as outras valorizações” (DURAND, 2011, p.33-34).

De acordo com Silva, tais produções discursivas como as encontradas no *Facebook* onde se desqualifica o *rival*, “é, talvez, um dos meios mais comuns na luta pelo poder. Pois quem faz a mediação entre os diversos agentes sociais é o discurso performativo, que pretende tornar real aquilo que enuncia” (SILVA, F., 2005, p.131). Para este autor, faz-se fundamental estar atento à questão dos discursos produzidos, pois existem outros grupos *rivais* que também tentam impor a sua visão de mundo: “a vitória, sempre provisória, se dá quando as fronteiras estabelecidas tornam-se ‘*naturais*’, esquecendo-se da arbitrariedade com que foram definidas” (SILVA, F., 2005, p.132) (Grifo original do autor).

A relação do Espiritismo kardecista com marcas como a Coca-Cola e a Sadia remete-nos à ressignificação de bens simbólicos de consumo que remeteriam a uma “crença no valor e na eficácia de seu próprio produto” (ARRIBAS, 2010, p.167). Na visão de Ehrenberg, de início, quando o homem deu início ao ato de consumir, o fazia para suprir necessidades básicas como a obtenção de conforto e atender funções fisiológicas, como a fome, o frio e abrigo. A partir do surgimento das sociedades medievais, o consumo passa a ser entendido como um ato de diferenciação social (EHRENBURG, 2012, p.06). Tal como ocorre no campo religioso, a escolha de uma determinada marca (produto) implica em um ato de valorização da pessoa em relação a determinado grupo, podendo “alterar seu nível social ou colocar em risco a sua reputação” (EHRENBURG, 2012, p.07). Como consequência, serão consumidos objetos que deixem claro qual seu estilo de vida, posição social ou forma de enxergar o mundo (EHRENBURG, 2012, p.07). Neste caso, ao relacionar o Espiritismo com marcas consideradas *top de linha* como a Coca-Cola e a Sadia, estes adeptos reafirmam que a doutrina espírita, tal qual elaborada e organizada por Allan Kardec, também é *top de linha* e está acima da visão religiosa defendida pela Federação Espírita Brasileira, que dá seu aval a nomes como Roustaing, Bezerra de Menezes, Chico Xavier e Divaldo Franco e que, na visão desses adeptos, são *impuros* e não complementares da obra kardecista.

3. O NOSSO LAR E O DISCURSO KARDEQUIANO: MAPEANDO AS CONTROVÉRSIAS

As controvérsias estão presentes por toda parte. Na doutrina espírita, ao longo deste trabalho, nos deparamos com várias como por exemplo: Kardec e Igreja Católica; Kardec e Roustaing; Telles de Menezes e espíritas franceses; Telles de Menezes e Igreja Católica; Espíritas místicos e Ortodoxos; Andreluizistas e Kardecistas. É possível perceber, que existem discordantes não satisfeitos com as afirmações de outrem, o que os leva a entrar em um combate ideológico. Como enfrentar essas controvérsias? Como passar para seu público que suas afirmações estão *certas*?

De acordo com Latour, a primeira tática de convencimento consiste na arregimentação de aliados e na formação de alianças, onde os autores conclamarão a outros adeptos que corroborem com sua argumentação. Com esse objetivo, levantarão referências bibliográficas de outros autores sobre o mesmo objeto. Desta forma, ao demonstrarem que contam com o apoio de outros pesquisadores, evitarão com que seus enunciados sejam fadados ao fracasso ou ao esquecimento pela sociedade (COLACIOS, 2008, p.04).

Na visão de Latour, se faz necessário para que uma literatura alcance o *status* de “científica”, que esta saia de seu isolamento e que, junto com textos de outros pesquisadores, tenha a capacidade de dar respostas para as controvérsias que possam surgir. Para Latour, esta saída do isolamento não seria apenas uma questão de retórica, mas essencial, pois entende que a *verdade* está do lado mais numeroso, ou seja, um cientista/autor/pesquisador sozinho não tem como mobilizar o mundo com seu enunciado, sem que obtenha o apoio da sociedade (COLACIOS, 2008, p.06). Latour denomina essa recorrência a aliados superiores e mais numerosos de *argumento da autoridade*, “ridicularizado tanto por filósofos como por cientistas, porque cria uma maioria com o propósito de impressionar o adversário mesmo que ele “possa estar certo”. A ciência é vista como o oposto do argumento da autoridade, na qual vencem muitos por terem a verdade ao seu lado” (LATOURE, 2011, p.46).

Segundo Teixeira, “Interessar, construir alianças, produzir provas, mobilizar o maior número de aliados e endurecer as provas são estratégias usadas para volver uma ficção em fato. No dizer de Latour, para deslocar-se da face direita de Janus à esquerda⁶⁰” (TEIXEIRA, 2001, p.268). De acordo com esta autora, desmontar uma argumentação não é uma tarefa fácil,

⁶⁰ Para Latour, as faces de Janus representam as duas faces da ciência: uma que sabe, e a outra que ainda não sabe. As duas faces de Janus, portanto, falam coisas completamente distintas uma da outra, sendo ilustrativas das controvérsias existentes na ciência em ação (Adaptado de LATOUR, 2011, p.11).

Exigiria um enorme esforço de mobilização de outras provas, novos documentos, novas análises de discurso e realização de outras entrevistas. Teríamos que nos apoiar na produção daqueles que desestabilizaram suas influências, produzindo um novo contexto de citações. O leitor é envolvido por conexões intrincadas de argumentos, citações e referências. Produzir essas conexões é produzir coerências onde elas não estão dadas. É produzir provas, coisas para serem vistas, observadas, comparadas e confrontadas (TEIXEIRA, 2001, p.269).

Como enfatiza Latour, se quisermos continuar na disputa da discussão de controvérsias, não poderemos não fixar a ler um único artigo e aos outros os quais este se refere; seremos obrigados também a ler todos os outros que convertem cada uma das operações realizadas pelo primeiro no estado de fato ou ficção, ou seja, “Cada vez mais artigos se envolvem no entrevero, e cada um deles posiciona todos os outros, mas nenhum deles é capaz de fixar essas posições sem a ajuda dos outros” (LATOURE, 2011, p.58).

As controvérsias no movimento espírita brasileiro, inegavelmente, se acentuam a partir da publicação por parte da Federação Espírita Brasileira das obras do médium Chico Xavier, contestadas por alguns espíritas, como já relatara Camargo:

Francisco Cândido Xavier, carinhosamente tratado por “Chico Xavier”, é o único médium no Brasil cuja influência se faz sentir de modo análogo à autoridade de Kardec na formação do Espiritismo nacional. (...) Chico Xavier, evitando as controvérsias doutrinárias, formulou o que se poderia chamar a teoria nacional do Espiritismo, dando relevo ao papel do Brasil na evolução da Terra. (...) A mensagem doutrinária de Chico Xavier, expressa em livros teóricos ou romances, tem a qualidade de poder ser lida e compreendida por pessoas de classes sociais e instrução as mais diversas. Suas obras, entretanto, não apresentam teoricamente o mesmo grau de autoridade que envolve os trabalhos de Kardec. Nos círculos espíritas mais intelectualizados, afirmações por ele psicografadas já foram discutidas e contestadas (CAMARGO, 1961, p. 04-05).

Cavalcanti (1983) também identificara em sua pesquisa de campo “linhas de controvérsia” no movimento espírita, reconhecendo que obtivera pouca informação sobre estas questões. De acordo com esta autora, que relata haver percebido em certos contextos uma oposição entre o que era tido como um caráter “evangélico” do Espiritismo e seu aspecto “intelectual”, tais afirmações “estão associadas, entre outras coisas, à predileção, aceitação ou não-aceitação de determinados autores espíritas. As instituições e pessoas “mais da parte evangélica”, aceitam, por exemplo, a obra de Roustaing, os outros não” (CAVALCANTI, 1983, p.26-27). No entendimento de Cavalcanti, estas tensões existentes no movimento espírita expressam “possibilidades diversas de leitura e vivência do Espiritismo, permitem entrever a

questão crucial da definição dos *critérios de verdade* nessa religião” (CAVALCANTI, 1983, p.28) (Grifo nosso).

As colônias espirituais são um dos temas mais acirrados de controvérsias no Espiritismo kardecista, com debates acalorados. Um dos autores que polemizam esta temática, Sergio Aleixo, assim se posiciona sobre a questão:

O conceito de mundos transitórios⁶¹ (Kardec assim o batizou) diz que, apesar da ausência de vida na superfície estéril de certos planetas, esses orbes destinados seriam aos espíritos errantes, os que habitariam para repouso, instrução e progresso. Tendo sido esse o caso da Terra durante sua formação, o conceito se vincularia obrigatoriamente à expectativa de que a vida se instale na superfície de tais planetas, ainda inapropriados a ela; apenas em transição para tanto. Desse modo, nada tem ele a ver com as estruturas conhecidas por colônias espirituais; edificações no além, algumas de séculos, protegidas por muralhas, armas e até animais, onde os habitantes teriam uma fruição de gozos e costumes tipicamente físicos, como nutrição, eventos pagos, empregos remunerados, casamentos, etc.; moradia de todos os tipos, com banheiro e cozinha, inclusive; assim como parques, plantações e fábricas, seja de suco, de roupas, de artefatos, etc., etc. À luz da codificação espírita, não passam de abusos ficcionais ditados nos interlúdios invigilantes de médiuns sem discernimento, que acreditam lhes baste a boa intenção e a cega confiança em seus guias para o exercício de suas faculdades (ALEIXO, 2013).

Já para o adepto e advogado Ricardo Malta, a temática das colônias espirituais está de acordo com a codificação espírita. Em sua argumentação, lembra a existência de obras anteriores a *Nosso Lar* que também trazem essa “revelação”, a exemplo de *Além do Véu*, de G. Vale Owen; *Raymond, uma prova de sobrevivência da alma*, de Oliver Lodge; *A Vida no outro mundo*, de Cairbar Schutel e *A crise da morte*, de Ernesto Bozzano. Segundo o entendimento de Malta, a obra de Bozzano teria um diferencial em relação às outras, sendo “a aplicação clássica e categórica do método CUEE⁶²” (MALTA, 2014, p.84). Para este pesquisador do Espiritismo, embora a codificação espírita elaborada por Allan Kardec afirme a não existência de locais determinados e circunscritos no plano espiritual, nesta também é dito que os espíritos “desencarnados” se reúnem por simpatia, ou seja, através da *lei de afinidade*. Uma colônia espiritual, argumenta Malta, não seria nada mais do que

Uma cidade fluídica, criada pelo próprio psiquismo dos espíritos, que se reúnem em grupos, por afinidade, constituindo “um mundo do qual o vosso dá uma

⁶¹ Na questão 234 de *O Livro dos Espíritos*, Kardec define os mundos transitórios como “destinados aos seres errantes, mundos em que eles podem habitar temporariamente, espécie de acampamentos, de lugares em que possam repousar de erraticidades muito longas, que são sempre um pouco penosas” (KARDEC, 2009, p.129). Este conceito é comumente associado pelos adeptos das teses de André Luiz à existência das colônias espirituais, fato que leva Sergio Aleixo a criticar esta associação.

⁶² Controle universal do ensino dos espíritos.

vaga ideia” (L.E. Q.278), ou, nas palavras do ilustre Léon Denis: “Espíritos similares se agrupam e constituem verdadeiras sociedades do invisível” (MALTA, 2014, p.84).

De acordo com Malta, a criação de uma colônia espiritual ocorreria através de uma utilização e manipulação, por parte dos espíritos, do fluído cósmico universal – FCU⁶³, conceito abordado por Allan Kardec em sua última obra, *A Gênese*:

No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem cessar de ser etéreo, passa por modificações tão variadas em seu gênero, e mais numerosas talvez, do que no estado de matéria tangível. (...) Uma vez que tudo é relativo, esses fluidos tem para os espíritos, que em si mesmo são fluídicos, uma aparência material quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados, e são para eles o que para nós são as substâncias do mundo terrestre; eles a elaboram, as combinam para produzir efeitos determinados como fazem os homens com seus materiais, embora usando processos diferentes (KARDEC, 2003, p.233).

Em relação a esta controvérsia acerca da existência das denominadas colônias espirituais, é de chamar a atenção como o discurso de Allan Kardec é reinterpretado por ambas as tendências em busca de legitimar suas *verdades* acerca deste ponto. Para os adeptos representados por Sergio Aleixo, nada há na obra de Kardec que legitime a existência das colônias; para aqueles representados por Ricardo Malta, a obra kardecista legitima a tese das colônias e, conseqüentemente, a tornaria uma *verdade* doutrinária.

Interessante se faz conhecer a visão de Roustaing acerca dos fluidos. De acordo com este autor, os espíritos, por sua própria vontade, atuam sobre os “fluidos ambientes”, atraindo, desta forma, os que lhe são necessários e combinam, para o homem, quadros os quais ele deveria ver. Tal técnica recebe de Roustaing o nome de “alucinações espíritas”, que seriam representações, “para olhos humanos, de uma coisa qualquer que não existe realmente, nem do ponto de vista material, nem do espiritual, e que não passa de ilusão produzida, sob a ação espírita, por uma simples combinação de fluidos” (ROUSTAING, 1999, p. 200-201). Como consequência, estes quadros apresentados pelos espíritos ao homem seriam quadros “de uma ilusão completa, ou a aparência de objetos, dando também completa ilusão da realidade” (ROUSTAING, 1999, p.201). De acordo com o discurso deste autor, podemos deduzir que o relato de colônias espirituais descritas pelos espíritos seriam quadros ilusórios, e não algo factível como *verdade*.

⁶³ Kardec explica que a qualificação de “fluidos espirituais” não é rigorosamente exata, “pois que, em definitivo, trata-se de matéria mais ou menos quintessenciada. Nada há de realmente espiritual senão a alma ou princípio inteligente. Eles são assim designados por comparação, e sobretudo em razão de sua afinidade com os espíritos. Pode-se dizer que é a matéria do mundo espiritual: é por isso que são chamados fluidos espirituais” (KARDEC, 2003, p.235). Alves define o *fluído cósmico universal* como sendo “o estado mais simples da matéria do qual se formaram todos os corpos celestes do Universo, inclusive Deus” (ALVES, 2010, p.58).

Se não há entendimento entre os adeptos acerca da existência das colônias espirituais, o cenário não é diferente em outra controvérsia baseada no relato de André Luiz sobre o *Nosso Lar*, a que afirma que no plano espiritual, os espíritos se alimentam tal como os “encarnados” fazem em sua passagem pela Terra. No Umbral, André Luiz descreve haver sido “torturado” pelas sensações de *fome* e *sede*, tendo se alimentado de verduras e bebido em filetes de água e até mesmo lama (LUIZ, 2008, p. 19; 21). Ao ser conduzido para *Nosso Lar* através de uma equipe de socorro que o retirou do Umbral, André Luiz descreve novas experiências de alimentação, ao tomar “caldo reconfortante, seguido de água muito fresca, que me pareceu portadora de fluidos divinos. (...) Não saberia dizer que espécie de sopa era aquela: se alimentação sedativa, se remédio salutar” (LUIZ, 2008, p.27).

Lísias, uma das personagens que busca esclarecer André Luiz sobre os pormenores da vida espiritual na colônia, relata que a alimentação era tão importante para espíritos recém-chegados ao *Nosso Lar*, que estes exigiam “mesas lautas e bebidas excitantes”, indo de encontro às recomendações da Governadoria que queria enquadrá-los às “leis da simplicidade” ensinando-os as técnicas de retirarem para si os princípios vitais necessários através da ciência da respiração e absorção desses princípios, o que causou grande polêmica, uma vez que colaboradores técnicos da própria colônia afirmavam que não era justo e nem possível desambientar esses “desencarnados” recém-chegados com exigências desse teor (LUIZ, 2008, p.62).

Tais relatos de André Luiz causaram grande controvérsia, pois em relação a esta temática da alimentação, os adeptos consideravam como uma certeza de que necessidades materiais não fariam parte da realidade do mundo dos espíritos. Porém, sobre isto, autores como Souza argumentam que:

A morte é só uma transição. Não é ruptura brusca, e quanto mais o espírito ainda está ligado à matéria, mais necessidades físicas e materiais ele terá, até que chegará o momento em que não estará mais tão ligado com a matéria, e consequentemente, essas necessidades diminuirão gradativamente (SOUZA, L., 2011, p.77).

De acordo com esta interpretação, os espíritos que se encontravam ainda mais “apegados” aos hábitos terrestres necessitariam alimentar-se em *Nosso Lar* como uma etapa de transição na qual deixariam este costume ao elevarem-se e desprenderem-se das necessidades terrenas, como comer e beber, sendo natural, então, que ainda convivessem com certas sensações físicas.

Em sua *Revista Espírita*, Allan Kardec se posiciona sobre a temática das sensações da fome e sede entre os espíritos, através da evocação de um espírito conhecido por Bizet, que trouxe um relato do que afirmara haver visto sobre este tema no mundo dos espíritos:

(...) Encontrei muitos amigos cujo acolhimento simpático me ajudou poderosamente a me reconhecer; mas também tive sob os olhos o atroz espetáculo da fome entre os espíritos. Encontrei lá em cima muitos desses infelizes que morreram nas torturas da fome, ainda procurando em vão satisfazer uma **necessidade imaginária**, lutando uns contra os outros para arrancar um pouco de comida que se esconde nas suas mãos, dilacerando-se uns aos outros e, se assim posso dizer, se entredevorando; uma cena horrível, pavorosa, ultrapassando tudo quanto a imaginação humana pode conceber de mais desolador!... Inúmeros desses infelizes me reconheceram, e seu primeiro grito foi: *Pão!* Era em vão que eu tentava lhes fazer compreender sua situação; eles estavam surdos às minhas consolações. – Que coisa terrível é a morte em semelhantes condições, e como aquele espetáculo é mesmo de natureza a fazer refletir sobre o nada de certos pensamentos humanos!... Assim, enquanto na Terra pensamos que os que partiram ao menos estão livres da tortura cruel que sofriam, percebemos no outro lado que não é nada disto, e que o quadro não é menos sombrio, embora os atores tenham mudado de aparência (KARDEC, 2000, p.07-08) (Grifo nosso).

Kardec registra seu posicionamento acerca do relato do espírito Bizet, por ele evocado:

A quem quer que não conheça a verdadeira constituição do mundo invisível, parecerá estranho que espíritos que, segundo eles, são seres abstratos, imateriais, indefinidos, sem corpo, sejam vítimas dos horrores da fome; mas o espanto cessa quando se sabe que esses mesmos espíritos são seres como nós, que tem um corpo fluídico, é verdade, mas que não deixa de ser matéria; que deixando o seu envoltório carnal, certos espíritos continuam a vida terrena com as mesmas vicissitudes, durante um tempo mais ou menos longo. Isto parece singular, mas assim é, e a observação nos ensina que essa é a situação dos espíritos que viveram mais a vida material do que a vida espiritual, situação por vezes terrível, porque a **ilusão das necessidades da carne** se faz sentir, e eles têm todas as angústias de uma **necessidade impossível de saciar**. O suplício mitológico de Tântalo, entre os antigos, acusa um conhecimento mais exato do que se supõe, do estado do mundo de além-túmulo, sobretudo mais exato do que entre os modernos (KARDEC, 2000, p.08) (Grifo nosso).

Ao comparar ambos os discursos representados por Souza e Kardec, se percebe que o único ponto no qual ambos concordam é que estas sensações são atribuídas a espíritos ainda atrelados à matéria; porém, em relação ao ato de alimentação em si, ambos são discordantes, uma vez que para Souza, a necessidade dos espíritos se alimentarem nada mais é que uma etapa de transição na qual os espíritos aos poucos vão se libertando das necessidades da matéria, enquanto que, para Kardec, esta necessidade se trata de uma ilusão impossível de ser saciada.

Se existem controvérsias entre os discursos de André Luiz em *Nosso Lar* com o discurso de Kardec, também é merecedora de atenção as semelhanças do relato feito pelo autor espiritual com a realidade socioeconômica do Brasil na década de 1940, contexto no qual surge este *best seller* de Chico Xavier. A narrativa de André Luiz em *Nosso Lar* se passa no ano de 1939 (LUIZ,

2008, p.154), e o lançamento de sua obra ocorre em 1944, período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). De acordo com Bercito, a década de 1940 foi *dividida ao meio*, nos quais seus primeiros cinco anos “foram marcados por formas trágicas de violência, nas quais revelou-se o lado mais sombrio do ser humano, expresso nos horrores do próprio combate, nas atrocidades do holocausto e da bomba atômica” (BERCITO, 1999, p.07). No Brasil, os primeiros cinco anos da década de 1940 se passaram no contexto do Estado Novo, sob o governo de Getúlio Vargas, que chega ao fim no mesmo ano do término do conflito mundial. É no período da Segunda Guerra Mundial que a humanidade irá se deparar com diversas inovações tecnológicas, que integrarão o cotidiano das pessoas, como a televisão e o avanço da aviação comercial⁶⁴ (BERCITO, 1999, p.13).

É ainda durante o Estado Novo que surge uma grande preocupação pelos riscos em manter a economia baseada na agricultura de exportação (caso do café) e, por isso, foram buscadas soluções que visavam a uma diversificação das atividades econômicas, ampliando o número de indústrias no país, impulsionadas por uma burguesia industrial que se consolidava cada vez mais como força política (BERCITO, 1999, p.32). Assim como em *Nosso Lar*⁶⁵, as indústrias que se destacavam no parque industrial brasileiro eram aquelas ligadas aos setores de alimentos, têxtil e produtos diversificados, como equipamentos, insumos e matérias-primas vindas do exterior, assim como havia necessidade por veículos e caminhões, peças de reposição e combustíveis (BERCITO, 1999, p.35).

Atendendo às reivindicações dos trabalhadores, Getúlio Vargas implanta a jornada de trabalho de oito horas (BERCITO, 1999, p.40), mesma quantidade de horas de trabalho que os habitantes de *Nosso Lar* estão submetidos, podendo excedê-las em até quatro horas, de acordo com a Governadoria (LUIZ, 2008, p.140). Os problemas de alimentação em *Nosso Lar* relatados por Lísias a André Luiz também encontram paralelo no contexto brasileiro da década de 1940: “A escassez de gêneros alimentícios era grande e, em razão disso, foram criados cartões de racionamento que estabeleciam um limite máximo do consumo de determinados produtos”⁶⁶ (BERCITO, 1999, p.49).

Essa semelhança de cenários entre o Brasil da década de 1940 e o relato de André Luiz em *Nosso Lar* é justificada pelos adeptos da tese andreluizina através do próprio discurso do

⁶⁴ Em *Nosso Lar*, seus habitantes já possuem televisão e se informam sobre os rumos da II Guerra Mundial através dela (LUIZ, 2008, p.153). Em relação à expansão da aviação comercial, poderíamos especular ser o *aeróbus* um paralelo com o crescimento desse setor.

⁶⁵ As indústrias citadas por André Luiz são de “preparação de sucos, de tecidos e artefatos em geral”, que geravam trabalho “a mais de cem mil criaturas, que se regeneram e se iluminam ao mesmo tempo” (LUIZ, 2008, p.169).

⁶⁶ Este fato se dá após a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial a partir de 31 de agosto de 1942 (BERCITO, 1999, p.49).

autor espiritual: de que quase tudo na colônia espiritual seria uma cópia melhorada da Terra (LUIZ, 2008, p.49). Tais semelhanças poderiam ser explicadas através de uma recorrência simbólica que permite a classificação de símbolos e a compreensão dos sentidos por eles agenciados, revestindo-se os sentidos simbólicos das roupagens culturais diferentes que se encontram em acordo com as épocas e os lugares nos quais aparecem (ALMEIDA; SANTOS, 2012, p.38). Segundo explicação de Almeida e Santos com base nas ideias de Durand, será a imaginação, com o amplo auxílio do imaginário, que “realiza uma função de esperança, de equilíbrio do mundo. O contato do homem com o tempo que passa e o aproxima de seu fim é fonte de angústia existencial” (ALMEIDA; SANTOS, 2012, p.41), angústia esta na qual o homem busca seu “lenitivo para sua finitude nas imagens que projeta ao mundo e que dele recebe, como num círculo sem começo ou fim” (ALMEIDA; SANTOS, 2012, p.42).

Ao retomar a teoria de Latour acerca das controvérsias, constatei a eficácia em deixar os atores envolvidos com as polêmicas doutrinárias do movimento espírita desdobrarem, por si mesmos, o leque de controvérsias nos quais estão envolvidos, pois, desta forma mantém-se certo grau de abstração e distanciamento do objeto ao limitar-nos a rastrear as controvérsias em vez de tentar lhes dar uma solução (LATOUR, 2012, p.44). De acordo com a teoria do ator-rede⁶⁷ defendida por Latour, é “possível rastrear relações mais sólidas e descobrir padrões mais reveladores quando se encontra um meio de registrar os vínculos entre quadros de referência instáveis e mutáveis, em vez de tentar estabilizar um deles” (LATOUR, 2012, p.45).

De acordo com Latour, há dois tipos de posicionamento para o estudo das controvérsias: a em que se decide restringir o leque de controvérsias ou a que vai levar em conta todas elas. No primeiro caso, Latour reconhece que embora este posicionamento possa funcionar bem, esta decisão pode limitar a análise das controvérsias estudadas a “situações rotineiras, frias, pacíficas”; enquanto que a segunda solução permite o acompanhamento de situações “conturbadas, quentes e radicais”, porém, neste caso, “temos que permitir que as controvérsias se desdobrem inteiramente” (LATOUR, 2012, p.46).

Ao permitir o desdobramento das controvérsias espíritas, pude perceber como a teoria de Latour se adequa ao debate de o que é, ou não, uma *verdade doutrinária complementar*:

(...) Os atores costumam criticar outras ações acusando-as de falsas, arcaicas, absurdas, irracionais, artificiais ou ilusórias. Assim como o desempenho do grupo mapeia a bem do pesquisador os antigrupos que constituem seu mundo

⁶⁷ De acordo com Latour, a teoria do ator-rede (ANT) pode ser compreendida como uma teoria “muito sólida (...) mas sobre *como* estudar as coisas, ou antes, sobre como *não* estudá-las. Melhor ainda: sobre como conceder aos atores espaços para se expressarem” (LATOUR, 2012, p.206).

social, relatos de ação acrescentam constantemente novas entidades e *eliminam* outras como ilegítimas (LATOURE, 2012, p.89).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi possível perceber com mais propriedade o quanto as controvérsias acompanham a doutrina espírita desde sua fundação por Allan Kardec em 1857, ano do lançamento de *O Livro dos Espíritos*. A primeira, e mais importante porque terá influência decisiva para a legitimação do Espiritismo em solo brasileiro como religião, é a advinda através da publicação de *Os Quatro Evangelhos – A Revelação da revelação*, de Jean Baptiste Roustaing, pois será através de suas teses em afinidade com os dogmas católicos, como a virgindade de Maria ou o conceito da carne como algo “sujo”, em razão do pecado original, que despertará naqueles adeptos mais afinizados com o Catolicismo, uma compreensão de que a doutrina kardecista vem complementar ou restaurar os ensinamentos de Jesus. Não à toa, o jornalista Olympio Telles de Menezes, em seus discursos, defenderá o ponto de vista de que, para ser espírita, não se faz necessário romper com a crença católica, posição que lhe custou uma advertência por escrito da parte de A. Didier.

Essa aproximação do Espiritismo com o Catolicismo no Brasil ocorre em virtude das primeiras traduções da obra de Roustaing para o português. Um dos mais ardorosos defensores da obra roustaingista é Bezerra de Menezes, que no papel de presidente da Federação Espírita Brasileira torna seu estudo obrigatório em conjunto com *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec. Bezerra tem papel fundamental na consolidação do Espiritismo no campo religioso brasileiro, ao buscar nas obras de Kardec pontos que não conflitassem com Roustaing, criando um novo discurso legitimatório kardecista-roustainguista que definirá o Espiritismo como religião.

Porém, será em virtude do trabalho realizado por Francisco Cândido Xavier que teremos uma avalanche de controvérsias no movimento espírita brasileiro, a partir da publicação de seu primeiro livro, *O Parnaso de além túmulo*, cuja autenticidade gerou grande polêmica entre os especialistas literários e, em relação ao âmbito doutrinário, com as obras do espírito André Luiz a partir da publicação de *Nosso Lar* em 1944. A descrição da vida pós-morte nesta obra teve como consequência o direcionamento de críticas a Chico Xavier e deu início a controvérsias que persistem até os dias atuais, a exemplo da existência das colônias espirituais, do umbral, da alimentação entre os espíritos e os conceitos roustaingistas nela encontrados.

A descrição feita por André Luiz de uma vida materializada no além como a relatada em *Nosso Lar* indica para uma proximidade desta obra com as teses expostas por Emanuel Swedenborg, que descreve, com base em suas visões, um céu com correspondências para com a vida na Terra, com jardins, templos, palácios e casas, a exemplo também da obra do reverendo G. Vale Owen, *A Vida além do véu*, que, segundo alguns críticos, foi fonte de inspiração para *Nosso Lar*, que recebeu a acusação de ter plagiado a obra de Owen em determinadas passagens⁶⁸. Em meu entendimento, tais descrições se distanciam do conceito de *além* estabelecido por Allan Kardec na codificação espírita, o que me leva a concordar com Silva quando este afirma que estas referências andreluizinas estão mais próximas de Swedenborg (e de Owen) do que de Allan Kardec (SILVA, F., 2007, p.42). Sobre este ponto, avanço em relação a Silva (2007) ao considerar *Nosso Lar* como uma obra que poderia ser compreendida como um hibridismo entre as obras de Swedenborg e Roustaing.

A teoria de Bruno Latour sobre as controvérsias e a de Foucault sobre a forma pela qual se regula o discurso de uma doutrina, estabelecendo o que pode ou não ser considerada uma *verdade doutrinária*, demonstram como ocorre no movimento espírita brasileiro uma disputa interna onde se batalha pela primazia em deter a autoridade de afirmar – e legitimar – o que é Espiritismo, em virtude de um entendimento de que as obras legadas por Allan Kardec – consideradas como básicas – necessitariam de uma atualização em seus aspectos religiosos e científicos. Desta forma, me deparo, ao longo deste trabalho, com a produção de um *jogo de vozes* repleto de simbolismos e controvérsias, onde o Espiritismo kardecista é reinterpretado por Bezerra de Menezes através da obra de Jean Baptiste Roustaing e de Swedenborg; onde Chico Xavier seria a reencarnação de Allan Kardec e o *Nosso Lar* uma obra que pode ser entendida como legitimadora da visão religiosa da Federação Espírita Brasileira, processo este iniciado com o lançamento de *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho* (1938). Estes discursos carregam em si próprios um simbolismo revestido das intenções de *poder e legitimação*, nessa “guerra” discursiva entre espíritas ortodoxos e religiosos, como fica explícito na obra *Estudando o Nosso Lar*, de Carlos Baccelli, que reproduz, em forma de romance, as controvérsias existentes no movimento espírita nacional.

O estudo das controvérsias existentes no movimento espírita brasileiro se faz necessário com o intuito de nos aproximarmos da compreensão de como se produz o discurso espírita na atualidade, visto que estes debates acerca de determinados pontos significa que ainda existem

⁶⁸ A respeito desta controvérsia, sugerimos a leitura do blog *Obras Psicografadas*, sobre as correlações entre a obra de Chico Xavier e do reverendo Owen: <http://obraspsicografadas.org/2011/novas-evidncias-sobre-as-correlaes-entre-a-vida-alm-do-vu-de-owen-e-nosso-lar-de-chico-xavier/> (Acesso em 30 mai. 2014).

temáticas que não estão totalmente consagradas pelos adeptos do Espiritismo. Entendo, pois, a necessidade de realização da *cartografia de controvérsias*, método capaz de deixar em evidência a forma pela qual os processos de construção do conhecimento são capazes de se amalgamar com os movimentos que constituem a própria rede, acentuando seu caráter contextual e contingencial (PEDRO, 2008, p.11).

É possível, então, afirmar que as controvérsias são definidas em momentos de disputa onde o pesquisador poderá observar a formação do social, em uma etapa onde as *verdades doutrinárias* do Espiritismo ainda não estão consolidadas, sendo motivo de conflitos, negociações e inúmeros debates, onde os atores produtores de discurso estão em desacordo entre si (FERREIRA, 2013, p.08).

Creio que, ao elencar as principais controvérsias existentes no movimento espírita, principalmente aquelas surgidas após a publicação do *Nosso Lar*, possibilita-se uma percepção mais abrangente de como o kardecismo está configurado na sociedade brasileira. Neste trabalho, busquei identificar o estabelecimento dos critérios de negociações e formulações do discurso espírita construído por seus seguidores no âmbito do campo religioso brasileiro e entender o processo de construção de conflitos entre os adeptos defensores de uma ortodoxia espírita com outras visões mais discriminadas.

Concluí, com base nos estudos realizados acerca das controvérsias, de que o Espiritismo tal qual é entendido hoje no Brasil e cujos princípios são “ditados” pela visão implantada pela Federação Espírita Brasileira (FEB), é, conforme já explorado por Stoll, uma reconstrução do Espiritismo francês elaborado por Allan Kardec. Complementando esta autora, entendo que as obras da codificação espírita Kardecista servem de base doutrinária para este *espiritismo à brasileira*, nos quais os novos processos discursivos e doutrinários implantados pela FEB a partir das obras de Roustaing, Bezerra de Menezes e Chico Xavier destinam-se a manter coeso o sistema de crenças e a produção de *verdades doutrinárias* conforme os critérios da FEB, que objetiva ter a primazia em poder afirmar o que é, ou não, Espiritismo.

REFERÊNCIAS

- ARRIBAS, Célia. **Afinal, Espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. São Paulo: Alameda, 2010.
- AUBRÉE, Marion. **A mesa, o livro e os espíritos:** gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. tradutores, Maria Luiza Guarnieri Atik... [et al.]; revisores de tradução, Gloria do Amaral... [et al.], revisão técnica, Ivanilda de Gusmão Verçosa. – Maceió: EDUFAL, 2009.
- BENCHAYA, Salomão (Org). **A Cepa e a atualização do Espiritismo.** Porto Alegre: Copy Star Ltda, 2001, 268p.
- BERCITO, Sonia. **O Brasil na década de 1940.** São Paulo: Editora Ática, 1999.
- BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** introdução, organização e seleção. Sergio Miceli. – 6.ed. – São Paulo: Perspectiva, 2005. – (Coleção estudos)
- CAMARGO, Cândido Procópio. **Kardecismo e Umbanda.** São Paulo: Biblioteca Pioneira de Estudos Sociais, 1961.
- _____. **Católicos, protestantes, espíritas.** Petrópolis: Vozes, 1973.
- CAVALCANTI, Maria Laura. **O mundo invisível – cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- COLACIOS, Roger. **Construindo as ciências:** Bruno Latour e as estratégias da literatura científica. Anais do XI Encontro Regional da Associação Nacional de História – ANPUH/PR “Patrimônio Histórico no século XXI”. Jacarezinho, dos dias 21 a 24 de Maio de 2008. ISSN: 978-85-61646-01-1.
- CORRÊA, José de Anchieta. **Morte.** – São Paulo: Globo, 2008. – (Filosofia frente & verso)
- COUTINHO, Emilia. MARQUES, Leonardo. **Compêndio de religiões e espiritualidades.** – 1.ed. – São Paulo: Ícone, 2010.
- DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo:** advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- DANTAS, Beatriz Góis Dantas. **Repensando a pureza nagô.** Rio de Janeiro: Religião e sociedade nº 8. Cortez Editora, 1982.
- DÍAS, Esther. **A filosofia de Michel Foucault.** São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem;** tradução Renée Eve Levié. – 5ª Ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2011. 124p. – (Coleção Enfoques. Filosofia).
- FERRATER MORA, José. **Dicionário de Filosofia.** Tomo IV. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2001.
- FERREIRA-SANTOS, MARCOS; Almeida, Rogério de. **Aproximações ao imaginário:** bússola de investigação poética. São Paulo: Képos, 2012.
- FERNANDES, Magali Oliveira. **Um herói brasileiro no universo da edição popular:** Chico Xavier. São Paulo: Annablume, 2008.
- _____. **Vozes do céu:** os primeiros momentos do impresso kardecista no Brasil. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- _____. **A arqueologia do saber.** Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. – 8. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- _____. **Microfísica do Poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FRANÇA, Dilaine Soares Sampaio de. **“De fora do terreiro”:** o discurso católico e kardecista sobre a umbanda entre 1940 e 1965. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2010. 330p.
- GIUMBELLI, Emerson. **O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n.19, p.247-281, julho de 2003.

- _____. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo** / Emerson Giumbelli – Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- GOMES, Adriana. **O imaginário místico e amalgamador de religiosidades brasileiras e a exegese científica do espiritismo francês: da inserção da doutrina espírita no Império à construção de sua legitimação religiosa no limiar da República**. PLURA, Revista de Estudos da Religião, ISSN 2179-0019, vol. 3, n° 1, 2012, p. 149-172.
- GONÇALVES, Iracilda Cavalcanti de Freitas. **Psicografia: verdade ou fé?** João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2010.
- _____. **Na discursivização de Nosso Lar: as verdades do Espiritismo**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011.
- _____. **Autobiografia de Nosso Lar: discurso espírita e escrita de si**. Religare 9 (1), 92-101, março de 2012.
- JOÃO, do Rio. **As religiões no Rio**. [apresentação João Carlos Rodrigues]. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. (Sabor literário)
- LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade**. tradução Ivone C. Benedetti; revisão de tradução Jesus de Paula Assis. – 2.ed. – São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- _____. **Reagregando o social**. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.
- LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- _____. **Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista**. Revista de Ciências Sociais Civitas, v.6, n.2, jul-dez. 2006. <Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/60/60>>. Acesso em 24 de maio 2011.
- _____. **Chico Xavier e a cultura brasileira**. <Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v44n1/5341.pdf>>. Acesso em 04 de outubro 2012.
- _____. **O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o Espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Edições Antares. Brasília: INL, 1983.
- _____. Apresentação. In: FERNANDES, Magali Oliveira. **Vozes do céu: os primeiros momentos do impresso kardecista no Brasil**. 2ª edição. / Magali Oliveira Fernandes. – São Paulo: Annablume, 2010.
- MORAES, Ângela. **Espiritismo, Globalização e Multiculturalismo**. <Disponível em: http://www.gers.com.br/pag_artigos/artigos/espiritismo_globalizacao_multiculturalismo.pdf>. Acesso 11 out. 2012.
- OLIVEIRA, Fábio Fidelis. **Religião e cultura local: estudo de dois grupos espíritas potiguares**. Natal, 2009. 115 f. Dissertação de Mestrado UFRN.
- PITTA, Danielle. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005. – (Coleção Filosofia)
- POSSEBON, Fabrício. Posfácio. In: GONÇALVES, Iracilda. **Na discursivização de Nosso Lar: as verdades do Espiritismo**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011.
- PRANDI, Reginaldo. **Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- RICHER, Charles. **Tratado de Metapsíquica: (tomo I)**. Tradução de Victor Tollendal Pacheco. – 2.ed. rev. – São Paulo: LAKE, 2008.
- SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. Versão ver. e ampl. pelo autor. – Campinas, SP: Editora Átomo, 2004.

- SELL, Carlos Eduardo. **Mística e sociedade**. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí; São Paulo: Paulinas, 2006.
- SILVA, Eliane Moura. **Vida e morte: o homem no labirinto da eternidade**. Instituto de Filosofia de Ciências Humanas, 1993. Universidade Estadual de Campinas, 245 f. (Tese de Doutorado).
- _____. **O Espiritualismo no século XIX: reflexões teóricas e históricas sobre correntes culturais e religiosidade**. 2ª edição. IFHC/Unicamp: 1999.
- SILVA, Fábio Luiz da. **Espiritismo: história e poder (1938-1949)**. Londrina: Eduep, 2005.
- _____. **Céu, inferno e purgatório: representações espíritas do além**. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2007. Universidade Estadual Paulista, 169 f. (Tese de Doutorado).
- SOUTO MAIOR, Marcel. **As vidas de Chico Xavier**. Biografia Definitiva. Editora Leya, 2010.
- _____. **Kardec: a biografia**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2013.
- STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Curitiba: Editora Orion, 2003.
- _____. **Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação**. Estudos Avançados 18 (52), 2004. <Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a13v1852.pdf>>. Acesso 24 maio 2011.
- _____. **Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil**. <Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v45n2/a03v45n2.pdf>>. Acesso 04 out. 2012.
- TEIXEIRA, Márcia. **A ciência em ação: seguindo Bruno Latour**. História, Ciências, Saúde Vol. VIII (1). Mar.-Jun. 2001.
- VANNINI, Marco. **Introdução à mística**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- VIDAL, Fabiano. **A produção de verdades no Espiritismo: as controvérsias entre Allan Kardec e J. B. Roustaing**. I Simpósio Regional Nordeste da Associação Brasileira de História das Religiões - ABHR - 28/05 a 31/05 de 2013, Campina Grande (PB), GT 12 - Religiões mediúnicas: trânsito religioso, diálogo e interlocuções.
- VILHENA, Maria Angela. **Espiritismos: limiares entre a vida e a morte**. 1. ed. – São Paulo: Paulinas, 2008. – (Coleção temas do ensino religioso. Série tradições religiosas)

Obras espíritas

- AGARIDO, Cristiano. **Contemporâneos de Kardec**. Reformador. Ano LXV, nº 09, setembro 1947, p.05
- ALEIXO, Sergio. **O que é Espiritismo**. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2003.
- ALVES, Waldon. **Espiritismo de A a Z/ Waldon Volpiceli Alves**. – São Paulo: Universo dos Livros, 2010.
- ANJOS, Luciano dos. **Os adeptos de Roustaing**. Rio de Janeiro: AEEV, 1993.
- ARAIA, Eduardo. **Espiritismo – doutrina de fé e ciência**. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- _____. **Chico Xavier – Uma missão de amor**. Editora Claridade, São Paulo: 2007. (Coleção Saber de tudo)
- BRITO, Chrysanto. **Allan Kardec e o Espiritismo**. Rio de Janeiro: Editora Eco, 1983.
- COELHO, Abílio Costa. **Allan Kardec, o pai do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores Ltda, 1982.
- DENIS, Léon. **Depois da morte**. Tradução de Maria Lucia Alcantara de Carvalho. – 3.ed. – Rio de Janeiro: CELD, 2008.
- DIAS, Krishnamurti. **O Laço e o culto**. Santos, SP: DICESP, 1985.
- DOYLE, Conan. **A História do Espiritismo**. São Paulo: Pensamento, 1995.
- FERREIRA, Inácio (Espírito). **Estudando “Nosso Lar”**. [psicografado por] Carlos A. Baccelli. – Uberaba, MG: Livraria Espírita Edições “Pedro e Paulo”, 2009.
- FILHO, Júlio Abreu. PIRES, José Herculan. **O Verbo e a Carne**. São Paulo: Edições Cairbar, 1973.

- GARCIA, Wilson. **Uma janela para Kardec**. Capivari, SP: Editora Eldorado e Opinião E., 1ª edição, 1996.
- LEX, Ary. **Pureza Doutrinária**. São Paulo: Edições FEESP, 1996.
- LUIZ, André (Espírito). **Nosso Lar** / ditado pelo Espírito André Luiz; [psicografado por] Francisco Cândido Xavier. – 60. ed. – 1ª Reimpressão – Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2008.
- LUZ, Heitor. **Doutrinas**. Reformador, ano LX, nº 03. Março 1942.
- MENDONÇA, Melchior. **O “Nosso Lar” e a Lei da Evolução**. Reformador, ano LXIII, nº 02. Fevereiro 1945.
- MIRANDA, Hermínio. **Swedenborg – uma análise crítica**. Rio de Janeiro: Edições Léon Denis, 2005.
- NETO, Alexandre Caldini. **Espiritismo**. Núcleo Espírita de Estudos e Assistência 22 de Setembro. Editora Abril, 2003. (Super Interessante. Coleção para saber mais)
- OLIVEIRA, Therezinha. **Espiritismo: a doutrina e o movimento**. 2.ed. Campinas, SP: Centro Espírita Allan Kardec, Depto Editorial, 2003.
- OWEN, G. Vale. **A vida além do véu**. [tradução de Carlos Imbassahy]. – 6.ed. – Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1998.
- KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**: Filosofia espiritualista. Allan Kardec; tradução de José Herculano Pires. 66ª edição. São Paulo: Lake, 2009.
- _____. **O Livro dos Médiuns**. Allan Kardec; tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, SP, IDE, 83ª edição, 2007. 464p.
- _____. **O Livro dos Médiuns**. Allan Kardec; tradução da 2ª edição francesa por J. Herculano Pires. São Paulo: Lake, 2010.
- _____. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Allan Kardec; tradução de José Herculano Pires. 62ª edição. São Paulo: Lake, 2006.
- _____. **Obras Póstumas**. Allan Kardec; tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, SP, IDE, 27ª edição, 2008. 288p.
- _____. **A Gênese: os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo**. Allan Kardec; tradução de Victor Tollendal Pacheco; apresentação e notas de J. Herculano Pires. 21ª edição. São Paulo: Lake, 2003.
- _____. **O Que é o Espiritismo**. Allan Kardec; tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, SP, IDE, 74ª edição, 2009.
- _____. **O Principiante Espírita**. Allan Kardec; tradução de Júlio Abreu Filho. São Paulo: Editora Pensamento, 1956.
- _____. **O Principiante Espírita**. Allan Kardec; tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Lake, 2003.
- _____. **O Céu e o inferno (ou a Justiça Divina) Segundo o Espiritismo** / Allan Kardec; tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, SP: IDE, 51ª edição, 2008.
- _____. **Revista Espírita**. Segundo ano – 1859. Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, SP: IDE, 1993.
- _____. **Revista Espírita**. Quarto Ano – 1861. Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, SP, IDE, 1ª edição, 1993.
- _____. **Revista Espírita**. Décimo Primeiro Ano – 1868. Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, SP, IDE, 1ª edição, 2000.
- _____. **Revista Espírita**. Segundo ano – 1869. Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, SP: IDE, 1993.
- _____. **Revista Espírita**. Ano décimo segundo - 1869. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005.

- MALTA, Ricardo. **Colônias espirituais: análise doutrinária**. Revista Internacional de Espiritismo. Ano LXXXIX – nº 2, Matão, março de 2014.
- MUNIZ, Kiko Souza. **Nosso Lar e o Oscar 2011**. Pensador: João Pessoa, Ano 05, Outubro de 2010, nº 63, p.10.
- NOBRE, Marlene. **À luz do eterno recomeço**. São Paulo: FE Editora, 2011.
- PIRES, José Herculano. **A pedra e o joio**. São Paulo: Edições Cairbar, 1975.
- RIBEIRO, Guillon. **Jesus, nem Deus, nem Homem**; sua posição espiritual com relação a Deus e aos homens / estudos coordenados por Guillon Ribeiro. – 4.ed. – Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.
- SANTOS, Dalmo Duque dos. **Nova História do Espiritismo**. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2010.
- SCHUBERT, Suely Caldas. **Testemunhos de Chico Xavier**. 4.ed. – Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.
- SCOQUI, Isabel. VIEIRA, Marco Antônio. **As surpresas da cidade espiritual Nosso Lar**. Capivari, SP: Editora EME, 2010.
- SILVA, Gélvio Lacerda da. **Conscientização Espírita**. Capivari, São Paulo: Eme Editora, 1995.
- SOUZA, Luís Eduardo. **Desvendando o Nosso Lar**. São Paulo: Universo dos Livros, 2011.
- SOUZA, Worney Almeida de. **Chico Xavier e André Luiz** – As fronteiras da vida e da morte na colônia Nosso Lar. São Paulo: Editora Escala, s.d.
- STANLEY, Michael. **Emmanuel Swedenborg**. Tradução José Arnaldo de Castro. São Paulo: Madras, 2007.
- SWEDENBORG, Emanuel. **O Céu e as suas maravilhas e o Inferno, segundo o que ouvido e visto**. Tradução Cristóvão R. Nobre. – Edições das Doutrinas Celestes para a Nova Jerusalém, Brasil, 2005.
- TOURINHO, Nazareno. **As tolices e pieguices da obra de Roustaing**. Edições Correio Fraterno, São Bernardo do Campo. SP, 1999.
- VIDAL, Fabiano. **Breve História do Espiritismo**. Florianópolis: Bookess Editora, 2012.
- XAVIER, Francisco Cândido. **Cidade no Além** / Francisco Cândido Xavier, Heigorina Cunha, espíritos de André Luiz e Lucius. Organização de Salvador Gentile. Araras, SP, 34ª edição, IDE, 2008.

MEIO ELETRÔNICO

- AGÊNCIA ESTADO. **Com orçamento recorde, “Nosso Lar” chega aos cinemas**. <Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,com-orcamento-recorde-nosso-lar-chega-aos-cinemas,604688,0.htm>>. Acesso em 20 mar. 2013.
- ALEIXO, Sergio. **Emanuel Swedenborg**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <fabianovidal.ufpb@hotmail.com.br> em 26 agosto 2014.
- _____. **O rustenismo nas obras de Chico Xavier**. <Disponível em: <http://oprimadodekardec.blogspot.com.br/2011/02/capitulo-13-o-rustenismo-nas-obras-de.html>>. Acesso 14 abr. 2014.
- _____. **Sobre André Luiz**. <Disponível em: <http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com.br/2010/09/sobre-andre-luiz.html>>. Acesso 01 nov. 2013.
- _____. **O espaço e os mundos: não, colônias espirituais**. <Disponível em: <http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com.br/2013/05/o-espaco-e-os-mundos-nao-colonias.html>>. Acesso 03 mai 2013.
- ANJOS, Luciano dos. **Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879)**. <Disponível em: http://www.grupodosoito.com.br/subpaginas/roustaing_mess.htm>. Acesso em 10 mar. 2014.

_____. **O verdadeiro André Luiz.** Disponível em: <<http://www.grupodosoito.com.br/subpaginas/faustino.htm>>. Acesso em 04 out.14

APONTAMENTOS BIOBIOGRÁFICOS. Adolfo Bezerra de Menezes. <Disponível em: <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Adolfo-Bezerra-de-Menezes.pdf>>. Acesso em 10 mar.2014.

ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS ESPÍRITAS ALLAN KARDEC. **Allan Kardec.** <Disponível em: <http://www.allankardec.nl/#!allankardecpor/c1xoo>>. Acesso em 25 agosto 2014.

BASTIDORES espirituais do filme Nosso Lar. **Entrevista com Suely Caldas Schubert.** 30'06". Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=RL_3bgoNPHk>. Acesso em 27 nov. 2012.

BORGIO, Érico. **Crítica Nosso Lar: Empenho técnico, retrocesso narrativo.** <Disponível em: <http://omelete.uol.com.br/cinema/critica-nosso-lar/>>. Acesso em 20 mar. 2013.

CABRAL, João Batista. **Obras de André Luiz pela ordem cronológica.** Disponível em: <http://www.ade-sergipe.com.br/sys_sistema/upload_dir/OBRAS_DE_ANDRE_LUIZ_-_NWEB.doc>. Acesso em 07 set. 2013

CABRAL, Maria das Graças. **Umbral e Nosso Lar - Uma realidade não existente face a Doutrina dos Espíritos.** <Disponível em: <http://umolharespirita1.blogspot.com.br/2011/10/nosso-lar-e-umbral-uma-realidade-nao.html>>. Acesso 05 mai 2014.

CARVALHO, Alamar Régis. **Espiritismo com Kardec & Espiritismo sem Kardec.** <Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=7AWjUITGMuk&list=PLCB3A017795A64B6F>>. Acesso em 03 mai 2014.

_____. **Quem somos.** <Disponível em: <http://www.redevisao.net/default.php?page=quemsomos>>. Acesso em 05 mai 2014.

CENTRO ESPÍRITA FRANCISCO XAVIER DOS SANTOS. **Suely Caldas Schubert.** <Disponível em: <http://www.centroespiritafxs.com.br/Pessoas/Pessoa%20suely%20caldas%20schubert.htm>>. Acesso em 25 nov.2013

CEPA BRASIL. **Quem somos.** <Disponível em: <http://cepabrasil.blogspot.com.br/>>. Acesso em 18 abril 2014.

CRUZ, Valdo. **Apesar de tom didático, "Nosso Lar" torna atraente história espiritual.** <Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1209201014.htm>>. Acesso em 20 mar. 2013.

DEPARTAMENTO DE INFÂNCIA E JUVENTUDE – DIJ. **Mensagem de Allan Kardec (Espírito).** <Disponível em: <http://dijfergs.wordpress.com/2012/11/19/mensagem-de-allan-kardec-espirito/>>. Acesso em 13 abril 2014.

DIAS, Cristiane; COUTO, Olivia Ferreira do. **As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias.** Ling. (dis)curso, Tubarão, v. 11, n. 3, Dec. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322011000300009&lng=en&nrm=iso>. access on 06 May 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1518-76322011000300009>.

EHRENBERG, Karla. **O consumo simbólico e a vida cotidiana.** <Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/1_Ecom%202012/GT1/6.O%20consumo%20simb%C3%B3lico_Karla%20Caldas%20Ehrenberg.pdf>. Acesso em 25 jul. 2014.

ENTREVISTA SOBRE A CEPA. **Entrevista com o presidente da CEPA, Milton R. Medran Moreira** <Disponível em: http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/M_autores/mauricio_sergio_Cepa_Entrevista_historia.htm>. Acesso em 18 abril 2014

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Origens.** <Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/origens/>>. Acesso em 17 abr. 2014.

_____. **Leopoldo Cirne.** <Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Pesquisa/Textos/Leopoldo%20Cirne.pdf>>. Acesso em 26 nov. 2013

FERREIRA, Leonardo. **Teoria Ator Rede I: Críticas (à cartografia de controvérsias).** Performances Interacionais e Mediações Sociotécnicas. Salvador – 10 e 11 de outubro de 2013. <Disponível em: http://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/09/13n1_teorias_49474.pdf>. Acesso em 09 abr. 2014.

FRANCO, Divaldo. **Biografia.** <Disponível em: <http://www.divaldofranco.com.br/biografia.php>>. Acesso em 05 mai 2014.

_____. **Nosso Lar e o mundo espiritual.** <Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jrcwOT4BII>>. Jun. 2013. Acesso em 05 mai 2014.

GOMES, Goulart. **Sobre Nosso Lar, de André Luiz e Chico Xavier: o livro e o filme.** <Disponível em: <http://www.bahiaespirita.com.br/noticias/298-destaques-principal/557-examina-o-tamanho-da-tua-fe.html>>. Acesso em 24 jun. 2013

HALFELD, Paula. **A produção do humor na rede social Facebook.** Revista Solettras. N.26. 2013.2. <Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/7319/7896>>. Acesso em 06 mai 2014.

JARDIM, Lauro. **O espírita “Nosso Lar” bate recorde de bilheteria.** <Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/cultura/o-espirita-nosso-lar-bate-recorde-de-bilheteria/>>. Acesso em 23 jun. 2013.

LARA, Eugênio. **História Ilustrada do Espiritismo.** <Disponível em: [http://www.autoresespiritasclassicos.com/Historia/Obras%20Raras/Hist%C3%B3ria%20Ilustrada%20do%20Espiritismo%20no%20Brasil%20\(Eugenio%20Lara\).pdf](http://www.autoresespiritasclassicos.com/Historia/Obras%20Raras/Hist%C3%B3ria%20Ilustrada%20do%20Espiritismo%20no%20Brasil%20(Eugenio%20Lara).pdf)>. Acesso em 18 abr. 2014.

LEMONS, Rafael. **Famosos comparecem à pré-estreia de “Nosso Lar”.** <Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/famosos-comparecem-a-pre-estreia-de-nosso-lar>>. Acesso em 23 jun. 2013.

LUCIANO, Jociane. **O gênero discursivo charge e as condições de produção.** <Disponível em: <http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/119-Artigo.pdf>>. Acesso em 06 mai 2014.

NOSSO LAR – O FILME. **Nosso Lar pelo mundo.** <Disponível em: <http://nossolar-ofilme.blogspot.com.br/>>. Acesso em 07 out. 2013.

O QUE É A CEPA. <Disponível em: http://www.cepainfo.org/index.php?option=com_content&view=article&id=309&Itemid=7&lang=pt>. Acesso em 18 abril 2014

PEDRO, Rosa. **Redes e controvérsias: ferramentas para uma cartografia da dinâmica psicossocial.** Jornadas Latino-Americanas de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias. 28-29-30 de maio de 2008 Rio de Janeiro, RJ Brasil. <Disponível em: www.necso.ufrj.br/esocite2008/trabalhos/36356.doc>. Acesso em 09 abr. 2014

PIPOCA MODERNA. **Estreia de Chico Xavier é recorde de público do cinema nacional.** <Disponível em: <http://pipocamoderna.com.br/estreia-de-chico-xavier-bate-recorde-de-publico-do-cinema-nacional/22859>>. Acesso em 23 jun. 2013.

PORTAL DO ESPÍRITO. **Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, primeiro centro espírita do mundo.** <Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/mundo-espirita/sociedade-parisiense.html>>. Acesso em 18 abril 2014.

ROXO, Elisângela. **“Nosso Lar” supera “Chico Xavier” em público e arrecadação de bilheteria.** <Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/809641-nosso-lar-supera-chico-xavier-em-publico-e-arrecadacao-de-bilheteria.shtml>>. Acesso em 20 mar. 2013.

SANTANA, Ana Lúcia. **Emanuel Swedenborg.** <Disponível em: <http://osmaioresdahumanidade.blogspot.com.br/2013/08/os-habilidosos-de-tudo-emanuel.html>>. Acesso em 13 jun.2013

STYCER, Mauricio. **Onde foram gastos os R\$ 20 milhões de “Nosso Lar”?** <Disponível em: http://mauriciostycer.blog.uol.com.br/arch2010-09-05_2010-09-11.html#2010_09-06_10_16_39-143380757-0>. Acesso em 24 jun. 2013.

VIDA E OBRA DE EMANUEL SWEDENBORG. <Disponível em: <http://www.swedenborg.com.br/>>. Acesso em 13 jun. 2013.